



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO

ELISA MANUELA FERREIRA CARDOSO

**MOVIMENTO #MARIELLEPRESENTE EM TEMPOS DE NET-
ATIVISMO: As redes, a indignação e as lutas na afirmação da
cidadania**

GOIÂNIA

2020

**TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR
VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES E DISSERTAÇÕES
NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG**

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo das dissertações e teses disponibilizados são de responsabilidade exclusiva dos autores. Ao encaminhar(em) o produto final, o autor e o orientador firmam o compromisso de que ele não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do material bibliográfico: Dissertação [] Tese

2. Identificação da Tese ou Dissertação:

Nome completo do autor: ELISA MANUELA FERREIRA CARDOSO

Título do trabalho: MOVIMENTO #MARIELLEPRESENTE EM TEMPOS DE NET-ATIVISMO: AS REDES, A INDIGNAÇÃO E AS LUTAS NA AFIRMAÇÃO

3. Informações de acesso ao documento: DA CIDADANIA

Concorda com a liberação total do documento SIM [] NÃO¹

Independente da concordância com a disponibilização eletrônica, é imprescindível o envio do(s) arquivo(s) em formato digital PDF da tese ou dissertação.

Elisa Manuela Ferreira Cardoso
Assinatura do(a) autor(a)²

Ciente e de acordo:

Assinatura do(a) orientador(a)²

Data: 14 / 04 / 2020

¹ Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

² As assinaturas devem ser originais sendo assinadas no próprio documento, imagens coladas não serão aceitas.



MOVIMENTO #MARIELLEPRESENTE EM TEMPOS DE NET-ATIVISMO: As redes, a indignação e as lutas na afirmação da cidadania

Elisa Manuela Ferreira Cardoso

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM), nível de mestrado, na Faculdade de Informação e Comunicação (FIC) da Universidade Federal de Goiás (UFG), para obtenção do título de Mestre em Comunicação.

Área de concentração: Comunicação, Cultura e Cidadania

Linha de Pesquisa: Mídia e Cidadania

Orientador: Prof. Dr. Tiago Mainieri de Oliveira

Goiânia, março de 2020

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Cardoso, Elisa Manuela

MOVIMENTO #MARIELLEPRESENTE EM TEMPOS DE NET
ATIVISMO: [manuscrito] : As redes, a indignação e as lutas na afirmação
da cidadania / Elisa Manuela Cardoso. - 2020.
110, CX f.: il.

Orientador: Prof. Dr. Tiago Mainieri .
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás,
Faculdade de Informação e Comunicação (FIC), Programa de Pós
Graduação em Comunicação, Goiânia, 2020.

Bibliografia.

Inclui siglas, lista de figuras.

1. Conversação em rede. 2. Net-ativismo. 3. #MarielleFranco. 4.
Análise de Redes Sociais . 5. Twitter. I. Mainieri , Tiago, orient. II.
Título.

CDU 007



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO
ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO

Ata nº **12/2020** da sessão de Defesa de Dissertação de **ELISA MANUELA FERREIRA CARDOSO**, que confere o título de Mestra em **Comunicação**, na área de concentração em **Comunicação, Cultura e Cidadania**.

Aos **vinte dias de março** de dois mil e vinte, a partir das **treze horas e trinta minutos**, via **Webconferência**, realizou-se a sessão pública de Defesa de Dissertação intitulada “**MOVIMENTO #MARIELLE PRESENTE EM TEMPOS DE NET-ATIVISMO: As redes, a indignação e as lutas na afirmação da cidadania**”. Os trabalhos foram instalados pelo Orientador, Professor Doutor **Tiago Mainieri de Oliveira (PPGCOM/FIC/UFG)** com a participação dos demais membros da Banca Examinadora: Professor Doutor **Viktor Henrique Carneiro de Souza Chagas (PPGCOM/UFF)**, membro titular externo; Professor(a) Doutor(a) **Goiamérico Felício Carneiro dos Santos (PPGCOM/FIC/UFG)**, membro titular interno; **cujas participações ocorram através de videoconferência**. Durante a arguição os membros da banca **não fizeram** sugestão de alteração do título do trabalho. A Banca Examinadora reuniu-se em sessão secreta a fim de concluir o julgamento da Dissertação, tendo sido a candidata **aprovada** pelos seus membros. Proclamados os resultados pelo Professor Doutor **Tiago Mainieri de Oliveira**, Presidente da Banca Examinadora, foram encerrados os trabalhos e, para constar, lavrou-se a presente ata que é assinada pelos Membros da Banca Examinadora, ao(s) **vinte dias de março** de dois mil e vinte.

TÍTULO SUGERIDO PELA BANCA



Documento assinado eletronicamente por **Tiago Mainieri De Oliveira, Professor do Magistério Superior**, em 20/03/2020, às 16:22, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Goiamérico Felício Carneiro dos Santos, Usuário Externo**, em 20/03/2020, às 18:57, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Viktor Henrique Carneiro de Souza Chagas, Usuário Externo**, em 24/03/2020, às 15:02, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1234795** e o código CRC **744A12F3**.

Referência: Processo nº 23070.011918/2020-16

SEI nº 1234795

07/04/2020

SEI/UFG - 1234795 - Ata de Defesa de Dissertação

Não, nós nos negamos a acreditar
que um corpo tombe vazio
e se desfaça no espaço
feito poeira ou fumaça
adentrando-se no nada dos nadas,
nadificando-se

Por isso, na solidão desse banzo antigo,
rememorador de todas e de todos,
os que de nós já se foram,
e no espaço de nossa dor,
que desenhamos
a sua luz-mulher - Marielle Franco -
e as pontas de sua estrela
enfeitarão os dias
que ainda nos aguardam
e cruzarão com pontas
das pontas de outras estrelas,
habitantes que nos guiam,
iluminando-nos e nos fortalecendo
na constelação de nossas saudades.

Conceição Evaristo

AGRADECIMENTOS

À minha mãe que me concebeu em seu coração e está sempre me incentivando e me apoiando em todas as decisões.

Aos meus irmãos Bruno e Renato e ao meu sobrinho (e afilhado) Miguel que me mostraram um novo significado para o amor.

Aos meus amigos e familiares que, graças ao bom Deus, são muitos, sabem quem são e o papel que exercem na minha vida. Obrigada pelo o apoio.

Ao meu orientador Tiago Mainieri por aceitar me acompanhar na trajetória do mestrado.

Ao Programa de Pós-graduação em Comunicação da Faculdade de Informação e Comunicação (PPGCOM/FIC).

À CAPES pelo apoio financeiro que foi primordial para o desenvolvimento desta pesquisa.

Ao meu pai Manuel Cardoso e minha avó Maria Cardoso (*in memoriam*). Dedico a vocês que partiram do plano terrestre em direção aos braços do Pai.

Muito grata por tudo!

O legado dos movimentos sociais em rede terá sido afirmar a possibilidade de reaprender a conviver. Na verdadeira democracia.

Manuel Castells

RESUMO

A presente pesquisa investiga a constituição do movimento com ação net-ativista #MariellePresente que surgiu nas redes digitais em março de 2018. O estopim foi o assassinato da vereadora Marielle Franco do PSOL-RJ, 38 anos de idade, e do seu motorista Anderson Pedro Gomes, de 39 anos de idade, no centro do Rio de Janeiro, na noite de 14 de março de 2018. O crime gerou grande comoção nacional e internacional. Quinze horas após o homicídio, a hashtag mais citada no Trend Topic mundial do Twitter era #marielle. A rede digital registrou 289 mil tweets sobre a parlamentar. Entre as principais hashtags utilizadas em referência ao crime estavam #mariellepresente, #nãofoiassalto e #mariellelive. No dia 15 de março as ruas do Brasil foram tomadas por milhares de manifestantes indignados com o genocídio do povo negro e das mulheres, que se organizaram e se estruturaram por meio da conversação em rede. Portanto, o presente estudo tem como objeto de pesquisa a hashtag #mariellepresente pois, simboliza a emergência de um movimento social que só existe em decorrência do diálogo e interações permitidos pelas redes digitais da internet 2.0. Assim, o estudo tem como principal objetivo compreender o movimento net-ativista #MariellePresente enquanto provedor de novos modos de interações entre atores, tecnologias, territórios e redes. Os objetivos específicos são: (1) estudar a conversação no Twitter com o uso da hashtag #MariellePresente, (2) compreender o processo comunicativo digital enquanto impulsionador da ação e interação de rede, assim como (3) compreender como o ecossistema comunicativo das redes digitais modifica as relações de poder e a ação social. Por meio do software NodeXL foi possível fazer a coleta dos tweets que utilizaram a hashtag. Para responder as perguntas feitas ao objeto, a abordagem metodológica utilizada foi a Análise de Redes Sociais (ARS), a partir da conversação em rede. A ARS é uma perspectiva teórica-metodológica que estuda as estruturas sociais e os agrupamentos humanos (RECUERO, 2014). Portanto, ela permite ao pesquisador “mapear, construir e observar a rede cartografada a partir da conversação compreendendo como determinados nós influenciam essa conversa a partir da estrutura observada” (RECUERO, 2014, p. 201).

Palavras-chave: Conversação em Rede; #MariellePresente; Net-ativismo; Análise de Redes Sociais; Twitter.

ABSTRACT

The present research investigates the constitution of a movement with net activist action #MariellePresente that emerged in digital networks in March 2018. What was prevented from murder by Councilor Marielle Franco of PSOL-RJ, 38 years old and his driver Anderson Pedro Gomes, 39, in downtown Rio de Janeiro, on the night of March 14, 2018. The crime generated great national and international commotion. Fifteen hours after the homicide, a hashtag most cited on Twitter's worldwide Trend Topic #marielle. The digital network recorded 289 million tweets about a congressman. Among the main hashtags used in reference to the crime were #mariellepresent, #noasiasalto and #mariellelive. On March 15, the streets of Brazil were captured by thousands of protesters outraged by the genocide of black people and women, who organized and structured themselves through conversation on the network. Therefore, the present study has as its research object the hashtag #mariellepresent as it symbolizes the emergence of a social movement that only exists as a result of the dialogue and interactions allowed by Internet 2.0 digital networks. Thus, the study aims to understand the #MariellePresente net-activist movement while providing new modes of interaction between actuals social, technologies, territories and networks. The specific objectives are: (1) to study a Twitter conversation using the hashtag #MariellePresente, (2) to understand the digital communicative process while driving network action and interaction, as well as (3) to understand how the communicative ecosystem of digital networks modifies as power relations and social action. Through NodeXL software it was possible to collect tweets using a hashtag. To answer the questions asked to the object, a methodological approach used was the Social Network Analysis (ARS), from the conversion into network. ARS is a theoretical-methodological perspective that studies social structures and human groupings (RECUERO, 2014). Therefore, it allows the researcher to "map, build and observe a cartographic redefinition from the conversation by understanding how we can influence this conversation from the observed structure" (RECUERO, 2014, p. 201).

Keywords: Network Conversation; #MariellePresent; Net-activism; Social Network Analysis; Twitter.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Marielle Franco.....	18
Figura 2 - Manchetes de jornais	20
Figura 3 – Gráfico Google Trends índice de popularidade por palavras	21
Figura 4 - Diagrama das redes de Paul Baran	27
Figura 5 - Modelo rich-get-richer	28
Figura 6 – Equipamentos mais utilizados para acesso à internet em 2016-2017.....	42
Figura 7 – Manifestantes se reúnem na Praça Tahih/Egito	68
Figura 8 – Movimento Indignados da Espanha	70
Figura 9 – Movimento Occupy Wall Street	71
Figura 10 – Movimento Passe Livre em São Paulo.....	73
Figura 11 - Manifestação reúne milhares de pessoas na Avenida Paulista, em São Paulo	74
Figura 12 – Página inicial do Twitter.....	78
Figura 13 – Conta do Twitter de Marielle Franco.....	79
Figura 14 – Marielle chega aos trending Topics mundial em 15 de março de 2018.	81
Figura 15 - Atos pelo Brasil	83
Figura 16 - Protesto organizado por mulheres em frente à Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro (Alerj), no Rio de Janeiro (RJ).....	84
Figura 17 - Manifestantes protestam na Paulista contra os assassinatos da vereadora Marielle Franco.....	85
Figura 18 – Multidão lota centro de Belo Horizonte em protesto contra a violência .	85
Figura 19 – Menu para importar dados no NodeXL Pro	87
Figura 20 - Importar dados através da #mariellepresente	88
Figura 21 – Métricas: conexões e nós.....	89
Figura 22 - Representação das conexões do perfil @jeanwillys_real	91
Figura 23 - Mapa Outdegree	92
Figura 24 – Mapa Betweness	93
Figura 25 – Mapa Closeness.....	94
Figura 26 – Mapa de Clusters	97

LISTA DE QUADROS

Quadro 1- Características principais das redes segundo Castells (2017a):	29
Quadro 2 - Primeiro nível de análise – descrição dos dados – métricas do nó	33
Quadro 3 - Segundo nível de análise – contexto.....	35
Quadro 4 - Características da comunicação em rede e dos meios de comunicação de massa.....	46
Quadro 5 - Tipos de interação	47
Quadro 6 - Tops hashtags, top words e top words em pares	95

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ALERJ	Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro
ARPA	Advanced Research Projects Agency
ARS	Análise de Redes Sociais
CEASM	Centro de Ações Solidárias da Maré
CMC	Comunicação Mediada por Computador
CORE	Coordenadoria de Recursos Especiais
DRACO	Delegacia de Repressão às Ações Criminosas Organizadas
GAECO	Grupo de Atuação Especial no Combate ao Crime Organizado
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
MPL	Movimento Passe Livre
MP-RJ	Ministério Público do Rio de Janeiro
OWS	Occupy Wall Street
PMDB	Partido do Movimento Democrático Brasileiro
PUC-RJ	Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
PSOL-RJ	Partido Socialismo e Liberdade do Rio de Janeiro
TIC's	Tecnologias da Informação e Comunicação
UFF	Universidade Federal Fluminense

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	16
1 ABORDAGEM METODOLÓGICA	25
1.1 Para compreender a Ciência das Redes	26
1.2 O método: Análise de Redes Sociais (ARS)	30
2 REVOLUÇÃO DIGITAL: A INTERNET	40
2.1 A comunicação mediada por computadores	44
2.2 A esfera pública da Internet	48
2.3 Cibercultura e movimentos sociais em rede	51
3 CIDADANIA, ATIVISMO E NET-ATIVISMO	58
3.1 As ecologias comunicativas colaborativas do net-ativismo	60
3.2 Movimentos net-ativistas ao redor do mundo	66
3.2.1 A Primavera Árabe	67
3.2.2 Movimento 15-M (Indignados)	69
3.2.3 Occupy Wall Street (OWS)	71
3.2.4 As Jornadas de Junho	72
4 O ESTUDO #MARIELLEPRESENTE	77
4.1 O <i>Twitter</i> como ferramenta de monitoramento de redes	77
4.2 #MariellePresente: rede de indignação e esperança	82
4.3 O método de coleta: <i>NodeXLPro</i>	86
4.4 ARS: primeiro nível de análise	89
4.5 ARS: segundo nível de análise	96
CONSIDERAÇÕES FINAIS	101
REFERÊNCIAS	105

INTRODUÇÃO

As transformações socioeconômicas e políticas advindas da internet ganharam espaço significativo nas investigações científicas de diversos campos do conhecimento, como a Comunicação, as Ciências Sociais e a Psicologia, tanto nos aspectos epistemológicos como nos aspectos metodológicos. A presente pesquisa investiga o movimento net-ativista Marielle Presente que ocorreu nas maiores capitais do Brasil.

O net-ativismo¹ se baseia em ações e mobilizações coletivas que ocorrem por meio das redes espontaneamente, sem se prender a elas, e nos permite pensá-lo “não apenas como uma ação política, mas como um ato vital do ecossistema social que se exprime e advém através de suas conexões ecossistêmicas” (DI FELICE, 2013a, p. 273). Para compreender esta ambiência optamos pelo recorte teórico que reconhece o net-ativismo na perspectiva da ação e da interação em rede. Assim, buscamos apoio em alguns conceitos-chaves para a construção do aporte teórico como Ato Conectivo (DI FELICE, 2017), Autocomunicação de Massa (CASTELLS, 2017a), Conversação em Rede (RECUERO, 2014), bem como nas concepções de Ciência das Redes (BARABÁSI, 2009; GABARDO, 2015), Esfera Pública (HABERMAS, 1997) e Movimentos Sociais em Rede (CASTELLS, 2017a, 2017b).

Para conseguir compreender a dimensão do movimento com ação net-ativista #MariellePresente se fez necessário um recorte temporal que colabora no entendimento do fenômeno, por questões de mensuração, espaço e tempo. Dessa forma a *hashtag* foi analisada entre os dias 15 e 16 de março de 2018. Os primeiros protestos foram organizados nessas datas, as reivindicações eram pela morte de Mariele e também pelo genocídio do povo negro. Outro fator importante para a escolha das datas se deu pela própria limitação que o estudo em redes sociais digitais apresenta. Não é possível estudar e analisar uma rede por completo. A

¹ A reinterpretação do termo netactivism ou net-ativismo, que deu título ao livro de Ed Schwartz (1996) e que indicava a simplificação da expressão Network-Ativismo, está sendo aqui empregada de forma a não restringir o seu significado ao âmbito da democracia eletrônica e das redes cidadãs de participação política, tão referidas por Schwartz, ou aos usos da internet propostos pelo ciberativismo, mas para, também, analisar uma nova forma de ativismo digital em rede e na rede que se articula como maximização das possibilidades de autonomia, de processos de sustentabilidade e de criatividade no âmbito dos movimentos new-global. Esses são caracterizados não pela oposição à globalização, mas pelo advento de uma identidade cidadã global, habitante das redes digitais, que não nega a diversidade local e cujas pautas reivindicatórias e de ação glocal avançam na direção do atendimento das necessidades comuns, tais como a democracia, equidade, consumo consciente e sustentabilidade (DI FELICE, 2013a, p. 54).

#marielle permaneceu em primeiro lugar no *Trending Topics* mundial do *Twitter* no dia 15 de março de 2018 e por esse motivo entendemos que seria relevante analisar essa data e a seguinte, 16 de março de 2018.

Para responder as perguntas feitas ao objeto da pesquisa, a metodologia utilizada foi a Análise de Redes Sociais (ARS) a partir do ângulo da conversação em rede. A ARS é uma perspectiva teórica-metodológica que estuda as estruturas sociais e os agrupamentos humanos (RECUERO, 2014a). Portanto, ela permite ao pesquisador “mapear, construir e observar a rede cartografada a partir da conversação compreendendo como determinados nós influenciam essa conversa a partir da estrutura observada” (RECUERO, 2014a, p. 201).

No âmbito das hipóteses, verificamos quais são os resultados específicos dos movimentos em termos sociais tangíveis. E qual é seu impacto sobre o sistema político e a formulação de políticas públicas, se é que há algum impacto. Também ampliamos o debate acerca do significado e das perspectivas dos movimentos sociais em rede; expandimos e aprofundamos a observação; tanto quanto possível, na esperança de que estudiosos, ativistas e pesquisadores em ação venham a investigar, em tempo real, as práticas que, por todo o mundo, estão moldando as sociedades do século XXI.

Percebemos que para compreender a conversação em rede que se deu durante a articulação dos protestos que pediam justiça pelo assassinato de Marielle Franco, precisamos compreender a conversação mediada, nesse caso, pelos computadores e dispositivos móveis. Só assim foi possível conceber os resultados finais apresentados neste texto de dissertação. Portanto, adiantamos que até os estudos em rede possuem suas limitações pois, não é possível observar toda a rede e suas complexidades.

O presente texto está dividido em quatro capítulos. O primeiro capítulo, *Abordagem Metodológica*, delimita os procedimentos metodológicos a partir de quatro itens: 1) a definição do tipo de pesquisa, 2) os instrumentos de coletas, 3) a definição da amostra e 4) os métodos de análise. Em sequência discorre sobre o ambiente que se dá o net-ativismo através da perspectiva da ciência das redes, campo de estudo derivado da Sociometria e da Teoria dos Grafos.

O segundo capítulo intitulado *Revolução Digital: a Internet* traz um resgate sobre a revolução na comunicação a partir do surgimento da internet e o impacto

nas relações humanas. Já o terceiro capítulo, *Cidadania, Ativismo e Net-ativismo*, aprofundamos no conceito de net-ativismo, de cidadania participativa e exemplos de movimentos net-ativistas ao redor do mundo a partir de ano 2010. Por fim, o quarto capítulo, *O estudo #MariellePresente*, apresenta os dados da pesquisa obtidos a partir da Análise de Redes Sociais (ARS).

Objeto da pesquisa e justificativa

O movimento de caráter reivindicatório iniciou logo após o assassinato da vereadora Marielle Franco em março de 2018, no Rio de Janeiro. Para tanto, mapeamos a conversação em rede na tentativa de compreender a visibilidade do evento. De acordo com informações da revista online Super Interessante², Marielle Franco era uma ativista negra, vereadora do PSOL-RJ e foi assassinada aos 38 anos, no dia 14 de março de 2018, no centro do Rio de Janeiro, após sair de um evento com ativistas negras. Ela estava em um veículo com o motorista Anderson Pedro Gomes, de 39 anos. Eles foram atingidos por vários tiros de arma de fogo e faleceram no local.

Figura 1 - Marielle Franco



Fonte: Reprodução/Instagram @mariellefranco

² Disponível em <https://super.abril.com.br/sociedade/quem-foi-marielle-franco-a-vereadora-executada-no-rio/>

Conforme noticiado pelo site Globo Rio³, ela era socióloga formada pela PUC-RIO e mestre em Administração Pública pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Marielle foi a 5ª vereadora mais votada nas eleições de 2016, com 46,5 mil votos. Trabalhou em organizações da sociedade civil como a Brasil Foundation e o Centro de Ações Solidárias da Maré (Ceasm). Coordenou a Comissão de Defesa dos Direitos Humanos e Cidadania da Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro (Alerj), ao lado de Marcelo Freixo (deputado estadual pelo PSOL-RJ).

A tragédia aconteceu em meio à intervenção militar, movimento que Franco era contra, e exatamente no período que a parlamentar era relatora da comissão do Conselho criado para fiscalizar as operações policiais. A vereadora participava da frente de luta do movimento negro e era autora de denúncias recentes de violência policial contra os moradores de favelas no Rio. A preocupação de Marielle sobre a atuação das Unidades de Polícia Pacificadoras (UPPs) nas favelas cariocas era tão expressiva que a mesma defendeu em 2014 uma dissertação sobre segurança pública intitulada como “UPP - A redução da favela a três letras: uma análise da política de segurança pública do estado do Rio de Janeiro”,⁴ trabalho esse que discutiu questões como a repressão policial, o discurso ideológico de construção de paz, a demonização das favelas, a “guerra” contra as drogas que provoca o genocídio do povo negro, o direito dos moradores, bem como o cerceamento da vida cotidiana.

³Disponível em <https://oglobo.globo.com/rio/marielle-franco-negra-moradora-da-mare-a-quinta-vereadora-mais-votada-do-rio-22491120>

⁴Dissertação disponível em <https://app.uff.br/riuff/bitstream/1/2166/1/Marielle%20Franco.pdf>

Figura 2 - Manchetes de jornais

q **CORREIO BRAZILIENSE** Política   

Morte de Marielle causa revolta entre os famosos e fica em 1º no Twitter

A legisladora, uma socióloga de 38 anos, nascida no Complexo da Maré, uma das áreas mais violentas do Rio, era a relatora da comissão do Conselho criado para fiscalizar as operações policiais após o início da intervenção militar

 **ESTADÃO** **Brasil** C

'Marielle' chega ao 1º lugar nos trending topics mundial do Twitter nesta quinta

Por volta das 12h30, a rede social registrava 289 mil tuítes sobre a parlamentar; principal hashtag utilizada é #MariellePresente

Fonte: Correio Braziliense/Estadão

Conforme publicado pelo site Correio Braziliense⁵, antes que o assassinato da vereadora pudesse ser noticiado pela mídia, pessoas comuns usaram o Whatsapp, aplicativo de troca de mensagens instantâneas, para repassar informações do caso. Quinze horas após o homicídio, a hashtag mais citada no Trend Topic mundial do Twitter era #marielle. A rede digital registrou 289 mil tweets sobre a parlamentar. Entre as principais hashtags utilizadas em referência ao crime estavam #mariellepresente, #nãofoiassalto e #mariellelive. A repercussão foi tamanha que diversos veículos de comunicação internacionais como The Guardian (Inglaterra) e o New York Times (Estados Unidos) noticiaram o caso.

⁵Disponível em

https://www.correio braziliense.com.br/app/noticia/politica/2018/03/15/interna_politica.666348/marielle-chega-ao-1-lugar-nos-trending-topics-do-twitter-mundial.shtml

Figura 3 – Gráfico Google Trends índice de popularidade por palavras



Fonte: Google Trends/ elaboração da autora.

De acordo com a figura 3, o gráfico foi gerado pelo Google Trends a partir das expressões de busca “marielle” e “marielle franco” no período de 11 a 17 de março de 2018, na categoria “todas as pesquisas da web”. A ferramenta aponta dados a partir do interesse de pesquisa em uma época específica. O valor de 100 representa o pico de popularidade de um termo, conforme o gráfico o termo “marielle” esteve entre os assuntos mais pesquisados. O valor de 50 significa que o termo teve metade da popularidade. Já a expressão “marielle franco” apresentou 65 pontos de popularidade. Essa ferramenta é considerada muito simples, porém é a maneira mais eficaz de levantar e monitorar os termos mais pesquisados na internet.

No dia 15 de março, as ruas do Brasil foram tomadas por milhares de manifestantes indignados com o genocídio do povo negro e das mulheres, que se organizaram e se estruturaram por meio da conversação em rede. Os maiores protestos ocorreram na Avenida Paulista, em São Paulo; em frente à Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro, no Rio de Janeiro; e, no centro de Belo Horizonte, em Minas Gerais. Também houveram outros movimentos no Largo de São Bernardo, em Amazonas; em Salvador, na Bahia; na Praça Zumbi dos Palmares, em Brasília; em Espírito Santo, no Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Paraná, Pará, Pernambuco, Piauí, Santa Catarina, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul e Sergipe.

Todas as capitais desses estados participaram do movimento. O que tiveram em comum? Além da reivindicação por justiça e pela indignação, os participantes de todas as localidades marcaram encontros presenciais através das redes sociais

digitais. Castells (2017b) pontua que o movimento em rede deve ser considerado com um espaço público híbrido, “constituído por redes sociais digitais e por uma recém-comunidade urbana [...], tanto como ferramenta de autorreflexão quanto como afirmação do poder do povo. A falta de poder transformou-se em empoderamento” (CASTELLS, 2017b, p. 45).

Lemos (2013) contribui ao repensar a função social das tecnologias midiáticas como práticas participativas horizontais: “é a rua que vai dar forma ao novo sistema técnico da cibercultura. Esta é a expressão do uso subversivo da tecnologia e, conseqüentemente, produto de uma atitude ativa em relação aos dispositivos” (2013, p. 34). Foi com base nessa forma de pensar a sinergia entre sociedade, rede e ação net-ativista que realizamos esta pesquisa com intuito de mapear a conversação no *Twitter* com o uso da #mariellepresente e buscar compreender a arquitetura do movimento.

A *hashtag*, o objeto de estudo desta pesquisa, simboliza a emergência de um movimento social que só existe em decorrência do diálogo e interações permitidos pelas redes digitais da internet 2.0. O conteúdo dos tweets possui força para conectar atores de diversas cidades e até nações. Em 22 de janeiro de 2019⁶, o Grupo de Atuação Especial no Combate ao Crime Organizado (Gaeco) do Ministério Público do Rio de Janeiro (MP-RJ), com o apoio da Delegacia de Repressão às Ações Criminosas Organizadas (Draco) e da Coordenadoria de Recursos Especiais (Core) da Polícia Civil, prendeu cinco suspeitos de envolvimento com o assassinato da vereadora e do motorista Anderson Gomes, dos quais três são militares. Juntos, eles faziam parte de uma das milícias mais perigosas do estado do Rio, especialistas em assassinatos por encomenda⁷.

Com o avanço das investigações, a Polícia Civil do Estado do Rio de Janeiro prendeu em 12 de março de 2019 dois suspeitos de cometer o crime. Os detidos foram o policial militar reformado Ronnie Lessa e o ex-policial militar Élcio Vieira de Queiroz. O primeiro teria disparado os tiros do banco de trás do carro usado no crime; o segundo seria o motorista. De acordo com os promotores do Grupo de Atuação Especial de Combate ao Crime Organizado, o crime foi meticulosamente planejado durante três meses. Após um ano de investigação, a polícia e o Ministério

⁶Disponível em <https://oglobo.globo.com/rio/operacao-prende-suspeitos-de-envolvimento-no-assassinato-de-marielle-franco-23389700>

⁷Disponível em <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-46559926>

Público do Rio decidiram dividir o inquérito em duas partes: uma sobre os executores do crime, outra sobre os mandantes⁸. A investigação apresentou uma reviravolta no dia 29 de outubro de 2019 ao relacionar o crime à família do atual presidente da república Jair Bolsonaro.

Esta pesquisa torna-se importante porque visa compreender as transformações das interações humanas, por meio do processo comunicacional complexo que ultrapassa os limites do ciberespaço, bem como analisar as maneiras pelas quais a evolução dos meios tecnológicos pode influenciar a formação e propagação dos manifestos net-ativistas, mais especificamente, o movimento Marielle Franco.

Apesar de ser um tema relativamente recente, ele já apresenta contribuições relevantes para o estudo das relações entre sociologia, cidadania e comunicação em rede, como considerações sobre a era dos computadores, novas estruturas da cultura organizacional e o uso dos dispositivos tecnológicos em relação ao aumento da democratização e autonomia da sociedade civil. A presente dissertação pretende colaborar significativamente para a amplitude dos campos temáticos abordados, a fim de promover uma discussão sobre o processo comunicacional das novas tecnologias.

Objetivos geral e específicos

Diante dessa ecologia da comunicação, as redes sociais digitais possibilitaram o surgimento de uma nova arquitetura informacional, um tipo particular de ato que conecta indivíduos em dispositivos, banco de dados e territorialidades. Em um primeiro momento buscamos situar a pesquisa no tempo, espaço e na academia. Qual espaço o tema net-ativismo ocupa no campo da comunicação? Qual o papel das tecnologias da informação e comunicação (TICs) no presente cenário sócio-político? Portanto, **o estudo tem como principal objetivo compreender o movimento #MariellePresente criado no *Twitter* enquanto provedor de novos modos de interações entre atores, tecnologias, territórios e redes.**

A pesquisa tem como objetivos específicos: **(1)** estudar a conversação no *Twitter* com o uso da hashtag #MariellePresente, **(2)** compreender o processo

⁸ Disponível em <https://www.cartacapital.com.br/politica/pms-sao-presos-suspeitos-da-morte-de-marielle-franco/>

comunicativo digital enquanto impulsionador da ação e interação de rede, assim como **(3)** compreender como o ecossistema comunicativo das redes digitais modifica as relações de poder e do capital social.

Para compreender a dimensão do movimento com ação net-ativista #MariellePresente foi necessário um recorte temporal que colabora no entendimento do fenômeno, por questões de mensuração, espaço e tempo. Dessa forma a hashtag foi analisada entre os dias 15 e 16 de março de 2018. Os primeiros protestos foram organizados nessas datas, as reivindicações eram pela morte de Marielle e também pelo genocídio do povo negro. Outro fator importante para a escolha das datas se deu pela própria limitação que o estudo em redes sociais digitais apresenta. Não é possível estudar e analisar uma rede por inteiro. Por fim, a #marielle permaneceu em primeiro lugar no Trending Topics mundial do *Twitter* no dia 15 de março de 2018, entendemos que seria fundamental analisar essa data pelo boom que causou e a seguinte, 16 de março de 2018.

1 ABORDAGEM METODOLÓGICA

Com o objetivo de responder à questão-problema da presente pesquisa "Como compreender o movimento #MariellePresente criado no Twitter enquanto provedor de novos modos de interações entre atores, tecnologias, territórios e redes?" o primeiro passo foi realizar a pesquisa exploratória, que nos possibilitou o entendimento do melhor corpo teórico e da metodologia para o enriquecimento deste trabalho.

Uma pesquisa bibliográfica foi realizada e alguns autores serviram como base para o melhor caminho que esse trabalho deveria seguir. Esse capítulo tem como objetivo apresentar e conceituar o tipo de metodologia utilizada no desenvolvimento desta dissertação. A leitura e o aprofundamento foram feitos durante todo o processo de construção da pesquisa e a partir disso foram discutidos os resultados através da aplicação do método de análise.

Tuzzo (2016, p. 134) elenca que a estruturação de pesquisas bibliográficas e de campo devem perpassar por quatro etapas fundamentais: 1) a definição do tipo de pesquisa, 2) os instrumentos de coletas, 3) a definição da amostra e 4) os métodos de análise. Ainda de acordo com a autora, a pesquisa bibliográfica é primordial para a construção da fundamentação teórica. Assim, o pesquisador consegue ficar ciente do que já foi produzido sobre o assunto e buscar "novos olhares, novas abordagens e novas formas de fazer com que as pesquisas da área avancem" (TUZZO, 2016, p. 140).

Na tentativa de compreender o mapeamento da conversação mediada no Twitter com o uso da hashtag #MariellePresente e a visibilidade do evento, a presente pesquisa se enquadra como qualitativa, pois avalia as questões subjetivas do problema e possibilita ao pesquisador analisar "o fenômeno em estudo a partir da perspectiva das pessoas nele envolvidas, considerando todos os pontos de vista relevantes" (GODOY, 1995, p. 21).

Por se tratar de uma pesquisa no âmbito do ciberespaço, o instrumento de coleta utilizado foi o software NodeXL Pro versão 1.0.1.399 que trabalha com a elaboração de mapa de conversação. No caso do Twitter é possível fazer uma busca por hashtag. Para essa pesquisa, a hashtag utilizada foi #MariellePresente. A escolha ocorreu devido a hashtag #marielle ter chegado aos Trending Topics mundial após a morte da vereadora, no dia 15 de março de 2018 e continuou sendo

utilizada por diversos usuários da rede social digital, *Twitter*. Foram coletados 20.609 (relações de menção ou retweet) e 12.024 nós (autores dos tweets e usuários mencionados ou retuitados) a partir do filtro “tweets publicados nos dias 15 e 16 de março de 2018”. A amostra foi coletada de acordo com a capacidade máxima do software *NodeXL PRO*, que a busca é limitada a 18 mil tweets.

Para a compreensão da rede é preciso discutir do que se trata; os elementos básicos que a compõe: nós ou atores, vínculos ou relações, e, fluxos; os tipos de rede: centralizada, descentralizada ou distribuída. Portanto, antes de partirmos para a apresentação do método de análise da presente pesquisa, iremos discutir a partir da ambiência que se dá o net-ativismo: a rede e seu campo de estudo “a ciência das redes”.

1.1 Para compreender a Ciência das Redes

Rede é um padrão de organização caracterizado pela existência de nós e conexões de um sistema. Esse sistema pode ser o cérebro humano, as células e átomos ou os computadores, mas não se restringe à internet em si. Onde quer que exista vida, existe uma rede. Antes mesmo da internet ser criada, as redes já existiam. Essas são as redes complexas conceituadas por Gabardo (2015) como elementos triviais que “podem representar dados de diversas áreas tais como biologia, neurociência, química e também redes sociais” (GABARDO, 2015, p. 19).

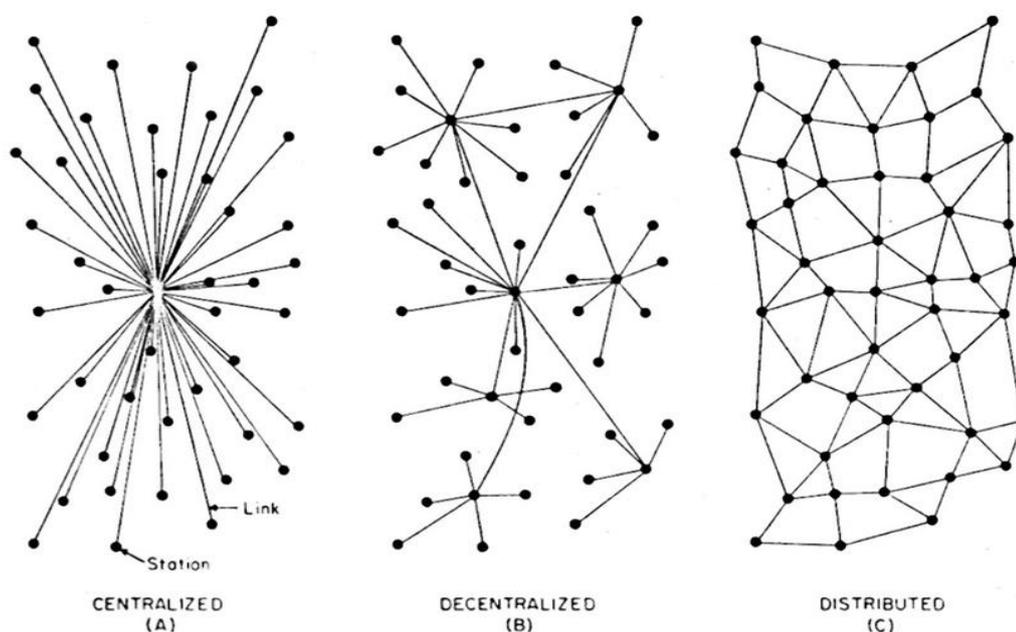
Uma rede é composta por três elementos essenciais: a) nós ou atores; b) vínculos ou relações; e, c) fluxos. Os nós são pessoas ou grupos de pessoas que se encontram movidas por um objetivo em comum. A soma desses nós representa o tamanho da rede. Os vínculos são os laços existentes entre dois ou mais nós. O fluxo indica a direção do vínculo: unidirecional ou bidirecional (MARTELETO, 2001).

Da rede complexa existem duas possíveis representações, o grafo e a rede social. O grafo, para Gabardo (2015) “é uma representação matemática das conexões existentes entre vértices e arestas. Isso pode variar desde o único vértice e nenhuma aresta para um grafo trivial, até milhares ou milhões de elementos em um único grafo” (2015, p. 19). Já as redes sociais “são formadas por indivíduos (ou algo que possa ser individualizado) com algum grau de relacionamento” (2015, p. 20). Portanto, o conceito de rede social vai muito além dos sites de redes sociais como *Twitter*, *Facebook* ou *Instagram*.

Primo (2011, p. 7) define rede social como “um conjunto de pessoas (ou organizações ou outras entidades sociais) conectadas por relações sociais, como amizades, trabalho conjunto ou intercâmbio de informações”. Recuero (2004) colabora ao compreender a rede social como um padrão de conexões entre atores sociais, levando em consideração que a estrutura dessa interação são as relações sociais, portanto, “em uma rede social, as pessoas são os nós e as arestas são constituídas pelos laços sociais gerados através da interação social” (RECUERO, 2009, p. 24). Assim, não é possível analisar uma rede social sem considerar os atores e as conexões; focar nas estruturas sociais é primordial para o entendimento desse espaço de expressão.

Na perspectiva de compreender a rede interconectada, o engenheiro Paul Baran (1962) chegou à conclusão que a rede social possui três topologias: (a) centralizada, (b) descentralizada e (c) distribuída, e elas estão diretamente relacionadas com os laços estabelecidos entre os atores.

Figura 4 - Diagrama das redes de Paul Baran



Fonte: BARAN, 1962, p.4

A rede centralizada representa a conexão a partir de apenas um nó. Baran (1962) chamou essa rede de "estrela" pelo seu formato. A rede descentralizada possui um nó ligado a vários nós que formam pequenos grupos de conexões. Já a

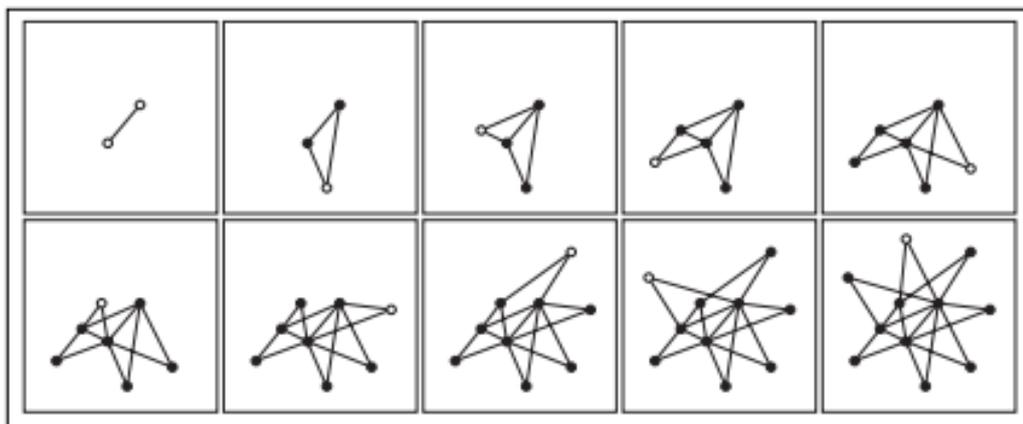
rede distribuída não existe hierarquização das conexões. Todos os nós possuem mais ou menos a mesma relevância. Assim, essa tipologia da rede

Sugere a organização de uma rede distribuída de comunicação em que cada estação é ligada às adjacentes, modelo que teria melhor capacidade de assegurar o fluxo de dados por toda a rede se um ataque inimigo destruísse parte dela (aniquilando nodos, ligações ou ambos). Propõe igualmente a modulação da informação em blocos de dados padrão, facilitando a comutação e o roteamento no tráfego de dados pela rede, não havendo a necessidade de um ponto central de controle (BARAN, 1962, p. 9 tradução MANCE, 2017, p 6).

O termo “ciência das redes” foi proposto por Barabási (2009) durante o desenvolvimento do estudo das redes. A proposta de rede complexa de Albert-László Barabási e Réka Albert surgiu na primeira metade do século XXI com foco na investigação das propriedades das redes. Barabási (2009) argumenta que esse campo vai além dos aspectos analíticos das redes. Se trata de um estudo matemático e físico, com ênfase nas propriedades dinâmicas das redes, tratando-as como estruturas em movimento e evolução constantes.

Assim, esse modelo propõe que “os vértices com maior número de conexões têm mais probabilidade de receber novas conexões que os vértices com poucas ou nenhuma conexão” (GABARDO, 2015, p. 47). Ou seja, esse fenômeno é conhecido como *rich-get-richer* ou os ricos ficam mais ricos. Conforme pode ser observado na figura a seguir temos uma semelhança entre o modelo *rich-get-richer* (BARÁBASI-ALBERT) e a rede distribuída de Baran (2009).

Figura 5 - Modelo rich-get-richer



Fonte: BARÁBASI, 2009, p. 87

Barábasi percebeu a importância de considerar as redes complexas como um sistema crescente. Ele inferiu que os nós da rede disputam "espaço" entre eles, como por exemplo os sites de buscas como Google e Yahoo. Assim, Castells (2017a) trabalha com três características principais das redes que beneficiaram o novo ambiente tecnológico: (a) flexibilidade, (b) escalabilidade e (c) capacidade de sobrevivência.

Quadro 1- Características principais das redes segundo Castells (2017a):

Flexibilidade	Habilidade da rede de se reconfigurar de acordo com as mudanças ambientais e de manter suas metas ao mesmo tempo que muda seus componentes.
Escalabilidade	Capacidade de expandir ou encolher em tamanho sem grandes interrupções.
Capacidade de sobrevivência	Capacidade de sobreviver, caso haja ataque aos nós e aos seus códigos.

Fonte: da autora com base em Castells, 2017, p. 69

Nesse cenário os nós coabitam em um ambiente competitivo. Portanto, as propostas discutidas anteriormente são apenas um auxílio para a compreensão das análises e ações em redes digitais. A busca a partir da literatura objetiva o melhor entendimento do fenômeno e da dinâmica do net-ativismo.

Diante das considerações pontuadas precisamos conceituar redes sociais digitais. Com o avanço das tecnologias da informação e comunicação (TIC's), os dispositivos móveis passaram a conectar em um só tempo atores humanos e não humanos. Essas redes, conforme argumenta Di Felice (2017), produziram um novo tipo de materialidade capaz de agregar atores, biodiversidade e territorialidades através das interações contínuas das redes digitais.

Lévy (2002) defende que as redes digitais são um estímulo para a formação da inteligência coletiva das comunidades virtuais. "Uma rede de pessoas interessadas pelos mesmos temas é não só mais eficiente do que qualquer mecanismo de busca, mas, sobretudo, do que a intermediação cultural tradicional, que sempre filtra demais, sem conhecer no detalhe as situações e necessidades de cada um" (LÉVY, 2002, p.101).

Boyd e Ellison (2007) definem sites de redes sociais digitais como sistemas capazes de a) construir uma persona através de um perfil ou página pessoal; b)

interagir através de comentários; e c) a exposição pública da rede social de cada ator. Recuero (2009) corrobora com os argumentos das autoras:

A grande diferença entre sites de redes sociais e outras formas de comunicação mediada pelo computador é o modo como permitem a visibilidade e a articulação das redes sociais, a manutenção dos laços sociais estabelecidos no espaço off-line. Assim, nessa categoria estariam os fotologs (como o Flickr e o Fotolog, por exemplo); os weblogs (embora sua definição não seja exatamente dentro de um sistema limitado, como propõem as autoras, defenderemos que são sistemas semelhantes); as ferramentas de micromessaging atuais (como o Twitter e o Plurk), além de sistemas como o Orkut e o Facebook, mais comumente estacados na categoria. Esses sites poderiam ser enquadrados dentro de todas as categorias elencadas pelas autoras, pois possuem mecanismos de individualização (personalização, construção do eu, etc.); mostram as redes sociais de cada ator de forma pública e possibilitam que os mesmos construam interações nesses sistemas (RECUERO, 2009, 102-103).

Destarte, o presente trabalho leva em consideração que as redes sociais digitais são ótimos recursos para o estudo da estrutura social atual, bem como dos movimentos sociais em rede. Compreendemos que cada indivíduo está apto a construir sua própria rede de relações, criar conteúdo e ter local de fala, e, simultaneamente, interagir e estar em contato com outros ao redor do mundo.

Essa "nova forma de se fazer cidadão" possui características ímpares. Ela é transitória, rizomática, desprendida de tempo e espaço, baseada muito mais na cooperação e trocas objetivas do que na permanência de laços. A caminhada para a compreensão das possibilidades advindas do ciberespaço ainda é longa. Mas, o que é perceptível até o momento é que, estamos frente a um fenômeno social que nos permite refletir sobre o modo como nos organizamos em grupos e comunidades.

1.2 O método: Análise de Redes Sociais (ARS)

O método de análise foi através da abordagem da Análise de Redes Sociais (ARS), metodologia originada a partir das pesquisas de Moreno sobre a Teoria dos Grafos⁹ e da Sociometria¹⁰, desde a primeira metade do século XX (Scott, 2004). O

⁹ A teoria dos grafos provê uma linguagem para denotar propriedades estruturais das redes sociais. Esta linguagem inclui um conjunto de conceitos fundamentais que podem ser usados para referenciar de forma precisa e inequívoca tais propriedades. Além disso, a formalização matemática, inerente à teoria dos grafos, permite que ideias, aparentemente subjetivas, sejam expressas de forma precisa possibilitando que estas sejam

estudo das redes engloba conceitos como capital social, coesão social, poder, interação, tanto para análise das relações cotidianas, bem como para os grupos de atuação coletiva. Martelelo (2010) aponta três vertentes primordiais para o estudo das redes sociais:

(a) Sua extensão e não finitude em relação ao espaço local. (b) Compreensão das redes densas, advindas das relações de proximidade (familiares e de vizinhança) e das redes ampliadas (relações de trabalho, associativas e participativas). (c) O entendimento de que, por meio da configuração das redes sociais e dos elos entre os atores, é possível analisar o comportamento individual e coletivo de seus membros (MARTELETO, 2010, p. 39).

Para Grossetti (2003, 2004) a ARS é um instrumento utilizado para estudar as redes "invisíveis", informais, espontâneas e não intencionais advindas das relações sociais e permite a análise das estruturas de ligação existentes entre os indivíduos das redes sociais. Portanto, "a ARS permite investigar processos não pelo ângulo de integrantes isolados, mas por suas ligações, ou seja, seu objeto resulta das relações interpessoais" (GOMIDE e SCHULTZ, 2015, p. 821).

De acordo com Freeman (2004) foi apenas na segunda metade do século XX que a ARS apresentou um novo rumo nas pesquisas acadêmicas, sendo elas: 1) a estrutura do grupo social; 2) os dados das relações dos atores com atores; 3) o desenvolvimento de ferramentas para a visualização dos padrões de relações; ou ainda 4) as propriedades matemáticas dos padrões sociais. Ou seja, essa metodologia tem como foco de estudo das redes de relações e os laços inerentes ao tempo e espaço:

Esses laços constituem a interação mais importante, pois conformam a rede; a dinâmica de novas interações ou de interações rompidas entre os indivíduos a reestruturam continuamente. Cada rearranjo nesta estrutura corresponde a modificações que podem influenciar o circuito de informações, comprometendo ou favorecendo os resultados e sua utilização (GOMIDE e SCHULTZ, 2015, p. 826).

mensuradas, reproduzidas e testadas. Consequentemente, o uso de grafos para representar estruturas sociais permite a prova de teoremas e a dedução de afirmações que podem ser comprovadas por meio de testes determinísticos (GOMES, 2012, p. 44).

¹⁰ Jacob Moreno dedicou-se ao desenvolvimento da Sociometria, não como uma simples técnica, mas sim como um paradigma que procurava substituir algumas das teorias sociais anteriores. O objetivo que foi preconizado por Moreno assentava no estudo da influência que a estrutura de relações tinha na saúde mental e a articulação dos pequenos grupos que envolvem os indivíduos nos «agregados familiares» mais amplos, como por exemplo o Mercado e o Estado. Os sociogramas, através da sua representação gráfica, são efetivamente ferramentas úteis e intuitivas para avaliar as relações entre um número limitado de nós (SILVA e SARAGOÇA, 2013, p. 95).

A ARS busca repensar os procedimentos metodológicos com a intenção de alcançar a dinâmica dos fenômenos e objetos de estudo oriundos do ciberespaço e das mídias sociais. Por se tratar de fenômenos emergentes é necessário um outro olhar acerca das novas estruturas comunicativas e seus sentidos. Logo,

A ARS é uma abordagem que traz um conjunto de métodos de coleta e análise, bem como uma perspectiva que é extremamente interessante para o estudo das redes sociais online, pois foca, exatamente, nas estruturas que podem ser percebidas através dos dados empíricos que são coletados dessas redes (RECUERO, 2014b, p. 63).

A análise de redes parte de duas abordagens, ou tipos, a rede ego (rede pessoal) enquanto indivíduo e a rede inteira enquanto grupo social. A presente pesquisa se trata de uma rede ego. Segundo Milanese (2009) a abordagem da rede ego parte de um nó determinado, a partir das conexões criadas a rede é traçada. Ou seja, o conjunto de nós é formado através de um nó central.

Aqui coletam-se os dados a partir de um ator-ego e suas conexões. O limite é dado pela distância deste "ego". A distância entre dois nós na rede é denominada "grau" ou "grau de separação". Assim, ao determinar essa distância, determina-se também a rede onde serão coletados os dados. Em termos de rede na Internet, podemos, por exemplo, coletar os dados de uma rede no Twitter, onde coletaremos 2 (dois) graus de ego. Isso significa que serão coletados todos os amigos do ator-ego e todos os amigos dos amigos deste ator. Ou poderíamos coletar apenas um grau (ego e amigos de ego) (RECUERO, 2014b, p. 63).

Já a rede inteira trabalha com uma população ou amostra limitada, onde a investigação perpassa as relações dentro de um grupo.

Coletam-se todos os dados de uma determinada rede que está limitada de alguma forma no ciberespaço. Por exemplo, poderíamos coletar todos os dados de um determinado grupo no Facebook (rede limitada por quem está no grupo e não pelas conexões). Esta seria uma coleta de rede inteira, pois o limite da coleta de dados se dá pela escolha do limite externo à rede (grupo do Facebook) (RECUERO, 2014b, p. 63).

Segundo Lemieux e Ouimet (2004), a análise dos dados relacionais da ARS possui dois níveis. O primeiro é descritivo e tem como foco a descrição dos dados e

suas medidas. O segundo nível é o postulado dos princípios, ou seja, o que as medidas da rede querem dizer a respeito do contexto. Conforme Recuero (2009) uma das medidas mais importantes desse modelo metodológico é a posição do nó, denominada como centralidade.

Quadro 2 - Primeiro nível de análise – descrição dos dados – métricas do nó

Posição do nó – centralidade	
Grau de conexão	Se divide em indegree (grau de entrada), quantidade de conexões estabelecidas e outdegree (grau de saída), quantidade de conexões enviadas.
Grau de intermediação	A posição do nó na rede (betweenness). Quanto maior o nó, maior a conexão com outros grupos. Usuários que conectam grupos diferentes.
Grau de proximidade	Quão próximo um nó está do outro (closeness). Proximidade geral de grupo.
Centralidade eigenvector	Influência entre os nós. Seguidores mais engajados, com maior grau de saída.

Fonte: da autora com base em Recuero (2014b).

Desse modo, o método de análise utilizado foi a Análise de Redes Sociais (ARS) a partir do ângulo da conversação em rede¹¹, mais especificamente, no *Twitter*. Essa perspectiva “concentra-se no desenho da estrutura desses rastros e no cálculo de diversas variáveis quantificáveis da rede” (RECUERO, 2014a, p. 175). Recuero (2014a, p. 175) determina três métricas mais importantes a serem analisadas dentro do grau de centralidade de um grafo de mapeamento de rede: 1) o **grau de conexão**: é a quantidade de nós de uma determinada conexão. Se divide em indegree, quantidade de conexões estabelecidas e outdegree, quantidade de conexões enviadas; 2) **grau de intermediação**: refere-se à posição do nó na rede (betweenness). Quanto maior o nó, maior a conexão com outros grupos; 3) **grau de proximidade**: quão próximo um nó está do outro (closeness).

¹¹ A conversação, no caso da mediação do computador, deste modo, é constituída de práticas conversacionais que vão organizar as trocas informativas entre os agentes para a construção de contextos sociais. Para compreendê-la, é preciso verificar a interação e os elementos apontados entre as representações de interlocutores no ambiente virtual, dentro de um mesmo contexto interacional que é negociado pelos interagentes [...] A conversação, no ambiente mediado pelo computador, assim, assume idiosincrasias próprias que são decorrentes da chamada apropriação dos meios para o uso conversacional. Ela é, portanto, menos uma determinação da ferramenta e mais uma prática de uso e construção de significado dos interagentes, sejam essas ferramentas construídas para isso ou não (RECUERO, 2010, p. 10-11).

As métricas de **centralidade eigenvector** apontam mais dados além da contagem simplificada. Para Silva e Stabile (2016, p. 245) “é uma medida que analisa não só a quantidade de conexões recebidas por um nó mas se estas conexões são feitas por outros nós também muito conectados”, ou seja, a influência entre os nós. De acordo com Recuero (2014b) com essa métrica é possível entender quanto relevante é o nó para a rede, pois avaliam-se também as conexões não diretas. Esses elementos foram relevantes para a análise inicial do mapa de conversação coletado pelo *NodeXL Pro*, contextualizado pela hashtag #MariellePresente.

Portanto, a Análise de Redes Sociais vai além da constatação de medidas e métricas, é preciso discutir o contexto da pesquisa através dos dados descritivos e quantitativos. Ou seja, “é nesse nível que situa as métricas mais qualitativas e teóricas, que, conjuntamente com as métricas oferecidas pela teoria dos grafos, auxiliam a compreender a rede da qual se coletam os dados” (RECUERO, 2014b, p. 68-69). Todavia, Scott (2000) argumenta que, a “análise de redes sociais é uma orientação sobre o mundo social que provém de um conjunto particular de métodos” (SCOTT, 2004, p. 37) e complementa ao dizer que a ARS é uma orientação teórica particular baseada em uma visão de estrutura do mundo social que não deve ser compreendida como única.

Para Recuero (2014b, p. 69), o segundo nível de análise se divide em três variáveis qualitativas a) Laços sociais - Permite a abordagem das redes a partir da conexão entre os atores sociais de forma particular. Essas conexões formam as estruturas sociais; b) Capital social - É um conceito que estuda os valores construídos na estrutura social. Aqui analisamos o grau de intermediação dos atores e sua influência isolada sobre determinado grupo; e, c) Estrutura social - Identifica os padrões na estrutura social.

Quadro 3 - Segundo nível de análise – contexto

Laços sociais	Formação da estrutura social. Avaliação do significado das conexões estabelecidas no corpus. Qualidade das conexões. Natureza dos laços (fortes ou fracos). Representação dos laços online.
Capital social	Valores construídos na estrutura social. Ator como ponte entre vários grupos não conectados. Valor das conexões no grupo e sua influência.
Estrutura social	Identificação de padrões na estrutura social. Percepção das comunidades. Efeitos comunicativos dessas estruturas.

Fonte: Da autora de acordo com Recuero (2009, 2014b).

O laço social é compreendido como a conexão entre os atores envolvidos nas interações. Logo, eles são resultados da sedimentação das relações estabelecidas entre agentes. Laços são formas mais institucionalizadas de conexão entre atores, constituídos no tempo e através da interação social. Wellman (2001) define-os:

Laços consistem em uma ou mais relações específicas, tais como proximidade, contato frequente, fluxos de informação, conflito ou suporte emocional. A interconexão destes laços canaliza recursos para localizações específicas na estrutura dos sistemas sociais. Os padrões destas relações – a estrutura da rede social – organiza os sistemas de troca, controle, dependência, cooperação e conflito (WELLMAN, 2001, p. 7).

Para Recuero (2009) o conceito de laço social passa pela ideia de interação social. Todavia, Goffman (1975) explica que o laço pode ser formado a partir da associação, ou seja, os indivíduos se conectam a outros através de uma relação social. Esse tipo de conexão é representado pelo sentimento de pertencimento, ou laço associativo.

O laço social não depende apenas de interação. *Laços relacionais*, deste modo, são aqueles constituídos através de relações sociais, apenas podem acontecer através da *interação* entre os vários atores de uma rede social. *Laços de associação*, por outro lado, independem dessa ação, sendo necessário, unicamente, um *pertencimento* a um determinado local, instituição ou grupo (RECUERO, 2009, p. 39).

Granovetter (1973) em seus estudos apontou que laços podem ser do tipo fortes ou fracos. Laços fortes são aqueles que se caracterizam pela intimidade, pela proximidade e pela intencionalidade em criar e manter uma conexão entre duas pessoas. Laços fracos são tornados por interações mais pontuais, superficiais, que não traduzem intimidade ou proximidade. Os laços fracos são considerados pelo autor muito mais importantes na manutenção de uma rede social do que os laços fortes. Pessoas que compartilham de laços fortes em geral compartilham do mesmo círculo social (um grupo bem conectado), ao passo que aqueles com quem se tem laços mais fracos na realidade servem como uma ponte para outros grupos sociais, funcionam como conectores de uma rede formada por vários grupos. Recuero (2009) complementa:

o laço social é, deste modo, composto pelas relações sociais, que são compostas pela interação, constituída em laços relacionais, na terminologia de Breiger (1974). Tais laços podem ser fortes ou fracos, de acordo com o grau de intimidade, sua persistência no tempo e quantidade de recursos trocada. Além disso, os laços têm composições diversas, derivadas dos tipos de relação e do conteúdo das mensagens (RECUERO, 2009, p. 42-43).

O segundo elemento relativo à qualidade das conexões é o capital social. Esse conceito é heterogêneo entre os autores. Bourdieu (1983) explica em seus estudos que existem três formas de capital: o capital econômico, o cultural e o social. Em meio aos três, há o capital simbólico, capaz de legitimar a posse de cada tipo de capital como um recurso. Bourdieu (1980) define capital social como “o conjunto de recursos, efetivos ou potenciais, relacionados com a posse de uma rede durável de relações, mais ou menos institucionalizadas, de interconhecimento e de reconhecimento” (BOURDIEU, 1983, p. 2). Ainda de acordo com o autor o volume do capital social pertencente a um agente particular “depende da extensão da rede de ligações que ele pode mobilizar e do volume de capital - econômico, cultural ou simbólico - possuído por cada um daqueles a quem ele está ligado” (BOURDIEU, 1983, p. 2).

O capital social é o agregado dos recursos atuais e potenciais, os quais estão conectados com a posse de uma rede durável, de relações de conhecimento e reconhecimento mais ou menos institucionalizadas, ou em outras palavras, à associação a um grupo – o qual provê cada um dos membros com o suporte do capital coletivo (...) (BOURDIEU, 1983, p. 248-249).

Bourdieu (1983) infere que o capital social está intrinsicamente relacionado ao capital cultural, sendo que o volume de capital social concentrado por um agente seria determinado pela extensão das redes cívicas que ele pode mobilizar e do capital (econômico, cultural e simbólico) do qual ele se apropria nas relações com os outros. Já Coleman (1988) refere-se aos recursos acumulados por meio das relações entre as pessoas, ou seja, a partir desse prisma podemos considerar o capital social como um recurso que pode ser acumulado ou perdido por meio das relações sociais entre os atores. Putnam (2000, p.19) explicita que o capital social “refere-se à conexão entre indivíduos – redes sociais e normas de reciprocidade e confiança que emergem dela”. Portes (2000) se apropria de Coleman e Bourdieu para complementar que:

Tanto Coleman quanto Bourdieu sublinham a intangibilidade do capital social, em comparação com outras formas. Enquanto o econômico se encontra nas contas bancárias e o capital humano dentro das cabeças das pessoas, o capital social reside na estrutura de suas relações (PORTES, 2000, p. 138).

O capital social, na visão de Putnam (2002), é compreendido como um conjunto de características da organização social – normas, confiança e sistemas – que tornam possíveis ações em sincronia. A partir dessa premissa, desenvolve instrumentos empíricos para examinar a tese de que o capital social promove cooperação social que se reflete no desempenho das instituições. A respeito do capital social e desempenho institucional, Putnam (2002) argumenta:

A cooperação voluntária é mais fácil numa comunidade que tenha herdado um bom estoque de capital social sob a forma de regras de reciprocidade e sistema de participação cívica. O capital social diz respeito a características da organização social, como confiança, normas e sistemas, que contribuam para aumentar a eficiência da sociedade, facilitando as ações coordenadas (PUTNAM, 2002, p. 173).

Na concepção de Coleman (1988), o capital social está relacionado ao conceito funcionalista dos fundamentos normativos capazes de produzir integração social. Para o autor, "todos aqueles elementos de uma estrutura social que cumprem a função de servir como recursos para que atores individuais atinjam suas metas e satisfaçam seus interesses" (COLEMAN, 1988, p. 33).

Assim como outras formas de capital, o capital social é produtivo, possibilitando a realização de certos objetivos que seriam inalcançáveis se ele não existisse [...]. Por exemplo, um grupo cujos membros demonstrem confiabilidade e que depositem ampla confiança uns nos outros é capaz de realizar muito mais do que outro grupo que careça de confiabilidade e confiança [...]. Numa comunidade rural [...] onde um agricultor ajuda o outro a enfardar o seu feno e onde os implementos agrícolas são reciprocamente emprestados, o capital social permite a cada agricultor realizar o seu trabalho com menos capital físico sob a forma de utensílios e equipamento” (COLEMAN, 1988, p. 302-304).

Como vimos, o capital social pode auxiliar na compreensão dos laços sociais e do tipo de rede social formada através das ferramentas sociais observadas na Internet. Esse item de análise facilita no estudo das interações e conversações, ou seja, o capital social apropriado pelos atores no *Twitter* possui influência na formação dos tipos de redes sociais. Podemos classificar as redes como redes sociais emergentes e redes sociais de filiação (ou associação).

Segundo Recuero (2009) as primeiras são entendidas por meio das interações entre os atores sociais, “são redes cujas conexões entre os nós emergem através das trocas sociais realizadas pela interação social e pela conversação através da mediação do computador” (2009, p. 94). Já as segundas seriam “decorrentes das conexões automáticas proporcionadas pelos sites de redes sociais, mas igualmente construídas através de interações possíveis em um contexto do ciberespaço” (2009, p. 97).

Quanto a estrutura social, a análise de redes sociais estabelece um novo paradigma para esse tipo de estudo. Ou seja, para compreender os comportamentos e opiniões dos indivíduos é primordial compreender quais estruturas eles fazem parte. Marteleto (2001) corrobora:

A unidade de análise não são os atributos individuais (classe, sexo, idade, gênero), mas o conjunto de relações que os indivíduos estabelecem através das suas interações uns com os outros. A estrutura é apreendida concretamente como uma rede de relações e de limitações que pesa sobre as escolhas, as orientações, os comportamentos, as opiniões dos indivíduos (MARTELETO, 2001, p. 72).

Destarte, compreender a estrutura extensa e horizontal das redes sociais digitais implica em considerar as relações de poder concebidas de uma organização não-hierárquica e espontânea. Desse modo, o movimento net-ativista estudado aqui

fez parte de uma coletividade de pessoas, dirigida de maneira não-hierárquica, por vários atores sociais. Marteleto (2001) articula sobre a constituição dos movimentos sociais em rede:

Nas análises mais recentes, o enfoque das redes está sendo empregado para a leitura mais abrangente dos elementos constitutivos dos movimentos, como o papel dos atores que os organizam e orientam; a coordenação social ou constituição dos movimentos e as dificuldades de organizar uma coletividade de pessoas de modo não hierárquico; e o problema da estratégia política ou orientação para a mudança (MARTELETO, 2001, p. 72).

Ainda de acordo com Marteleto (2001) a ARS enquanto instrumento de análise dos movimentos sociais e populares permite olhar para uma nova prática da compreensão do conhecimento e da informação, e complementa que esses movimentos em rede evidenciam “a importância do conhecimento prático para a compreensão e criação do poder de transformação da realidade vivida e das próprias instituições” (MARTELETO, 2001, p. 80). Assim, compreendemos que a Análise de Redes Sociais seria a melhor abordagem metodológica para entregar as respostas às perguntas feitas ao objeto de pesquisa.

2 REVOLUÇÃO DIGITAL: A INTERNET

A Revolução Industrial ocorrida do século XVIII gerou grandes transformações tecnológicas como a máquina a vapor, a eletricidade, o telefone e o telégrafo. Esse período foi considerado como uma nova era da humanidade e como ascensão do capitalismo. Segundo Castells (1999), toda a estrutura do trabalho foi alterada pela mecanização do que antes era manual. Por consequência, os hábitos e costumes da população também se modificaram.

Em resposta às revoluções industriais tivemos já no século XX uma crise da modernidade. Diante da tensão entre grandes potências econômicas aconteceu a Primeira Guerra Mundial (1914-1918) e a Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Após a segunda, houve o período da Guerra Fria, no qual, as duas maiores potências mundiais da época - Estados Unidos e União Soviética - apostaram em uma corrida política pela ascensão econômica e tecnológica.

No final do século XX, três processos independentes se uniram, inaugurando uma nova estrutura social predominantemente baseada em redes: as exigências da economia por flexibilidade administrativa e por globalização do capital, da produção e do comércio; as demandas da sociedade, em que os valores da liberdade individual e da comunicação aberta tornaram-se supremos; e os avanços extraordinários na computação e nas telecomunicações possibilitadas pela revoluções microeletrônicas (CASTELLS, 2003, p. 8).

De acordo com Castells (2002), o Departamento de Defesa dos Estados Unidos criou em 1958 a agência ARPA (Advanced Research Projects Agency) para ultrapassar os avanços tecnológicos da União Soviética. O primeiro objetivo era criar uma rede de conexão entre os computadores da agência e de universidades que armazenavam dados secretos do país. Assim era mais fácil garantir a segurança dos dados e protegê-los de espiões soviéticos. Esse foi o primeiro passo do que hoje chamamos de Internet.

A Internet é um espaço de comunicação que conecta as pessoas virtualmente e cria laços profissionais e pessoais, ela “é um tecido da comunicação em nossas vidas: para o trabalho, os contatos pessoais, a informação, o entretenimento, os serviços públicos, a política e a religião” (Castells, 2002, p. 100). Lévy (2010) argumenta que a Internet possui o papel de tecnologia intelectual: “reorganiza, de

uma forma ou de outra, a visão de mundo de seus usuários e modifica seus reflexos mentais” (2010, p. 54). Castells (2003) complementa:

A cultura da Internet é a cultura dos criadores da Internet. Por cultura entendo um conjunto de valores e crenças que formam o comportamento; padrões repetitivos de comportamento geram costumes que são repetidos por instituições, bem como por organizações sociais informais. Cultura é diferente de ideologia, psicologia ou representações individuais. Embora explícita, a cultura é uma construção coletiva que transcende preferências individuais, ao mesmo tempo em que influencia as práticas das pessoas no seu âmbito” (CASTELLS, 2003, p. 34).

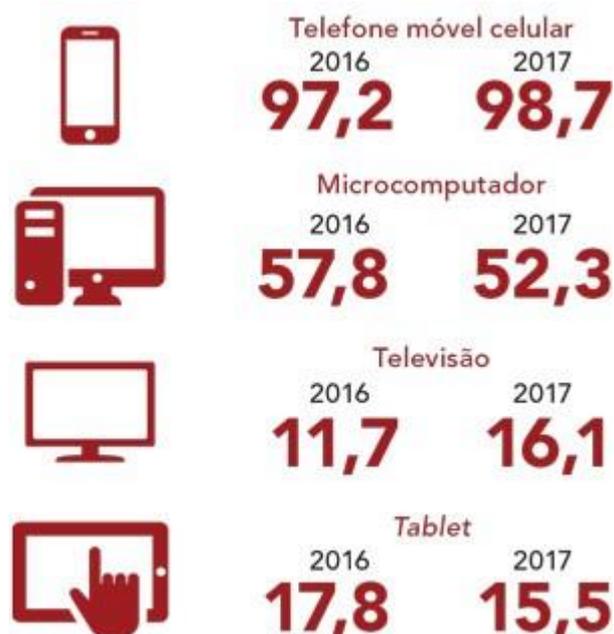
As possibilidades da internet são infinitas, o próprio Castells (2003) denomina esse fenômeno como “A Galáxia da Internet”, expressão que caracteriza a amplitude desse sistema de informação e comunicação que transformou a nossa cultura, a economia, a política, os estudos, a carreira profissional e toda arquitetura da vida humana. Portanto, o autor articula:

Atividades econômicas, sociais, políticas e culturais essenciais por todo planeta estão sendo estruturadas pela internet e em torno dela, como por outras redes de computadores. De fato, ser excluído dessas redes é sofrer uma das formas mais danosas de exclusão em nossa economia e em nossa cultura” (CASTELLS, 2003, p. 8).

De acordo com dados do IBGE¹² (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) divulgado em dezembro de 2018 sobre amostragem feita em 2017, o Brasil tinha 126,4 milhões de pessoas com acesso à internet, são 69,8% da população brasileira com mais de 10 anos de idade. Entre os entrevistados, 98,7% confirmaram ter acesso através de dispositivos móveis, conforme a figura (6) a seguir. Entretanto não podemos dizer que o acesso à rede é democrático e está disponível para todos cidadãos. Mas o que vemos é um quadro de pessoas que busca ao máximo deixar de participar da exclusão digital citada por Castells.

¹² Disponível em <https://educa.ibge.gov.br/criancas/brasil/2697-ie-ibge-educa/jovens/materias-especiais/20787-uso-de-internet-televisao-e-celular-no-brasil.html>

Figura 6 – Equipamentos mais utilizados para acesso à internet em 2016-2017



Fonte: Reprodução/IBGE

Aqueles com acesso possuem um certo tipo de poder diante da tela. Thompson (2002) explica que os meios de comunicação nos dão novas formas de ação e interação, seja face a face – comum e copresente -, interação quase-mediada – livros, televisão e jornais -, e interação mediada – meio técnico como o telefone e os computadores. Da última se constitui a sociedade em rede, baseada em redes globais, “a sua lógica chega a países de todo o planeta e difunde-se através do poder integrado nas redes globais de capital, bens, serviços, comunicação, informação, ciência e tecnologia” (Castells, 2002, p. 17).

Por conseguinte, as mudanças na esfera da comunicação resultaram na transição dos meios de comunicação unilaterais ou meios de massa, para os meios horizontais, mais democráticos e interativos. Essa inovação modificou nossa percepção de tempo e espaço. Conforme Thompson (2002, p. 12) articula, “[...] já não precisamos mais estar presentes no mesmo ambiente espacial-temporal para ver o outro indivíduo ou presenciar a ação ou evento”. A concepção de distância e de fronteiras foi estreitada pelos meios digitais.

Marshall McLuhan, em meados dos anos 1960, foi o primeiro teórico da comunicação a idealizar mudanças sociais significativas a partir da eletricidade. Ele prospectou na energia elétrica o potencial de disseminação de informações e o

surgimento de uma sociedade conectada, a “aldeia global”, fenômeno esse capaz de proporcionar a inevitável ressignificação das distâncias geográficas, temporais e cognitivas do corpo humano. “Com o advento da tecnologia elétrica, o homem prolongou, ou projetou para fora de si mesmo, um modelo vivo do próprio sistema nervoso central” (MCLUHAN, 1964, p. 61).

Entre os seus aforismos, suas argumentações mais significativas foram sobre “o meio é a mensagem” (MCLUHAN, 1964) e “os meios de comunicação como extensão do homem” (MCLUHAN, 1964). Ao falarmos do conteúdo da informação, Mcluhan (1964) entende que ele não importa, se comparado com o meio, pois “os meios têm o poder de impor seus pressupostos e sua própria adoção aos incautos” (1964, p. 32). Ele defendia que “qualquer invenção ou tecnologia é uma extensão [...] de nosso corpo, e essa extensão exige novas relações e equilíbrios entre os demais órgãos e extensões do corpo” (MCLUHAN, 1964, p. 63).

Essa premissa se torna muito atual ao analisarmos as nossas relações com os dispositivos móveis. A conexão do corpo humano com esses aparelhos tecnológicos os tornam parte de nós mesmos, essa extensão é vista como comum de forma que passa imperceptível por nossa consciência. Kerckhove (2009) vai além e atribui aos dispositivos externos ao corpo humano a ideia de amplificadores da inteligência. O ser humano sempre teve a necessidade de registrar sua história desde o período Paleolítico (40.000 a.C.) com as pinturas rupestres, até passar pelo processo de escrita com o alfabeto fenício (entre 1.000 a 1.400 a.C.), o processo de impressão de Gutenberg (século XV d.C) e mais atualmente, a partir da segunda metade do século XX, a digitalização, os computadores e os dispositivos móveis.

Esses são apenas alguns exemplos notórios acerca da evolução humana e nas mudanças significativas nas formas de comunicação e interação. Kerckhove (2009) entende que quando o indivíduo armazena sua memória para além do próprio corpo, ele abre espaço para o inusitado e a inovação, permitindo assim o desenvolvimento cultural. Os avanços tecnológicos como escrita, impressão, eletricidade e digitalização, evidenciaram novas práticas comunicativas, novas maneiras de ver e compreender o mundo ao nosso redor, por consequência no surgimento de outras práticas sociais. Todavia, o filósofo canadense McLuhan não imaginou que esse sistema conectivo e de inovações tecno-comunicativas do século XXI viria a ser a Internet, tal qual conhecemos hoje, mas suas contribuições teóricas

são vistas como verdadeiros presságios e nos servem como base para a compreensão dos fenômenos comunicacionais mais recentes, como a cibercultura e o ciberespaço.

2.1 A comunicação mediada por computadores

É incontestável os avanços para a comunicação que as revoluções tecnológicas trouxeram. Desde o início da história da humanidade, os seres humanos buscaram o desenvolvimento da técnica para o aprimoramento da relação do homem com o meio. Uma relação dialógica foi estabelecida a partir desse contexto: o homem tanto desenvolve e altera a tecnologia como a própria tecnologia altera o homem.

Corroborando com essa ideia, a presente pesquisa se debruça no sentido de tentar compreender os fenômenos comunicacionais da atualidade, mas com a plena convicção que outros fatores permeiam a vida social como políticos, culturais, econômicos, geográficos, estruturais, etc. Dessa forma Santaella (2004) apresenta algumas características dessa mudança social a partir da ótica das TICs, da cibercultura e do ciberespaço.

A emergência da cultura digital e seus sistemas de comunicação mediados eletronicamente transformam o modo como pensamos o sujeito, prometendo também alterar a forma de sociedade [...] A figura do eu, fixo no tempo e no espaço, capaz de exercer controle cognitivo sobre os objetos circundantes não mais se sustenta. A comunicação eletrônica sistematicamente remove os pontos fixos, as fundações que eram essenciais às teorias modernas. [...] Toda a variedade de práticas inclusivas na comunicação via redes - correio eletrônico, serviço múltiplo, instável, mutável, difuso e fragmentado, enfim, uma constituição inacabada, sempre em projeto (SANTAELLA, 2004, p. 126).

Para a autora, as novas tecnologias digitais descentralizaram a comunicação, afetaram o monopólio da audiência, trocaram o público hegemônico do aparelho de televisão por vários grupos regidos pelo vírus da personalização comunicativa (SANTAELLA, 2004). Dessa maneira os sistemas tecnológicos complexos de comunicação e informação passaram a ter um papel fundamental na estruturação da sociedade.

Segundo Thompson (2002), para compreender as transformações culturais da sociedade moderna ao longo dos anos é imprescindível analisar as influências da mídia. Para analisar esse contexto, Recuero (2014a) aponta como perspectiva a Comunicação Mediada por Computador (CMC), área de estudo que investiga os processos de comunicação humanos realizados através da mediação das tecnologias digitais, bem como “práticas conversacionais demarcadas pelas trocas entre os atores sociais. Suas características advêm, deste modo, também da apropriação das ferramentas digitais como ambientes conversacionais” (2014a. p. 27). A autora traz como uma das formas de CMC, a conversação em rede:

A conversação, no ambiente mediado pelo computador, assim, assume idiosincrasias próprias que são decorrentes da apropriação dos meios para o uso conversacional. Ela é, portanto, menos uma determinação da ferramenta e mais uma prática de uso e construção de significado dos interagentes, sejam essas ferramentas construídas para isso ou não. Falamos em apropriação porque essas ferramentas são construídas pelos agentes como ambientes conversacionais, e a conversação tem como suporte um conjunto de convenções simbólicas que são por elas construídas (RECUERO, 2014a, p. 39).

Aqui, voltamos a McLuhan (1964) e sua afirmativa sobre a interferência do meio para o entendimento da mensagem (o meio é a mensagem). A comunicação no ciberespaço proporcionou novas práticas de apropriação e a construção de contextos sociais diferenciados. Thompson (2002) corrobora ao interpretar que o uso dos meios de comunicação digitais altera os tipos de interação dos indivíduos, cria novas formas de ação e de exercício do poder.

A revolução tecnológica possibilitou avanços incontáveis para a comunicação. Desde os primórdios, o homem percebeu que sua relação com o meio poderia ser aprimorada pela técnica (LEMOS, 2010). McLuhan (1964) previu que a técnica e a tecnologia se tornariam a extensão do homem. Na modernidade essa relação foi fortalecida. Desde a prensa de Gutenberg¹³, no século XV, até a chegada da cibercultura, a Internet foi o instrumento que mais proporcionou autonomia e produtividade para o ser humano.

¹³ Impressão tipográfica. Entre 1444 e 1456, a prensa inventada por Johann Gutenberg, segundo Sousa (2008), inaugurou a era do jornalismo moderno, possibilitando o livre intercâmbio de ideias, a ampliação do conhecimento e maior acesso à informação através do documento escrito que poderia transmitir uma mensagem na íntegra para diversas pessoas.

A sociedade contemporânea precisou se adaptar a chamada mídia digital. De acordo com Negroponte (1995) “no contexto da vida digital, o que a maioria dos executivos dos meios de comunicação pensa e discute é a transmissão melhor e mais eficiente do que já existe” (1995, p. 23). O autor ainda enfatiza que “o mundo digital é intrinsecamente maleável. Ele pode crescer e modificar-se de uma forma mais contínua e orgânica do que os antigos sistemas analógicos” (1995, p. 47).

A principal diferença a respeito da comunicação em rede/mídia digital em relação aos meios de massa tradicionais é a descentralização dos links, antes unidirecionais, passaram a ser conexões multidirecionais. Essa nova arquitetura informacional distribuída possui características muito impares que podem ser sintetizadas conforme a tabela abaixo:

Quadro 4 - Características da comunicação em rede e dos meios de comunicação de massa

Rádios-TV-jornais	Internet
Unidirecional	Multidirecional
Baixa interatividade	Alta interatividade
Hierárquica	Enredada
Verticalizada	Horizontalizada
Linear	Hipertextual
Analógica	Digital
Nacional/local	Transnacional/local

Fonte: Silveira (2010).

Dessa forma, essas qualidades da comunicação em rede garantiram a troca de conteúdo distribuído, interativo e participativo. O que se observa é que a sociedade global está vivenciando uma nova forma cultural batizada por alguns pensadores como cibercultura. E como propõe André Lemos, a cibercultura “é a cultura contemporânea, associada às tecnologias digitais (ciberespaço, simulação, tempo real, processos de virtualização), que cria esta nova relação”. Ele explica que “as novas tecnologias tornam-se vetores de novas formas de agregação social” (LEMOS, 2013, p. 17).

“Nem utopia nem distopia, a Internet é a expressão de nós mesmos através de um código de comunicação específico, que devemos compreender se quisermos

mudar nossa realidade” (CASTELLS, 2003, p. 11). A Internet propiciou a retribalização do homem a partir da constituição da aldeia global (MCLUHAN, 1964) e a criação de comunidades virtuais. Lévy argumenta que esse fenômeno ultrapassou os fins políticos e se tornou um espaço para fins sociais.

A cibercultura especifica o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o ciberespaço. Espaço este, considerado pelo autor como um novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. O termo especifica não apenas a infra-estrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informação que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo (LÉVY, 2010, p. 17).

Castells corrobora ao dizer que “os primeiros usuários de redes de computadores criaram comunidades virtuais (...) e essas comunidades foram fontes de valores que moldaram comportamento e organização social” (CASTELLS, 2003, p. 46). Com isso, a Internet superou todas as expectativas e todos os meios de comunicação existentes até então. O surgimento de comunidades virtuais no ciberespaço foi o rompimento entre localidade e sociabilidade na formação da comunidade, mas um elo entre novas interações sociais e movimentos sociais em rede.

Diferentes autores trabalham com o conceito de interação e suas vertentes, portanto algo está posto, a interação é a matéria-prima na comunicação mediada por computadores (CMC). Recuero (2009) traz dois tipos de interação, síncrona e assíncrona e Primo (2011) corrobora com outros dois tipos, conforme o quadro (5) a seguir:

Quadro 5 - Tipos de interação

Tipo de interação	Definição
Síncrona	Simula a interação face a face, expectativa de resposta imediata; se estabelece em um único espaço; a diferença temporal entre estímulo e resposta é pequena (RECUERO, 2009).
Assíncrona	Não necessita de resposta imediata, acontece em um ou mais espaços, a diferença temporal entre estímulo e resposta geralmente é alargada (RECUERO, 2009).

Mútua	Participação ativa dos membros envolvidos, possui caráter de reciprocidade e interdependência; é fundamental para a construção de conhecimento de forma coletiva (PRIMO, 2011).
Reativa	Sistema fechado de estímulo, não existe diálogo livre (PRIMO, 2011).

Fonte: Da autora com base em Recuero (2009) e Primo (2011)

Para Recuero (2009), a interação síncrona não pode ser reproduzida através de computadores pois, ela necessita de uma resposta imediata ao estímulo, como um diálogo entre amigos; enquanto que a interação assíncrona permite o alargamento temporal, “o ambiente registra as mensagens e as representações, permitindo que indivíduos que visitem o ambiente em momentos diferentes possam dar continuidade à conversação” (RECUERO, 2009, p 87).

Primo (2011) avança no sentido da abordagem sistêmico-relacional e procura mostrar que a interação vai além da simples transmissão de informações. Para o autor a interação mediada por computadores se divide em dois grandes grupos: a interação mútua e a interação reativa. A primeira diz respeito a problematizações mais engajadas, como os próprios movimentos net-ativistas apresentados neste trabalho, “o relacionamento entre os participantes vai definindo-se ao mesmo tempo que acontecem os eventos interativos (nunca isentos dos impactos contextuais e relações de poder” (PRIMO, 2011, p. 228). Enquanto que a segunda é considerada um sistema fechado. Os indivíduos desse tipo de interação não percebem o contexto e por esse motivo tem pouca ou nenhuma condição de modificar uns aos outros por apresentar relações lineares e unilaterais (PRIMO, 2011).

2.2 A esfera pública da Internet

A abertura e a flexibilidade do espaço público que se formou com a Internet moveu a sociedade rumo a uma evolução política, social e cultural enriquecida por meio dos debates, do acesso às informações e a veiculação da opinião dos cidadãos. Esse fenômeno caminha em direção à preservação dos direitos fundamentais dos homens e da garantia do Estado Democrático por Direito. Assim, Habermas (1997) apresenta considerações sobre a esfera pública:

(...) é um fenômeno social elementar do mesmo modo que a ação, o ator, o grupo ou a coletividade; porém, ele não é arrolado entre os conceitos tradicionais elaborados para descrever a ordem social. A esfera pública não pode ser entendida como uma instituição, nem como uma organização, pois ela constitui uma estrutura normativa capaz de diferenciar entre competências e papéis, nem regula o modo de pertença a uma organização, etc. Tampouco ela constitui um sistema, pois mesmo que seja possível delinear seus limites internos, exteriormente ela se caracteriza através de horizontes abertos, permeáveis e deslocáveis. A esfera pública pode ser descrita como uma rede adequada para a comunicação de conteúdo, tomadas de posição e opiniões; nela os fluxos comunicativos são filtrados e sintetizados, a ponto de se condensarem em opiniões públicas enfeixadas em temas específicos (HABERMAS, 1997, p. 92).

Esse espaço irrestrito de comunicação e deliberação pública levou a sociedade a se articular em prol de mudanças desde o âmbito local ao global, independente da causa ou cunho social. Dessa forma, o conceito de esfera pública para Habermas pode ser considerado como "uma estrutura intermediária que faz a mediação entre o sistema político, de um lado, e os setores privados do mundo e da vida e sistemas de ação especializados em termos de funções, de outro" (HABERMAS, 1997, p. 103).

O conceito de esfera pública virtual se refere a relação entre o governo e a sociedade por meio da web. Mesmo que de forma incipiente, a Internet é símbolo de união entre os interesses individuais e coletivos constituídos por meio dessa esfera. Na visão habermasiana, a esfera pública está associada aos espaços conversacionais da vida cotidiana. A internacionalização da esfera virtual potencializou construções colaborativas jamais vistas na história. Essa emancipação comunicativa contribuiu para a emergência de uma nova economia informacional em rede como forma de participação democrática com forte teor crítico e auto reflexivo.

Foi nesse contexto que os movimentos sociais em rede tomaram fôlego e se tornaram iminentes a partir da segunda década do século XXI. O objetivo é um só: a defesa dos direitos fundamentais e da democracia. A partir de 2010 ocorreram vários protestos sociais que utilizaram a internet como instrumento fundamental para articulação, formação e expansão. Os movimentos da Primavera Árabe¹⁴,

¹⁴ O conceito de "primavera árabe" foi um criado, essencialmente, pelos meios de comunicação social para caracterizar as sublevações que existiram e que resultaram do descontentamento generalizado de grande parte das populações com os sistemas políticos existentes em países do norte de África e do médio oriente, registrando-se o seu início na Tunísia, no final do ano de 2010. As populações de vários países do mundo árabe

reivindicações sociais oriundas dos países do Oriente Médio, tiveram como estratégia o uso das redes sociais digitais. Conforme pontua Castells (2017a):

A difusão das redes de comunicação horizontal e os múltiplos pontos de entrada no sistema de comunicação local/global modificaram profundamente a prática de poder em várias dimensões institucionais e sociais, aumentando a influência da sociedade civil e de atores sociopolíticos não institucionais na forma e na dinâmica das relações de poder (CASTELLS, 2017a, p. 34).

Para falar em movimentos sociais em rede é imprescindível falar sobre as relações de poder e o poder da comunicação. Mais importante do que falar sobre o poder e emancipação que as tecnologias da informação e comunicação (TICs) deram a sociedade, precisamos falar sobre o que a sociedade faz com esse poder em mãos. Mas qual seria a definição de poder? “O poder é a capacidade relacional que permite a um ator social influenciar assimetricamente as decisões de outros atores sociais de formas que favoreçam a vontade, os interesses e os valores do ator que detém o poder” (CASTELLS, 2017a, p 57). Ainda de acordo com o autor, o poder é o exercício da coerção, é a dominação exercida sob os sujeitos. Castells explica a afirmação anterior:

Capacidade relacional significa que o poder não é um atributo, mas uma relação. [...] *Assimetricamente* significa que, embora a influência em uma relação seja sempre recíproca, nas relações de poder há sempre um grau maior de influência por parte de um ator sobre o outro. No entanto, nunca há um poder absoluto [...]. Há sempre a possibilidade de resistência que questiona esse tipo de relação. Além disso, em qualquer relação de poder, há certo grau de consentimento e aceitação do poder por parte daqueles sujeitos. Quando a resistência e a rejeição se tornam significativamente mais fortes que o consentimento e a aceitação, as relações de poder são transformadas (CASTELLS, 2017a, p. 57-58).

No espírito dessa transformação que desencadeou o poder das redes estiveram as TICs, com isso surgiu uma série de mobilizações cultivadas no ciberespaço e realizadas no espaço urbano em diversos países. Com base nos estudos de Castells (2017b), a partir da observação dos maiores movimentos formados desde 2010 (Primavera Árabe, Occupy Wall Street, Jornadas de Junho,

estiveram, em diferentes momentos, envolvidas em distintos tipos de protestos pró-democracia. Estes protestos sociais, pouco institucionalizados, tiveram diferentes configurações: manifestações, greves, marchas pacíficas ou pequenas agregações populacionais de protesto, tendo beneficiado do papel da internet, em particular das redes sociais, como motor de agregação e organização do protesto (ESTEVENS, 2013, p. 3).

etc), o autor enumerou duas principais características que se fazem presentes em todos esses movimentos: 1) a crise fundamental de legitimidade do sistema político, independente do sistema vigente ser autoritário ou baseado em eleições democráticas e 2) a capacidade de comunicação autônoma.

A interconexão entre os usuários de redes sociais digitais, como o *Twitter*, evidenciou os movimentos sociais em rede, baseados na ação coletiva. Para Castells (2017b) esses movimentos “surgem da contradição e dos conflitos de sociedades específicas, e expressam as revoltas e os projetos das pessoas resultante de sua experiência multidimensional” (2017b, p. 108-109). É por meio do panorama da CMC e da conversação em rede que esta pesquisa se debruça, na tentativa de compreender uma nova arquitetura comunicacional evidenciada por esses movimentos.

2.3 Cibercultura e movimentos sociais em rede

A sociedade do século XXI vive um momento histórico de grandes transformações. Com o advento da internet a população descobriu uma nova forma de obter informação - com mais agilidade e rapidez. Tornou-se parte do cotidiano a troca de conteúdos em tempo real, o uso de *smartphones*, *tablets* e *wearables*, a conexão banda larga ilimitada e o Big Data. Estar conectado 24 horas por dia metamorfoseou a vida social do ser humano, modificou nosso "*modus operandi*" e causou também uma série de transformações nas interações humanas.

Partindo desse ponto, é possível afirmar que a era digital aproximou a interação entre os indivíduos por meio dos diálogos promovidos pelo acesso à rede. Além disso, ela deu vida aos movimentos em rede, aos grupos de pessoas que, a partir das novas mídias, se unem em busca de soluções para problemáticas sociais, por exemplo, os que atuaram e atuam na crise da representatividade política no Brasil. Para Thompson (2002), esses grupos “ são capazes de agir em favor de outros fisicamente ausentes, ou responder a outros em situados diferentes” (THOMPSON, 2002, p. 14).

Tem se notado entre diferentes tipos de populações participantes conectados em diferentes países capazes de demonstrar ações em rede motivadas por razões distintas, em diferentes contextos culturais, sociais e econômicos, mas há algo em

comum entre as reivindicações: a importância das redes sociais digitais como elemento participante numa nova forma de fazer ativismo. Castells (2017a) argumenta que:

A forma em rede é multimodal, e inclui tanto redes on-line quanto off-line, bem como redes sociais preexistentes e redes geradas organicamente durante o curso do próprio movimento. As redes são encontradas dentro dos movimentos, com outros movimentos ao redor do mundo, com a blogosfera da internet, com a mídia e com a sociedade em geral. As tecnologias de rede são significativas porque fornecem a plataforma para essa prática expansiva e constante que evolui com a mudança do movimento (CASTELLS, 2017a, p. 48).

Para Castells (2017b), a mais recente onda de ativismo em rede teve início em países do Norte da África e do Oriente Médio, em manifestações em busca pela democracia, conjunto de mobilizações heterogêneas conhecido como Primavera Árabe, desde o fim de 2010. Em 17 de Dezembro daquele ano, o vendedor ambulante tunisino Mohamed Bouazizi ateou fogo ao próprio corpo como forma de protesto, atraindo os holofotes midiáticos e as atenções das redes sociais digitais, que passaram a repercutir as ações articuladas não apenas na Tunísia, como aquelas que se seguiram, de forma mais enfática após tal estopim, em pelo menos duas dezenas de localidades árabes.

Como o caso de Mohamed Bouazizi tivemos vários outros que foram o ponta pé inicial de grandes revoluções/movimentos com ação direta dos próprios cidadãos, como Os Indignados na Espanha, Occupy Wall Street nos Estados Unidos, Movimento Zapatista no México, Jornadas de Junho no Brasil, etc. Magalhães (2018) contribui ao defender que esses marcos históricos foram tecidos pelo fio condutor das novas tecnologias da informação, que possibilitam o reagrupamento social de indivíduos que carregam as mesmas causas. Assim:

Da segurança do ciberespaço, pessoas de todas as idades e condições passaram a ocupar o espaço público, num encontro às cegas entre si e com o destino que desejavam forjar, ao reivindicar seu direito de fazer história – sua história -, numa manifestação de autoconsciência que sempre caracterizou os grandes movimentos sociais (CASTELLS, 2017b, p. 18).

Neste sentido, diante das experiências atuais do ativismo em rede, que diluem as barreiras entre o real e o virtual ao impulsionarem, na maior parte das vezes para as ruas, mobilizações emergidas num contexto digital, somos

provocados a refletir sobre a qualidade destas ações em rede. Para Castells (2017b) as mudanças do ambiente comunicacional afetam diretamente as normas da construção de significado e, portanto, a produção das relações de poder.

Dentro desta perspectiva, abordamos o net-ativismo, caracterizado como movimento social que existe no ambiente virtual e tema de estudo deste trabalho, reúne indivíduos que compartilham as mesmas lutas e pode ser considerado como uma nova prática de democracia. Para a abordagem dessa questão, é necessário compreender como se constitui a condição de cidadania a partir da perspectiva deste novo processo comunicacional, tópico que será discutido com mais aprofundamento no próximo capítulo.

Na perspectiva do net-ativismo, o ciberespaço atua como uma tecnologia que permite a interação de redes entre diversos atores, como humanos, biológicos e técnicos por meio de ações em rede. Estas ações possibilitam a conexão dos sujeitos não mais limitados ao âmbito político, social e histórico, mas são definidas como um “conjunto de ações colaborativas que resultam da sinergia entre atores de diversas naturezas - pessoas, circuitos informativos, dispositivos, redes sociais digitais, territorialidades informativas” (DI FELICE, 2013a, p. 276).

Assim, o pensamento tradicional de comunicação “um-todos” é alterado para a lógica de “todos-todos”, de modo que podemos pensar em uma arquitetura informacional digital. Os movimentos net-ativistas estão inseridos neste sistema complexo de interações. Este trabalho caminha na direção de refletir sobre as mudanças acarretadas no social do homem, bem como na emergência de uma ecologia comunicacional que ultrapassa os limites entre físico e digital, público e privado.

O advento da globalização e das tecnologias da informação e comunicação (TICs) possibilitou uma nova forma de comunicação na sociedade. Essas mudanças tiveram forte influência na construção das relações sociais e das relações de poder, bem como no modo de comunicação entre as pessoas. Este cenário levou alguns autores a pensar em uma revolução da comunicação, revolução essa que tenciona as teorias tradicionalistas e altera os modelos de análises, já que se centra na evolução tecnológica.

Antes da era digital falávamos em dois tipos de comunicação: a interpessoal e a de massa. Castells (2017a) define a comunicação interpessoal como interativa e

compreende os emissores e receptores como sujeitos da ação, já a comunicação de massa pode ser interativa ou unidirecional, com potencial de difusão local/global. A comunicação interpessoal é interativa porque se constitui da relação entre duas ou mais pessoas, que moldam suas atitudes de acordo com o outro e com a situação. Quem emite a mensagem e quem a recebe determinam as ações. Em contrapartida, a comunicação de massa pode apresentar as características citadas anteriormente ou ter uma direção de mão única, que não permite resposta (unidirecional). Esta última forma relaciona-se comumente às ações dos vastos conjuntos de empresas e das redes televisivas convencionais.

Entretanto, com o surgimento da Internet outro tipo de comunicação interativa foi criado, ele é caracterizado “pela capacidade de enviar mensagens de muitos para muitos, em tempo real ou no tempo escolhido, e com a possibilidade de usar a comunicação entre dois pontos, em transmissões especializadas” (CASTELLS, 2017a, p. 101). O autor denomina essa nova forma de interação como *autocomunicação de massa*, pois ela apresenta a possibilidade de alcance do público global e é, simultaneamente, um modo de comunicação em que o conteúdo é gerado pelas pessoas que, por sua vez, também definem os receptores potenciais e selecionam as redes de comunicação.

Castells ainda (2017a, p. 102-103) pontua quatro características desta revolução da comunicação na era digital: 1) Transformação tecnológica - baseada na digitalização da comunicação, nas redes de computadores, softwares avançados, banda larga, conexão local-global, internet sem fio; 2) Modificação na estrutura organizacional e institucional da comunicação - comercialização generalizada da mídia, segmentação dos mercados de mídia e a convergência empresarial entre corporações de telecomunicação, computador, internet e mídia; 3) Dimensão cultural do processo de transformação - desenvolvimento de uma cultura global e de uma cultura de múltiplas identidades, paralelamente; 4) Relações de poder - representa as relações sociais e o poder de consumo de cada grupo ou país. Portanto, o campo da comunicação atual está pautado por “meio de um processo de mudança multidimensional moldada por conflitos na estrutura contraditória de interesses e valores que constitui a sociedade” (Castells, 2017a, p. 104).

Ainda de acordo com Castells (2017b), os movimentos sociais exercem o contrapoder, construindo-se, em primeiro lugar, mediante um processo de

comunicação autônoma, livre do controle dos que detêm o poder institucional. Para que as redes de contrapoder prevaleçam sobre as redes de poder embutidas na organização da sociedade, elas têm de reprogramar a organização política, a economia, a cultura ou qualquer dimensão que pretendam mudar, introduzindo nos programas das instituições, assim como em suas próprias vidas, outras instruções, incluindo, em algumas versões utópicas, a regra de não criar regras sobre coisa alguma.

A informação é poder. A comunicação é contrapoder. E a capacidade de mudar o fluxo de informação a partir da capacidade autônoma de comunicação reforçada mediante as tecnologias digitais de comunicação, realça substancialmente a autonomia da sociedade com respeito aos poderes estabelecidos (CASTELLS, 2006, p. 231).

A capacidade autônoma referida pelo autor está vinculada aos usos das TICs ao serviço de valores e interesses dos indivíduos envolvidos. O autor infere que o espaço público dos movimentos sociais é construído como um espaço híbrido entre as redes sociais da Internet e o espaço urbano ocupado: “conectando o ciberespaço com o espaço urbano numa interação implacável e constituindo, tecnológica e culturalmente, comunidades instantâneas de prática transformadora” (Castells, 2017b, p. 26).

De outra maneira, é possível afirmar que os aspectos tratados pela revolução da comunicação são diversos, por isso geram conflitos nos valores sociais, considerando que abarcam desde o segmento material tecnológico até a dimensão cultural e organizacional da comunicação, como argumenta Castells (2002) sobre o panorama das mídias digitais:

As novas tecnologias da informação estão integrando o mundo em redes globais de instrumentalidade. A comunicação mediada por computadores gera uma gama enorme de comunidades virtuais. (...) Os primeiros passos históricos das sociedades informacionais parecem caracterizá-las pela preeminência da identidade como seu princípio organizacional. Por identidade, entendo o processo pelo qual um ator social se reconhece e constrói significados principalmente com base em determinado atributo cultural ou conjunto de atributos (Castells, 2002, p. 38).

Para compreender a dimensão do impacto dos meios de comunicação desenvolvidos e introduzidos através da Era dos Computadores, retomamos os conceitos de ciberespaço e cibercultura. Para Lévy o

Ciberespaço é o novo meio de comunicação que surge da intercomunicação mundial dos computadores. O termo especifica não apenas a infra-estrutura material da comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores [...], mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo (LÉVY, 2000, p. 17).

Ao passo que Lemos (2013, p. 138) entende o ciberespaço como um universo de saberes e discussões pluralistas “reforçando competências diferenciadas e aproveitando o caldo de conhecimento que é gerado dos laços comunitários, podendo potencializar a troca de competências, gerando a coletivização dos saberes” (2013, p. 138). Os autores concordam que o ciberespaço é composto, para além do aspecto puramente material, principalmente por informações, conhecimento, coletivização e troca alimentada por pessoas.

Sobre a “cibercultura” Lévy (2000) define este termo como um conjunto de práticas e/ou ações sociais, pensamentos e valores advindos das possibilidades tecnológicas existentes no ciberespaço. “É a expressão da aspiração de construção de um laço social, que não seria fundado nem sobre links territoriais [...], nem sobre relações de poder, mas sobre a reunião em torno de centros de interesses comuns” (LÉVY, 2000, p. 130), acrescenta o autor.

Já o sociólogo belga Derrick de Kerckhove (2009, p. 155) defende que “a cibercultura é a multiplicação da massa pela velocidade”. Kerckhove (2009) é considerado o atualizador dos pensamentos de Herbert Marshall McLuhan (1911-1980) - renomado intelectual, teórico e filósofo da comunicação que vislumbrou a internet três décadas antes de sua invenção -, e avança suas pesquisas tratando das possibilidades da cibercultura, entre elas estão as alterações cognitivas, a penetração e a expressão da mente.

A cibercultura implica “ver através”. Vemos através de matéria, do espaço e do tempo com as nossas técnicas de captura de informação. Quando uma tecnologia nos dá acesso físico ou mental a um lugar, na Terra ou ao espaço profundo, para além de qualquer limite anterior, as nossas mentes vão atrás. Então nossa psicologia tem que evoluir com essa tecnologia. [...] Contudo, quando

pensamos globalmente e mandamos ou recebemos informação dos nossos escritórios, contemos a Terra em nossas mentes e redes. A informação que aplicamos a esta estrutura interior é parte de um pensamento global e de uma atividade global. Como forma de expressão da mente e quadro de referência, a globalização é uma das condições psicológicas da cibercultura (KERCHKOVE, 2009, p. 155).

A partir das considerações apontadas podemos compreender que a internet é um fator determinante na modificação das relações sociais proporcionadas pela interação entre o homem e o ciberespaço, posto que ela determina mudanças sociais e históricas e interfere em questões educacionais, psicológicas, culturais, entre outras. Para Lemos (2013) a essência da cibercultura, produto do ciberespaço, é a apropriação. A tecnologia é entendida como o resultado da apropriação do homem e, por consequência, é a extensão do próprio homem. Isto porque permite a construção de um novo sistema de ecologia informacional, baseado na comunicação mediada por computadores (CMC).

As perspectivas apresentadas neste capítulo servem de base para compreender o poder da comunicação mediada por computadores e a forma como as pessoas se adaptaram ao processo informacional das redes sociais digitais. Nesse sentido, considerando as modificações geradas pela revolução da comunicação e o fato de que o ser humano tem se tornado uma extensão da tecnologia, é inegável que essas relações são, também, relações políticas. Assim, o percurso teórico segue na tentativa de entender o ativismo em rede e como ele se constitui no Brasil e ao redor do mundo.

3 CIDADANIA, ATIVISMO E NET-ATIVISMO

O conceito de cidadania sempre esteve em construção e por esse motivo o termo agrega certa dinamicidade de acordo com os grupos sociais. Apesar de existir valores universais e comuns a todos os povos como a Declaração Universal dos Direitos Humanos desenvolvida pela ONU (Organização das Nações Unidas) em 1948, cada país apresenta elementos específicos de cidadania para o seu povo. De acordo com Marshall (1967) a cidadania está intrinsecamente relacionada a três tipos de direitos: 1) direitos civis individuais, 2) direitos políticos para que haja participação política dos indivíduos nas decisões em comunidade, e, 3) direitos sociais como acesso a saúde, educação, alimentação, moradia, etc. O autor entende que o “ser cidadão” vai além do status financeiro, perpassa o limite do individualismo para o universalismo.

A participação política vai além do voto, se amplia para outras práticas como exercer função política, conscientização e organização, participar de um partido político, praticar o exercício da crítica, apoiar campanhas eleitorais, entre outras (BOBBIO, 2010). Bobbio (2010) considera a participação política em três níveis: 1) Presença - comportamento mais passivo, de forma menos intensa; 2) Ativação - atividades voluntárias desenvolvidas pelos indivíduos dentro ou fora de uma organização política, e; 3) Decisão - forma mais ativa de participação, como o voto.

É importante compreender a questão da cidadania no Brasil. Para Carvalho (2002), ela se deu inversamente à cidadania da Inglaterra, de acordo com a pirâmide de Marshall, que estabelece através de uma ordem cronológica a obtenção primeiramente dos direitos civis, em seguida os direitos políticos e por último os direitos sociais. Conforme o autor, a cidadania brasileira se alicerçou a partir dos direitos sociais, no governo de Getúlio Vargas em 1930, que foram implementados em um momento histórico de restrição dos direitos políticos e enfraquecimentos dos direitos civis. Carvalho (2002) considera que a modificação na aplicabilidade da pirâmide dos direitos atrasou toda a construção da cidadania política no Brasil, uma vez que ela “tem a ver com a relação das pessoas com o Estado e com a nação. As pessoas se tornavam cidadãs à medida que passavam a se sentir parte de uma nação e de um Estado” (CARVALHO, 2002, p. 12).

[...] Era avanço na cidadania, na medida em que trazia as massas para a política. Mas em contrapartida, colocava os cidadãos em posição de dependência perante os líderes, aos quais votavam lealdade pessoal pelos benefícios que eles de fato ou supostamente lhes tinham distribuído. A antecipação dos direitos sociais fazia com que os direitos não fossem vistos como tais, como independentes da ação do governo, mas como um favor em troca do qual se deviam gratidão e lealdade. A cidadania que daí resultava era passiva e receptora antes que ativa e reivindicadora (CARVALHO, 2002, p. 126).

Ainda de acordo com Carvalho (2002) o papel do Estado brasileiro passou por mudanças nas conjunturas políticas e históricas ao longo do século XX como a era da Ditadura Militar (1964-1985). Ao falarmos de cidadania e de políticas públicas percebemos que a sociedade brasileira possui como alicerce três dimensões básicas: o Estado, a sociedade e o mercado. Para Nagel Hullen (2018) as políticas sociais no Brasil atuam como compensações por parte do Estado, em função de toda a trajetória de cerceamento dos direitos e pelas desigualdades originadas pelo mercado capitalista. “O cidadão brasileiro está imerso na história como personagem tardio e o início do seu processo de inclusão, lento e tortuoso, nos processos sociais, políticos e econômicos do país, encontra pela frente a ideologia de mercado (...) como opositora” (NAGEL HULLEN, 2018, p. 227).

A luta por ampliação e articulação pelo direito à cidade exige atitudes imediatas, mas também o fortalecimento de alianças entre movimentos urbanos políticos com sujeitos individuais e coletivos. As lutas por direitos que seguem rumo às lutas emancipatórias possuem como elemento fundamental a ação política dos movimentos sociais (GUIMARÃES, 2015). Atualmente falamos muito em crise na política. Os políticos, antes figuras centrais na representatividade política brasileira, começaram a perder suas posições de relevo com tantos casos de corrupção, lavagem de dinheiro, congelamento de verba pública, etc. Para Guimarães (2015) a articulação da sociedade com os políticos tradicionais caminha no sentido da quebra de expectativas e do desapontamento. Esse cenário reflete no surgimento de movimentos sindicais, de militância e dos movimentos sociais em rede.

Importante ressaltar a importância dos meios de comunicação que atuam como mecanismos de interpretação da realidade e influenciam na formação de opiniões, bem como nas identidades individuais e coletivas. Observamos, portanto, o poder que as tecnologias da comunicação e informação (TICs) desempenham para

a mobilização política “sendo essencial para tais movimentos conseguir atrair a atenção da mídia, a fim de dar conhecimento de suas causas ao público e convencê-lo da legitimidade das mesmas, bem como para influenciar na esfera de governo” (VILLELA, 2012, p. 17).

A internet fornece, em princípio, um canal de comunicação horizontal, não controlado e relativamente barato, tanto de um-para-um quanto de um-para-muitos. Como disse, o uso desse canal por políticos ainda é limitado. Há, contudo, um uso crescente da Internet por jornalistas rebeldes, ativistas políticos e pessoas de todo tipo como um canal para difundir informação e rumores políticos (CASTELLS, 2003, p. 129).

O papel das TICs foi ressignificado a partir dos movimentos em rede e de formas de governança eletrônica. A participação social em torno do bem comum acompanha o ser humano desde os primórdios e passou por vários desafios diante dos inúmeros modelos de sociedade. Os movimentos criados no seio das redes sociais digitais contemporâneas despertaram um outro tipo de ativismo que iremos discutir no tópico a seguir.

3.1 As ecologias comunicativas colaborativas do net-ativismo

A partir do surgimento da Internet e da expansão dos meios tecnológicos, a comunicação digital modificou o fluxo comunicacional, criou espaços para troca de informação e permitiu o alcance, quase inimaginável, de vozes de novos narradores. De acordo com Lévy (2000), essas novas tecnologias surgiram “como a infraestrutura do ciberespaço, novo espaço de comunicação, de sociabilidade, de organização e de transação, mas também novo mercado de informação e conhecimento” (2000, p. 32). Eles tornaram as relações, antes verticais, cada vez mais horizontais e universalizadas. Conforme contribui Di Felice (2017), estamos vivendo em uma rede distribuída, na qual, as informações “navegam de modo distribuído, horizontal, dialógico e redundante, onde cada nó tem igual proximidade das informações” (2017, p. 136).

Diante desse cenário tecnológico, a Internet possibilitou o surgimento de “uma série de movimentos de ação direta, com práticas sociais e comunicativas específicas, que começou a explicitar, na rede, novas formas de relações e conflitualidade” (DI FELICE, 2017, p. 137). Derivado da ação colaborativa e

distribuída, o net-ativismo nasce no ciberespaço e se diferencia de qualquer outro movimento pois, ultrapassa as barreiras entre a esfera virtual e os espaços territoriais e/ou sociopolíticos. De acordo com Di Felice (2013b), essa modalidade de prática social não se limita a apenas um sujeito, mas a vários “*actantes*”. Essas ações resultaram na modificação do ser social e da própria cultura das relações, conforme defende o autor:

O net-ativismo é o conjunto de ações colaborativas que resultam da sinergia de atores de diversas naturezas, pessoas, circuitos informativos, dispositivos, redes sociais digitais, territorialidades informativas, apresenta-se, segundo esta perspectiva, como a constituição de um novo tipo de ecologia (*eko-logos*) não mais opositiva e separatista, na qual uma dimensão ecossistêmica reúne seus diversos membros em um novo tipo de social, não apenas limitado ao âmbito humano dos “*socius*”, mas expandido às demais entidades técnicas, informativas, territoriais, de forma reticular e conectiva (DI FELICE, 2013b, p. 273).

O autor se distancia da ideia de homem como centro das ações e se aproxima da perspectiva de atuação de diversos atores não-humanos, como as tecnologias subjetivas, a Internet das coisas, a comunicação dos objetos e o próprio meio ambiente. Na Internet 2.0, não há mais diferenciação entre os ambientes off-line e online. O net-ativismo nasce nessa ecologia complexa, reticular e conectiva com capacidade de unir entidades de diversas naturezas, sendo resultante da união e da ação mútua destes atores (DI FELICE, 2013b). Em suma, Di Felice (2013b) compreende a ação net-ativista como “a sinergia dos conjuntos de actantes que passa a modificar o desfecho de uma ação através de suas interações na medida em que se conectem e coagem” (2013b, p. 276).

Di Felice (2017) propõe três tipos de ecologias comunicativas de interação – as ecologias comunicativas sociais, as ecologias comunicativas de colaboração e as ecologias comunicativas transorgânicas – na tentativa de descrever as transformações tecnológico-comunicativas e a qualidade das transformações ecológico-interativas no mundo contemporâneo. Para o autor as ecologias comunicativas sociais fundaram as formas democráticas de participação e são baseadas na disseminação e no diálogo. Ele descreve que as ecologias comunicativas da democracia são caracterizadas pela centralidade “marcada pela forma de arquiteturas comunicativas sociais centralizadas e disseminativas, capazes de produzir conteúdo para um amplo público” (DI FELICE, 2017, p. 54).

Quanto à segunda, as ecologias comunicativas de colaboração inauguram um novo contexto ecológico não mais vinculado às práticas de opinião, interação social e esfera pública, mas se estendem para as interações com os bancos de dados e circuitos informativos (DI FELICE, 2017). Por fim, o terceiro tipo, as ecologias comunicativas transorgânicas se articulam a partir da transformação contínua de toda a ecologia comunicativa. Essa última prediz a sinergia conectiva de “circuitos informativos, indivíduos, bancos de dados, dispositivos, conexões de vários tipos, reunidos em rede, capazes de produzir e distribuir dados e modalidades de interação” (DI FELICE, 2017, p. 57).

Ao conceituar o fenômeno como o resultado da sucessão de ações e interações entre indivíduos, mídias, territórios, biodiversidade e tecnologias da informação, Di Felice (2017) se distancia do modelo tradicional de política e sociedade. Ele problematiza os conceitos de “ação” e “ato” e considera que para compreender a “complexidade conectiva das interações transorgânicas” (2017, p. 266) é imprescindível substituir ação por ato. Nesse contexto o ato é mais adequado para sintetizar a expressão da imprevisibilidade e da dinâmica das conexões produzidas em rede pelos mais diferenciados actantes. Portanto, a substituição da ação pelo ato “permite pensar o net-ativismo não apenas como uma ação política, mas como um ato vital do ecossistema social que se exprime e advém através de suas conexões ecossistêmicas” (DI FELICE, 2013b, p. 277).

Para o autor, o tipo da ação em rede no presente momento ultrapassa o caráter social e direto em relação ao externo, bem como do condicionamento informativo e técnico. “O processo de digitalização remete à necessidade de repensar a ideia de ação além de seus significados sociológico, político, antropomórfico, pondo em relação as interações entre as diversas entidades da biosfera” (DI FELICE, 2017, p. 62). Desse modo, o autor propõe o conceito “ato conectivo” que se refere a capacidade de conexão e adaptação do agir reticular.

A ecologia das redes sociais digitais difundiu experiências participativas, permitindo a conexão entre pessoas e sistemas, acesso à rede e compartilhamento massivo de informações. Pondo em vista essas observações, pressupõe-se que, com a democratização da comunicação, as redes criaram espaços de diálogos e de mobilizações por parte dos cidadãos inseridos em uma sociedade conectiva, com possibilidade de expressar “novas modalidades de interação, associação e

mobilização pública, que vão das mobilizações cívicas de protestos às terroristas” (BABO, 2017, p. 83). Possui desenvoltura para reconfigurar e deslegitima instituições, criar outras identidades e fomentar:

[...] uma série de formas de participação e conflitualidades que começaram a experimentar, em formas de contextos diversos, práticas que, partindo de sites, redes sociais e grupos temáticos on-line, conseguiam não só formar agregações de enormes proporções, mas criar um curto-circuito comunicativo, gerando bando de dados digitais que começavam a difundir informações e a experimentar formas de ativismo sobre temáticas específicas (DI FELICE, 2017, p. 179).

Ainda de acordo com Di Felice (2017) o surgimento das novas TICs possibilitou a superação das formas de participação e os modos de produção verticais e burocráticos por estruturas horizontais e reticulares. Essa mudança de paradigma comunicativo ampliou a troca de informações e o acesso às redes, fatores esses que são primordiais para a participação e interações sociais. Para Castells (2017b) as dinâmicas sociais da participação nas redes digitais constata quatro características gerais de tais movimentos: 1) conectado em rede de múltiplas formas; 2) globais e locais ao mesmo tempo; 3) virais; 4) autorreflexivos.

No Brasil não foi diferente. Em 2013 o Movimento Passe Livre (MPL) iniciou no *Facebook* e no *Twitter* um posicionamento contrário ao aumento do valor do transporte coletivo em São Paulo. Aos poucos, a pauta foi ganhando engajamento nas redes digitais até alcançar todo o país e a mídia de grande circulação. Batizado como Jornadas de Junho, o movimento com ação net-ativista encheu as ruas do Brasil com pessoas que se organizaram virtualmente e com o decorrer dos acontecimentos e conexões entre os grupos, o próprio evento apresentou novos direcionamentos e novas pautas espontaneamente, como uma “conexão ecossistêmica” (DI FELICE, 2013b). Vale salientar que um movimento net-ativista deve ser:

Descentralizado, apartidário, nada afeito à hierarquia, nascido nos ambientes digitais, delineado pelas tecnologias comunicativas e cujas ações se dariam também nas ruas. Ignora a busca pelo poder político, mas aposta em transformações nas formas de ver, estar e se relacionar com o outro e o ambiente (ROZA e MELO, 2017, p. 166).

Nos últimos anos é crescente o número de pessoas que veem nas plataformas digitais, como por exemplo, o Avaaz, “uma comunidade de mobilização online que leva a voz da sociedade civil para a política global”¹⁵, a oportunidade de expressar suas opiniões e buscam uma solução a partir da participação coletiva. Essa questão nos faz refletir sobre a participação ativa dos cidadãos nas redes digitais e a sua relação com a construção da cidadania e da comunicação pública.

Para a abordagem dessa questão é necessário compreender como se constitui a condição de cidadania a partir da perspectiva deste novo processo comunicacional, segundo Moraes e Signates (2016):

Os Direitos Humanos, como contextos normativos da cidadania e de seu exercício, apenas se tornam válidos em ambientes sociais nos quais são legitimados, em que os agentes sociais são reconhecidos como cidadãos, e nos quais haja espaço democrático para o debate, a criação e a demanda pública por novos direitos (MORAES e SIGNATES, 2016, p. 25).

Para Moraes e Signates (2016) só existe cidadania se houver comunicação pois, é através dela que os cidadãos podem participar legítima e ativamente da democracia. Na Comunicação Mediada por Computadores (CMC), por consequência, as redes sociais digitais, a cidadania ganha um formato mais próximo do que ela pode ser: todos são divulgadores das suas próprias ideias e pensamentos, e estão em busca de seus pares. A Internet “é protagonista para uma comunicação democrática, transparente e participativa” (MAINIERI e ROMANI, 2016, p. 173).

Dessa maneira podemos inferir que os movimentos net-ativistas fazem parte de uma nova ecologia da comunicação, uma vez que a própria conexão com a Internet reconfigurou o modo de interação. A web 1.0 foi um período de computadores de mesa e Internet discada, já a Internet 2.0 inaugura os dispositivos móveis e o wi-fi, deste modo, este cenário modificou até a forma de se manifestar nas ruas.

Não somente os movimentos e as ações têm, na quase totalidade dos casos origens nas redes, em grupos do Facebook ou em redes sociais digitais, mas, ao sair nas ruas continuam inevitavelmente conectados, e passam a decidir suas estratégias e seus movimentos nas manifestações por meio da interação contínua com as redes

¹⁵ Disponível em <https://secure.avaaz.org/page/po/about/>

informativas e por meio da troca de informações instantânea (DI FELICE, 2013b, p. 65).

Essa nova configuração dos movimentos sociais resulta em um tipo de ação social que se desdobra e toma rumos ao longo do próprio acontecimento. Aqui podemos citar o caso do impeachment da ex-presidenta Dilma Rouseff, que teve como início essa pauta, mas com o decorrer das manifestações e das interações entre os atores em rede, o próprio movimento ganhou novas pautas como o enfoque da Operação Lava Jato voltada para outros parlamentares e as obras superfaturadas para realização da Copa do Mundo no Brasil (#nãovaitercopa). Vale salientar que o objetivo deste trabalho não é se posicionar politicamente, a favor ou contra, em relação aos exemplos citados. Eles servem apenas para explanar sobre o tema abordado.

Nesse contexto, Di Felice (2013b) propõe a dimensão reticular da ação em rede, definida como o diálogo entre humanos e não humanos que formam uma dinâmica constituidora dos coletivos e das próprias redes. Assim, para o autor, a noção de comunicação está ligada ao diálogo entre esses diferentes atores

A ideia de rede de diálogo enfatiza a necessidade de pensar a qualidade do social desenvolvida pelos movimentos net-ativistas que constroem suas ações através da constituição de uma complexa ecologia que reúnem e agregam humanos, circuitos informativos, interfaces, dispositivos de conexões, banco de dados, social network, imprensa, mídias etc. Segundo essa interpretação, os movimentos net-ativistas são portadores de um novo tipo de agregação que se expressam através de uma nova ecologia (DI FELICE, 2013b, p. 64).

Os atores passaram a “criar ecologias interativas, dinâmicas e abertas que vêm a constituir o hábitat comunicativo que organiza o conjunto das arquiteturas e as próprias dinâmicas de interação em seu interior” (DI FELICE, 2017, p. 100). A interação do processo comunicativo abandonou o modelo tradicional entre emissor e destinatário e se tornou autônoma e distribuída entre as infinitas arquiteturas informativas (blogs, sites, fóruns, etc), os dispositivos de conexão (notebook, smartphones, tablets, etc), os bancos de dados e as pessoas conectadas.

Tendo em vista as considerações colocadas aqui, apontamos que a possibilidade de um novo conceito para a comunicação gira em torno da complexidade das ações coletivas propostas pelos movimentos net-ativistas. Nossa condição habitativa foi fortemente remodelada com o advento da conexão *wi-fi*, o

social networks e a Internet das coisas, tecnologias de conectividade que estão diretamente relacionadas com a alteração na dimensão informativa atual. Não temos como objetivo apresentar o posicionamento como verdadeiro ou falso, mas como uma tentativa de reflexão.

Por fim, a comunicação dialógica entre “humanos, circuitos informativos, interfaces, dispositivos de conexões, banco de dados, social network, imprensa, mídias etc”, (DI FELICE, 2013b, p. 64) expressa um novo tipo de ato conectivo, que representa a dinâmica dos fluxos informacionais e do poder heteronômico das conexões.

3.2 Movimentos net-ativistas ao redor do mundo

Di Felice (2017) em seu livro *Net-ativismo: da ação social para o ato conectivo* dividiu o net-ativismo em três fases e as relacionou aos modelos de rede elaborados por Paul Baran: centralizado, descentralizado e distribuído. A primeira fase do net-ativismo (modelo centralizado) está ligada à popularização da Internet no início dos anos 1990, ou, web 1.0. Os computadores eram conectados via modem ou cabo telefônico. Esse tipo de rede permitia que os internautas compartilhassem conteúdo, mas através de ferramentas limitadas. Os movimentos abordavam temas específicos, mas com alcance internacional, através de fóruns de discussões, mensagens eletrônicas e teleconferências. Essa etapa é considerada pelo autor como ciberativista ou *cyberpunk* e representou a emergência de formas experimentais de conflito.

Um dos movimentos pioneiros nas práticas de participação da primeira fase do net-ativismo foi a *Association for Progressive Communications (APC)*, criada em 1990 e reuniu mais de 6 mil membros de organizações diferentes, a favor dos direitos humanos e pautas ambientalistas. “O desafio inicial da APC era levar a internet a lugares onde as pessoas não tinham acesso, orientando os grupos de base sobre como acessá-la para desenvolver as suas comunidades e promover os seus direitos” (MAGALHÃES, 2018, p. 127).

Na segunda fase do net-ativismo (modelo descentralizado) as características dos movimentos passaram a ser mais homogêneas, com pautas diversas e comunidades virtuais distintas. Di Felice (2017) considera a experiência neozapatista

no México como o exemplo mais emblemático de ações net-ativistas. Em 1994, esse movimento inaugurou “uma onda de ativismo pós-ideológico, num primeiro momento reunido em apoio ativo às lutas zapatistas, mas sucessivamente capaz de se reconstituir autonomamente em diversos contextos” (DI FELICE, 2013b, p. 57) e localidades. Essa etapa representou a época “intergaláctica” ao dar à luz a interação colaborativa entre territórios, Internet, fluxos comunicativos e atores sociais.

Por fim, a terceira etapa é a madura, marcada pela web 2.0, banda larga, dispositivos móveis e redes sociais advindas das novas TICs. Essa fase corresponde as formas reticulares autônomas e colaborativas de ativismo que são responsáveis pela implementação de radicais processos de transformação (DI FELICE, 2017). A partir da ótica da ecologia comunicativa e das formas de rede, a terceira etapa pode ser denominada como o modelo distribuído de Baran (1964).

Os modelos ativistas pós-zapatistas começaram a difundir as práticas da conflitualidade online como: a Primavera Árabe no Oriente Médio (2010); o M-15 da Espanha (2011); o Occupy Wall Street nos Estados Unidos (2011), as Jornadas de Junho no Brasil (2013), etc. Nesse cenário além do surgimento das mais diversas formas de ativismo, também presenciamos “a participação de atores informáticos e de arquiteturas de interação como o *Facebook*, o *Twitter* [...] os quais contribuíram para o desenvolvimento das ações dos cidadãos individuais, colaborando para a criação de ecologias net-ativistas” (DI FELICE, 2017, p. 182). A partir das informações abordadas aqui apontaremos movimentos net-ativistas globais mais importantes a partir da web 2.0, pós neozapatismo. Fizemos uma retomada cronológica a partir dos anos 2010, com base em Castells (2017b).

3.2.1 A Primavera Árabe

Os holofotes midiáticos mundiais finalmente voltaram o seu foco para o Norte da África e o Oriente Médio, a partir de 2010, em virtude da denominada Primavera Árabe. Como resultado de eventos e mobilizações ocorridos em diversas localidades árabes, originou-se um movimento internacional contra a opressão dos regimes políticos autoritários vigentes e a favor da democratização das instituições públicas naqueles países. A Tunísia foi o primeiro a se levantar de forma mais enfática contra o regime autoritário que dava as cartas na sua nação, derrubando pela pressão

popular o governo de Ben Ali (em 14 de janeiro de 2011). Foi seguida pelo Egito, Líbia e Iêmen, ainda que por contextos diferentes e fatores políticos particulares a cada país.

Figura 7 – Manifestantes se reúnem na Praça Tahrir/Egito¹⁶



Fonte: Reprodução/OGlobo

Além das revoluções da Tunísia e do Egito, da guerra civil instalada na Líbia e na Síria, grandes protestos também ocorreram na Argélia, Bahrein, Djibuti, Iraque, Jordânia, Omã e Iêmen, com protestos menores no Kuwait, Líbano, Mauritânia, Marrocos, Arábia Saudita, Sudão e Saara Ocidental. As manifestações compartilhavam técnicas de resistência civil envolvendo greves, manifestações, passeatas e comícios. Em comum, também traziam a importância da comunicação digital no interior dos levantes, através dos blogs e de redes como *Facebook*, o *Twitter* e o *YouTube* na organização das suas ações, bem como na sensibilização

¹⁶ Em janeiro de 2011, a Praça Tahrir foi o ponto focal da revolta contra o presidente egípcio Hosni Mubarak. Em torno de 15 mil pessoas tomaram a praça em 25 de janeiro e estima-se que em torno de 250 mil pessoas tenham participado das manifestações no dia 31 de janeiro. No dia 1º de fevereiro foi convocada uma "Marcha de um Milhão" para ocupar a praça Tahrir. A rede de TV Al Jazeera estima que mais de 2 milhões de pessoas estavam na praça no início das manifestações. Em 11 de fevereiro de 2011, depois de 30 anos, Hosni Mubarak renuncia ao poder. A Praça Tahrir, palco das manifestações que ensejaram a queda do governo, vira cenário em que milhares de egípcios comemoram o desfecho da revolta (WIKIPÉDIA/2020).

da sociedade internacional em relação às tentativas de repressão e censura na Internet por partes dos Estados.

Com o processo de globalização as ideias ocidentais difundiram-se para as regiões longínquas, principalmente entre a geração mais jovem e atenta com as redes sociais digitais, os manifestantes árabes pediam o auxílio de outros ativistas no intuito tanto de transmitir o que se passava para as mídias internacionais quanto de receber instruções. Estas variavam de técnicas de guerrilha a tutoriais sobre como religar a internet – desativada por inúmeros chefes de Estado daquelas nações, como ocorreu no Egito.

3.2.2 Movimento 15-M (Indignados)

Impulsionado por uma sequência de mobilizações nas redes sociais digitais, o Movimento 15-M, popularmente conhecido como Indignados, surgiu na Espanha, contemporâneo à onda revolucionária da Primavera Árabe, do movimento italiano de transformação 5 Estrelas e dos protestos portugueses da Geração à Rasca. O nome do movimento espanhol é uma abreviação da data inicial de ocupação da Porta do Sol, praça central de Madrid, em 15 de maio de 2011, tomada pelos manifestantes antes, durante e depois das eleições daquele ano.

Também conhecido como “revolução espanhola”, o movimento catalisou questões que vinham se arrastando em protestos menores realizados nos anos anteriores, relacionados a uma insatisfação generalizada em relação ao modelo político vigente e à crise econômica global. Em meio ao desemprego crescente, seus manifestantes lutavam por uma reforma política, pelo fim do financiamento público partidário, pela inabilitação para o exercício legislativo de políticos condenados ou com processos penais (bandeiras semelhantes àsquelas do Movimento 5 Estrelas), além de protestos contra o desemprego e a corrupção – lutas também similares às que ocorriam em Portugal e na Grécia no mesmo período.

Figura 8 – Movimento Indignados da Espanha



Fonte: Esquerda.net/ Júlio Albarrán

A insatisfação pública com o poder dos bancos e a crise econômica global reverberaram, ainda, em movimentos como o *Occupy Wall Street* meses depois. Do mesmo modo que o clamor por uma democracia direta, assim como ocorria nos países árabes – ainda que a realidade da Primavera Árabe representasse uma guerra mais árdua, para destituir ditadores há décadas no poder –, demonstra um contexto de crise global, com alternativas que passavam pela organização em rede na busca por uma efetiva transformação do cenário político dessas nações.

O manifesto divulgado pela plataforma ¡Democracia Real Ya! foi escrito em castelhano, galego, catalão, asturiano, euskera e inglês, estendendo o convite para os protestos aos cidadãos de outros países, como Portugal (Braga, Coimbra, Faro, Lisboa e Porto), Londres (Reino Unido), Irlanda (Dublin) e França (Paris). O evento inicial, estimado em 130 mil participantes apenas na Espanha, concentrou-se nas críticas às medidas antissociais impostas no país no ano anterior, quando os gestores priorizaram o resgate aos bancos - apontados como os responsáveis pela crise financeira em vários países europeus.

3.2.3 Occupy Wall Street (OWS)

A onda de ocupações de espaços públicos por uma série de movimentos recentes – como ocorreu na Praça Tharir (Cairo, Egito) durante a Primavera Árabe, e nos acampamentos em diversos pontos da Espanha pelos indignados do Movimento 15-M, chegou aos Estados Unidos em 17 de setembro de 2011, com o *Occupy Wall Street* (OWS). O movimento de protesto contra os efeitos do neoliberalismo – a desigualdade socioeconômica, a corrupção, a ganância e o poder corrosivo dos grandes bancos e grupos empresariais, situados acima do processo democrático – ocupou a Liberty Square, no coração financeiro de Manhattan, em Nova Iorque.

O lugar foi escolhido com o objetivo de denunciar a impunidade dos responsáveis pela crise econômica global, no caso os banqueiros de Wall Street, acusados pelo movimento como responsáveis pela criação do colapso econômico que provocaram recessão, geração após geração. Por esta motivação, o lema adotado nos protestos era “Nós somos os 99%”, uma espécie de slogan que tenta condensar a crescente desigualdade de distribuição de renda naquele país entre o 1% mais rico e o restante da população.

Figura 9 – Movimento Occupy Wall Street



Fonte: Lucas Jackson / Reuters

Ainda que as mobilizações tenham sido convocadas por um manifesto publicado por Micah White na revista canadense anti-consumo *Adbusters*, em 14 de julho de 2011, foi nas redes sociais digitais que o movimento começou a se estruturar. As imagens da forte repressão policial aos manifestantes, que prendeu mais de 700 pessoas na ponte do Brooklin durante a mobilização, tiveram o resultado oposto e atraíram cada vez mais simpatizantes ao movimento de ocupação.

O movimento se posicionou como “Occupy Wall Street é comprometido em fazer tecnologias, conhecimento e cultura aberta a todos acessarem livremente, criarem, modificarem e distribuírem. Nesse espírito, damos as boas-vindas a jornalistas, ativistas, educadores e outros para usarem livremente todo o conteúdo original desenvolvido por OccupyWallSt.org”.

Da mesma forma como Os Indignados e a Revolução Egípcia, o Occupy Wall Street adotou como estratégia uma ocupação permanente nas ruas de Wall Street, onde os membros organizaram-se em assembleias gerais, nas quais as diversas vozes faziam parte das decisões coletivas. Como os movimentos net-ativistas anteriores, o OWS também se apresentou como um movimento de resistência, sem liderança, com pessoas de cores, gêneros e opiniões políticas distintas.

3.2.4 As Jornadas de Junho

No Brasil, em Junho de 2013, protestos contrários ao aumento dos bilhetes de transporte levaram a manifestações heterogêneas que culminaram em uma miríade de movimentos, de origens ideológicas distintas, implicando no pedido de impeachment da presidenta Dilma Rousseff, ocorrido em 2016. As mobilizações brasileiras seguiram o mesmo processo de "propagação viral" dos protestos em outros países, como a Primavera Árabe, no Médio Oriente e Norte da África, *Occupy Wall Street*, nos Estados Unidos, e o Movimento 15-M, na Espanha.

Em 2013 o Movimento Passe Livre (MPL), “movimento social autônomo, apartidário, horizontal e independente, que luta por um transporte público de verdade, gratuito para o conjunto da população e fora da iniciativa privada”¹⁷; iniciou

¹⁷ Disponível em <http://tarifazero.org/mpl/>

no *Facebook* e no *Twitter* um posicionamento contrário ao aumento do valor do transporte coletivo em São Paulo. Aos poucos, a pauta foi ganhando engajamento nas redes digitais até alcançar todo o país e a mídia de grande circulação.

Figura 10 – Movimento Passe Livre em São Paulo



Fonte: Reprodução/Congresso em foco¹⁸

Batizado como Jornadas de Junho, o movimento com ação net-ativista encheu as ruas do Brasil com pessoas que se organizaram virtualmente e com o decorrer dos acontecimentos e conexões entre os grupos, o próprio evento apresentou novos direcionamentos e novas pautas espontaneamente, como uma “conexão ecossistêmica” (DI FELICE, 2013a).

Outro momento histórico para o Brasil que se destacou como movimento net-ativista a partir de 2014 foi o protesto a favor do Impeachment da ex-presidenta Dilma Rousseff, organizado inicialmente pelo coletivo Vem Pra Rua, que definia como “um movimento suprapartidário, democrático e plural que surgiu da organização espontânea da sociedade civil para lutar por um Brasil melhor¹⁹”. Com base em Castells (2002), a política precisa ser remodelada de acordo com a

¹⁸ Disponível em <https://congressoemfoco.uol.com.br/especial/noticias/policia-prende-2-608-nos-protestos-de-junho/>

¹⁹ Disponível em <https://www.vempraru.net/o-movimento/#vem-pra-rua>

linguagem eletrônica e isso altera suas características, organização e objetivos de processos, atores e instituições políticas.

Figura 11 - Manifestação reúne milhares de pessoas na Avenida Paulista, em São Paulo²⁰



Fonte: Alexandre Moreira/G1

Assim como ocorreu em outros casos apresentados neste levantamento histórico e descritivo dos movimentos net-ativistas globais, a repressão policial sofrida pelos participantes num protesto convocado pelo Passe Livre em São Paulo, em 15 de junho de 2013, fez com que o número de manifestantes e as suas bandeiras se diversificassem e tomassem as ruas de norte a sul do Brasil, atraindo a atenção midiática nacional e internacional. Desde a mobilização pelas eleições diretas, em 1984, e pelo impeachment do então presidente Fernando Collor de Mello, em 1992, capitaneado pelo movimento dos Caras Pintadas, não era registrado no Brasil uma mobilização nacional de tamanha expressão como aquela iniciada pelas Jornadas de Junho, em 2013.

²⁰ Disponível em <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2016/03/manifestantes-chegam-av-paulista-para-pedir-impeachment-da-dilma.html>

A pluralidade de causas e o envolvimento oportunista de sindicatos, partidos políticos e figuras políticas na organização dos movimentos acabaram por acentuar uma polarização dos protestos, que em 2015 voltaram as ruas do Brasil divididos em ações contra ou a favor do *impeachment* da presidente Dilma Rousseff, depois de reeleita em 2014. Esta foi afastada do poder em 2016, após uma votação final polêmica no Senado Federal, sendo substituída pelo seu então vice-presidente, Michel Temer (PMDB), também citado na mesma Operação Lava Jato em que a sua antecessora teve o nome envolvido.

Conforme articula Castells (2017a; 2017b) em seu livro *Redes de indignação e esperança* (versão atualizada), todos os movimentos sociais net-ativistas citados estiveram conectados de múltiplas formas ao uso da Internet e aos meios de comunicação para organização e articulação, característica que o autor chama de autonomia comunicativa exercida no espaço de autonomia (CASTELLS, 2017a). O autor complementa que a gênese dos movimentos em rede está na espontaneidade das ações, desencadeadas por uma faísca de indignação, além da natureza viral, do efeito imitador.

“Ver e ouvir protestos em todo lugar, mesmo em contextos distantes e culturas distantes, inspira a mobilização porque desencadeia a esperança da possibilidade de mudança. E quando a deliberação acontece no espaço de autonomia, a esperança se transforma em indignação” (CASTELLS, 2017a, p. 50).

Outra característica que diferencia o net-ativismo dos demais movimentos é o protagonismo dos atores envolvidos, não como eu-indivíduo, mas como nação ou comunidade. Os participantes não se veem mais como dependentes da esfera pública, mas representados por uma cidadania participativa. Portanto, a arquitetura reticular da informação, aberta e colaborativa, “produz uma real alteração das formas de representação, superando as formas frontais e opinativas e substituindo-as por aquelas participativas e conectivas” (ROZA, 2012, p. 99).

Nos casos citados anteriormente vimos que as redes sociais da Internet como *Facebook*, *Twitter*, *Youtube*, etc, atuam como esferas públicas. As arquiteturas informativas servem como espaço de participação autônoma, espontânea e fora das agências de monopolização institucionais como os partidos políticos e sindicatos. Da Primavera Árabe às Jornadas de Junho, a estrutura organizacional desses movimentos foi influenciada não pelo simples acesso à Internet, mas pela forma

aberta, reticular e informal que só é possível através do modelo de rede distribuído. A conexão e troca contínua de informações ampliou até mesmo as possibilidades de se fazer jornalismo online durante as manifestações ou atos de protestos. O presente capítulo teve como objetivo apresentar o conceito de net-ativismo e alguns movimentos net-ativistas ao redor do mundo, além de refletir sobre as formas de participação e conflitualidades net-ativistas.

4 O ESTUDO #MARIELLEPRESENTE

O presente estudo tem como principal objetivo compreender o movimento #MariellePresente criado no *Twitter* enquanto provedor de novos modos de interações entre atores, tecnologias, territórios e redes. Já os objetivos específicos são: (1) estudar a conversação no *Twitter* com o uso da hashtag #MariellePresente, (2) compreender o processo comunicativo digital enquanto impulsionador da ação e interação de rede, assim como (3) compreender como o ecossistema comunicativo das redes digitais modifica as relações de poder e do capital social.

Na perspectiva das hipóteses verificamos quais são os resultados específicos dos movimentos em termos sociais tangíveis. E qual é seu impacto sobre o sistema político e a formulação de políticas públicas, se é que há algum impacto. Também ampliamos o debate acerca do significado e das perspectivas dos movimentos sociais em rede; expandimos e aprofundamos a observação; tanto quanto possível, na esperança de que estudiosos, ativistas e pesquisadores em ação venham a investigar, em tempo real, as práticas que, por todo o mundo, estão moldando as sociedades do século XXI.

Para chegar aos resultados optamos como abordagem metodológica a Análise de Redes Sociais (ARS) e como método de coleta o software *NodeXLPRO*. O presente capítulo se divide em discussão sobre o *Twitter*, problematização do movimento #MariellePresente, apresentação do método de coleta e da construção da amostra, além da exposição e discussão dos resultados alcançados.

4.1 O *Twitter* como ferramenta de monitoramento de redes

O *Twitter* é um *microblogging* criado em 2006 pelos empresários Jack Dorsey, Evan Williams, Biz Stone e Noah Glass. Com o passar dos anos, a partir de 2012, o *Twitter* se popularizou pelo mundo. Atualmente a rede social possui 284 milhões de usuários cadastrados e está disponível em 37 idiomas. O Brasil está em segundo lugar na lista de países com maior número de usuários, com mais de 27,7 milhões de contas ativas, perdendo apenas para os Estados Unidos²¹.

²¹ Disponível em <https://rockcontent.com/blog/redes-sociais-mais-usadas-no-brasil/>

O objetivo inicial era criar uma espécie de rede de SMSs pela Internet, por se tratar de uma plataforma com caracteres limitados, no momento da criação eram apenas 140, atualmente chegam a 280 toques²². Basicamente a rede é um espaço de troca de mensagens curtas (também denominadas *tweets*). Na página inicial o usuário se depara com a pergunta “What’s happennig?”, que significa “O que está acontecendo?”, que tem como objetivo estimular o uso diário de postagens.

Figura 12 – Página inicial do Twitter



Fonte: Twitter/print feito pela autora

O *Twitter* se popularizou em um contexto de emergência da comunicação online e de trocas de mensagens instantânea. Esses fatores permitiram aos usuários acompanhar os assuntos em tempo real. Essa rede social se diferencia das outras pois, sua dinâmica de interação é singular. Ela serve como um veículo de difusão de ideias, atua como um espaço colaborativo e como um meio multidirecional de captação de informações personalizadas. A dinâmica do *Twitter* caminha dos microinteresses para os macrointeresses que podem ser debatidos e respondidos de forma livre.

Essas características peculiares do *Twitter* que o colocaram na posição de mediador do presente trabalho. Nosso objetivo foi utilizá-lo não apenas como ferramenta para a coleta dos dados, mas como porta de entrada para a compreensão dos fluxos informacionais e do *design* colaborativo, que são questões

²² Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Twitter>

tão ímpares para esse tipo de rede social. A conta de Marielle Franco no *Twitter* é oficial e após sua morte passou a ser atualizada por sua equipe. Até janeiro de 2020 possuía 46,7 mil seguidores. Conforme a figura (13) a seguir:

Figura 13 – Conta do *Twitter* de Marielle Franco



Fonte: *Twitter*/print feito pela autora

Raquel Recuero e Renata Lemos no livro “*Redes sociais digitais: a cognição conectiva do Twitter*” escreveram considerações muito pertinentes que serviram como base para problematizar o uso do *Twitter* e seu papel nos movimentos sociais ao redor do mundo. Para elas o foco do *Twitter* é a convergência, sua tônica de interação não é baseada em vínculos preexistentes, mas “na penetração individual em fluxos de ideias, ou seja, fluxos coletivos abertos de ideias compartilhadas em tempo real, que estão em movimento contínuo” (RECUERO e LEMOS, 2010, p. 91).

O *boom* do *Twitter* está associado às suas múltiplas funcionalidades como a integração a diferentes plataformas e redes a partir do uso de dispositivos móveis e uso de aplicativos. “O acesso *wireless* dessa nova década é nômade e mutante. O acesso já não se dá através de pontos fixo no espaço-tempo, pois ele é ubíquo” (RECUERO e LEMOS, 2010p. 59). As autoras conceituam as redes 2.0 como uma experiência midiática de um futuro contínuo: “na era da mídia *always on* o passado importa pouco, o futuro chega rápido e o presente é onipresente”. (2010, p. 61). Portanto,

As mensagens em tempo real produzem como propriedade emergente a mente coletiva, um tipo de inteligência gerada pela interação entre os agentes em comunicação. Trata-se, evidentemente, de uma inteligência coletiva que vai ganhando em complexidade na medida em que passa das formigas, dos cardumes e dos pássaros para os seres humanos, sendo estes a epítome da complexidade e cujas múltiplas interações resultam em capacidades cognitivas amplificadas pelo pensar, agir e sentir em rede (RECUERO e LEMOS, 2010, p. 25).

Sobre a inteligência coletiva citada por Recuero e Lemos, Lévy (2003) complementa que ela é "uma inteligência distribuída por toda a parte, incessantemente valorizada, coordenada em tempo real, que resulta em uma mobilização efetiva das competências" (LEVY, 2003, p. 28). Para o autor a inteligência coletiva está intrínseca relacionada aos seres humanos de maneira geral e não apenas aos poucos privilegiados. Por intermédio das TICs, o saber da humanidade pode ser compartilhado, debatido e reformulado. O ciberespaço permite a sinergia entre os atores e atua como espaço móvel entre conhecedores e conhecimentos.

Voltando ao *Twitter*, é imprescindível citar o recurso *hashtag* "#" que serve como indexadores de temas, tópicos e/ou palavras-chave que reúnem todos os *tweets* que contêm em um mesmo fluxo, onde é possível observar a formação de uma comunidade ao redor do uso específicos da *hashtag*. "Este fluxo comum possibilita a todos os usuários acompanhar a discussão de um tema e/ou divulgar informações pertinentes em tempo real" (SANTAELLA e LEMOS, 2010, p. 108).

Figura 14 – Marielle chega aos trending Topics mundial em 15 de março de 2018



Fonte: reprodução/Twitter

A figura anterior (figura 14) mostra a #marielle em primeiro lugar entre os assuntos mais comentados no *Twitter* em nível internacional. A rede digital registrou 289 mil *tweets* sobre a parlamentar. Entre as principais *hashtags* utilizadas em referência ao crime estavam #mariellepresente, #nãofoiassalto e #mariellelive. Essa mensuração só foi possível através da indexação de palavras-chave que a própria rede social digital disponibiliza. Conforme corrobora as comunicólogas Santaella e Lemos (2010) “a indexação das *hashtags* permitem a inserção do *tweet* em redes distintas ao mesmo tempo, alcançando espaços físicos e comunidades que não seriam possíveis de outra maneira” (2010, p. 109-110).

A *hashtag* geralmente representa a essência do *tweet* e por esse motivo ela é considerada tão importante para os estudos baseados na Análise de Redes Sociais (ARS). Ao analisar a ecologia cultural de hábitos interativos do *Twitter* podemos verificar os laços sociais gerados por essas interações. Porém, esses laços estão imbuídos em fluxos diversos através das conversações e dos usuários. Medir e visualizar os verdadeiros laços sociais no *Twitter* é uma tarefa complexa, todavia é uma etapa essencial durante a análise, que será apresentada no decorrer do presente capítulo.

4.2 #MariellePresente: rede de indignação e esperança

Marielle Franco, mulher, negra, feminista, foi assassinada aos 38 anos no dia 14 de março de 2018, no Rio de Janeiro. Nascida e criada no Complexo da Maré, mãe desde os 18 anos e ativista pelos direitos humanos, ela era representante do povo carioca. No dia 15 de março, as ruas do Brasil foram tomadas por milhares de manifestantes indignados com o genocídio do povo negro e das mulheres, que se organizaram e se estruturaram por meio da conversação em rede.

Os movimentos sociais surgem como reflexo das contradições geradas na desigualdade na propriedade, na apropriação do produto social e no planejamento produtivo. Os movimentos sociais se formam através de contextos sociais específicos, mas estão sempre relacionados às carências básicas da população. Segundo Gohn (1995) os movimentos sociais são como ações de formas coletivas de caráter sociopolítico, possuem como alicerce os atores sociais de diversas classes sociais. Os atores têm como função criar pautas sobre problemas e temas em situações de conflitos e disputas. O movimento Marielle formado após a morte da vereadora se organizou em torno da ira da morte de uma personalidade tão emblemática no atual período político que o Brasil tem passado.

Duas vidas foram tiradas na noite do dia 14 de março de 2018 de maneira tão cruel e vilipendiosa. Além da #mariellepresente, a #nãofoiassalto também esteve entre os assuntos mais comentados no *Twitter*. As primeiras notícias sobre o crime giravam em torno de um suposto assalto, mas que com o caminhar das investigações policiais se mostrou um crime premeditado, uma execução encomendada. O interesse em comum por trás das movimentações que se organizaram nas redes e fora delas era clamar por justiça e expressar toda sua indignação. A identidade coletiva desse movimento foi formada a partir do instante que os valores culturais e políticos do grupo vieram à tona.

Para Cotta, Pereira e Fonseca (2014) os movimentos sociais em rede (MSR) “são redes sociais complexas, que muitas vezes transcendem os limites organizacionais e que conectam de modo estratégico, simbólico e solidarístico os atores coletivos e os sujeitos individuais através de uma identidade em comum” (Cotta, Pereira e Fonseca, 2014, p. 190).

Conforme Castells (2017b) o princípio fundamental dos MSR é a horizontalidade da comunicação e a pouca necessidade de liderança “porque as funções de coordenação podem ser exercidas pela própria rede, mediante a interação entre seus núcleos” (CASTELLS, 2017b, p. 102). Essas características podem muito bem ser observadas no caso Marielle, uma vez que, os atores organizaram os protestos via arquiteturas informativas em várias cidades do Brasil, de forma organizada e sem hierarquia. Na figura a seguir (figura 15) podemos ver o cronograma dos atos coletivos em 13 cidades brasileiras:

Figura 15 - Atos pelo Brasil

#MARIELLE PRESENTE!
ATOS SE ESPALHAM PELO PAÍS!

RIO DE JANEIRO (RJ) // 11h PRAÇA DA CINELÂNDIA, em frente à Câmara Municipal	BELÉM (PA) // 17h SÃO BRAZ - Avenida Almirante Barroso
SÃO PAULO (SP) // 17h VÃO LIVRE DO MASP	JUIZ DE FORA (MG) // 17h30 PARQUE HALFED - Av. Rio Branco
SALVADOR (BA) // 10h FÓRUM SOCIAL MUNDIAL, Tenda Sem Medo - UFBA	PORTO ALEGRE (RS) // 17h30 ESQUINA DEMOCRÁTICA
RECIFE (PE) // 16h CÂMARA DOS VEREADORES	FLORIANÓPOLIS (SC) // 17h ESQUINA FEMINISTA
BRASÍLIA (DF) // 11h Anexo II da Câmara dos Deputados	NATAL (RN) // 17h RUA APODI, Cidade Alta
BH (MG) // 17h30 PRAÇA DA ESTAÇÃO, Avenida dos Andradas	CURITIBA (PR) // 18h30 PRÉDIO HISTÓRICO DA UFPR, Praça Santos Andrade, 50
	CAMPOS DOS GOYTACAZES (PA) // 18h UFF CAMPOS - Rua José Patrocínio, 71

Esquerda online

Fonte: Esquerda Online

Nota-se que o uso do termo “atos” utilizado no folder vinculado pela Esquerda Online na formação dos protestos nos remete aos estudos de Massimo Di Felice que trabalha com dois conceitos fortemente abordados pela presente dissertação: o net-ativismo e o ato conectivo. O movimento Marielle se enquadra como net-ativista porque surgiu na dinâmica da terceira fase do net-ativismo, que corresponde as formas reticulares autônomas e colaborativas de ativismo que são responsáveis pela

implementação de radicais processos de transformação (DI FELICE, 2017). Na figura (16) vemos o Rio de Janeiro como destaque.

Figura 16 - Protesto organizado por mulheres em frente à Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro (Alerj), no Rio de Janeiro (RJ)



Fonte: Julia Gabriela/Futura Press/ Estadão Conteúdo²³

Os atos organizados no Rio de Janeiro foram muito importantes no fortalecimento do movimento. Vale ressaltar que Marielle foi nascida e criada no estado, foi eleita vereadora no seu estado de nascimento e foi coordenadora da Comissão de Defesa dos Direitos Humanos e Cidadania da Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro (Alerj). No dia 15 de março de 2018 milhares de participantes do ato saíram da porta da Alerj (figura 16) e seguiram pela Rua da Assembleia em direção a Câmara Municipal, onde retomaram a vigília. Os protestos se estenderam pelas ruas de outras capitais brasileiras como São Paulo e Belo Horizonte:

²³Disponível em <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/manifestantes-protestam-pelo-pais-contra-a-morte-de-marielle-franco.ghtml>

Figura 17 - Manifestantes protestam na Paulista contra os assassinatos da vereadora Marielle Franco



Fonte: Daniel Teixeira/Estadão Conteúdo²⁴

Figura 18 – Multidão lota centro de Belo Horizonte em protesto contra a violência



Fonte: Humberto Trajano/G1²⁵

²⁴Disponível em <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/manifestantes-protestam-pelo-pais-contra-a-morte-de-marielle-franco.ghtml>

²⁵ Disponível em <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/manifestantes-protestam-pelo-pais-contra-a-morte-de-marielle-franco.ghtml>

Para Valla (1998) a reivindicação de políticas sociais é necessária e justa, mas não é o único mecanismo utilizados pelos movimentos. O fortalecimento da sociedade civil se desabrocha como a estratégia alternativa mais eficaz aos problemas sociais e reelaboração das formas de relacionamento entre sociedade e Estado. Para Castells (2002) a Internet se tornou um componente indispensável na formação dos movimentos sociais pois, através dela constitui uma infraestrutura de forma organizativa concreta que é a rede. O autor complementa:

Esses movimentos sociais em rede são novos tipos de movimento democrático – de movimentos que estão reconstruindo a esfera pública no espaço de autonomia constituído em torno da interação entre localidades e redes da internet, fazendo experiências com as tomadas de decisão com base em assembleias e reconstituindo a confiança como alicerce da interação humana (CASTELLS, 2017b, p. 177).

Os movimentos net-ativistas são símbolos de resistência aos poderes e ao desejo de mudança social, a busca começa por uma sociedade com menos desigualdade e com garantia dos direitos básicos citados por Noberto Bobbio (2010). “Os movimentos, assim como a opinião pública em geral, coincidem em denunciar o escárnio a que são submetidos os ideais democráticos na maior parte do mundo” (CASTELLS, 2017b, p. 175). A indignação citada por Manuel Castells é o fio que movimenta os atores sociais e os une às tecnologias da comunicação e informação. Nas profundezas do desespero surge um sonho: reinventar a democracia de acordo com os princípios que são amplamente negligenciados no dia a dia, como o caso Marielle Franco que representou e ainda representa a morte das mulheres negras, faveladas, de baixa renda, que lutam pela causa LGBT, pelas crianças e adolescentes negros marginalizados que morrem todos os dias assassinados pela polícia.

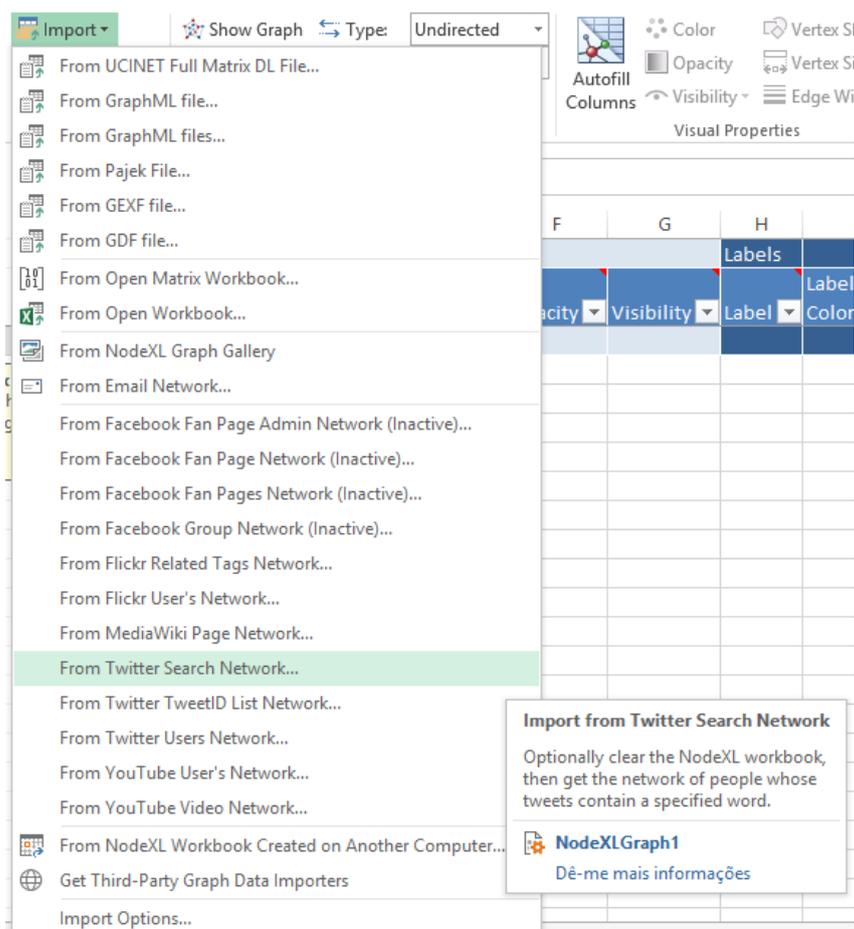
4.3 O método de coleta: *NodeXLPro*

O *NodeXL* é um *software* de código aberto desenvolvido em parceria com algumas universidades, agrupadas na *Social Media Research Foundation*. De acordo com Lima e Moura (2016) a ferramenta foi desenvolvida para facilitar a aprendizagem de conceitos e métodos de redes sociais, utilizando a visualização

como um componente-chave. O software cria grafos em planilha do *Microsoft Excel* que podem ser visualizados após a coleta dos dados de redes sociais como *Twitter*, *Facebook*, *Flickr* e *Youtube*.

O programa consegue captar dados dessas redes criadas através das conversações entre os usuários. No canto esquerdo (figura 19), em “import” (importar/coletar de) é possível verificar todas as opções de coletas de dados disponíveis como, por exemplo, dados de um grupo ou fan page do *Facebook*. Como estamos trabalhando com o *Twitter* e nosso objetivo é analisar a #mariellepresente fizemos a coleta a partir da opção “From Twitter Search Network” ou, “da rede de pesquisa do *Twitter*”.

Figura 19 – Menu para importar dados no NodeXL Pro

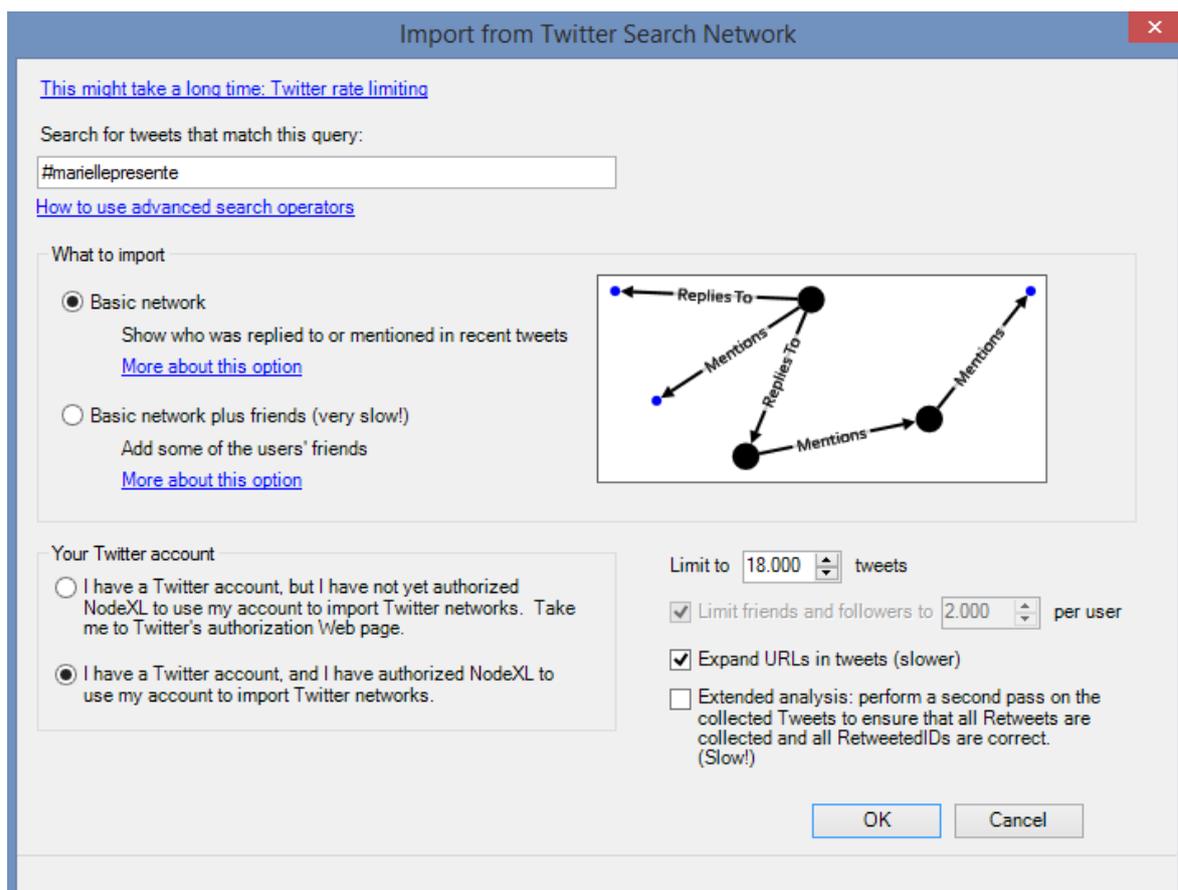


Fonte: NodeXLPro/print feito pela autora

O programa possui duas versões: *NodeXL basic*, versão gratuita com limite para captar até dois mil *tweets*, e *NodeXLPro*, versão paga com limite para captar até 18 mil *tweets*. A versão básica foi utilizada no pré-teste desta dissertação e tivemos êxito nos resultados obtidos. Decidimos que para a análise final era necessário fazer adesão da versão paga e chegar a resultados mais complexos e detalhados.

A ferramenta consegue importar os dados do *Twitter* através da pesquisa de *hashtags*. Portanto, pesquisamos a *#mariellepresente* com os seguintes filtros: a) rede básica - mostra quem foi respondido ou mencionado nos *tweets* recentes²⁶; b) eu tenho uma conta no *Twitter* e autorizei o Node XL a usar minha conta para importar redes do *Twitter*²⁷; c) limite para 18 mil *tweets*²⁸; e, d) expande URLs em *tweets*²⁹.

Figura 20 - Importar dados através da *#mariellepresente*



Fonte: NodeXLPro/ print feito pela autora

²⁶ Basic network: show who was replied to or mentioned in recent tweets.

²⁷ I have a Twitter account, and i have authorized Node XL to use my account to import Twitter networks.

²⁸ Limit to 18 thousands tweets.

²⁹ Expand URLs in tweets.

No momento da coleta é necessário adicionar o símbolo da *hashtag* “#” para que o sistema consiga peneirar os *tweets* que utilizaram a *hashtag* mais as palavras-chave escolhidas, neste caso, #mariellepresente. Foi criada uma conta no *Twitter* apenas para fins acadêmicos que nos possibilitasse ter acesso aos dados. As vantagens de usar o *NodeXLPro* é que ele permite a análise semântica conjunta com a análise de redes, ou seja, o programa disponibiliza a análise do conteúdo do material coletado. Nas próximas páginas discutiremos os resultados alcançados pela pesquisa obtidos através do método de coleta e do método de análise ARS.

4.4 ARS: primeiro nível de análise³⁰

De acordo com os estudos de Lemieux e Ouimet (2004), a análise dos dados relacionais da ARS possui dois níveis. O primeiro é descritivo e tem como foco a descrição dos dados e suas medidas. Para mapear as conversações do nosso objeto, fizemos uma busca pela *hashtag* #mariellepresente com o software *NodeXLPro* no *Twitter*. O filtro utilizado foi *tweets* publicados nos dias 15 e 16 de março de 2018, rede básica - mostra quem foi respondido ou mencionado nos *tweets* recentes e limite para 18 mil *tweets*. Identificamos 20.609 conexões (*total edges*) (relações de menção ou retweet) e 12.024 nós (vértices) (autores dos *tweets* e usuários mencionados ou retuitados).

Figura 21 – Métricas: conexões e nós

Graph Metric	Value
Graph Type	Directed
Vertices	12024
Unique Edges	14918
Edges With Duplicates	5691
Total Edges	20609

Fonte: NodeXL/print feito pela autora

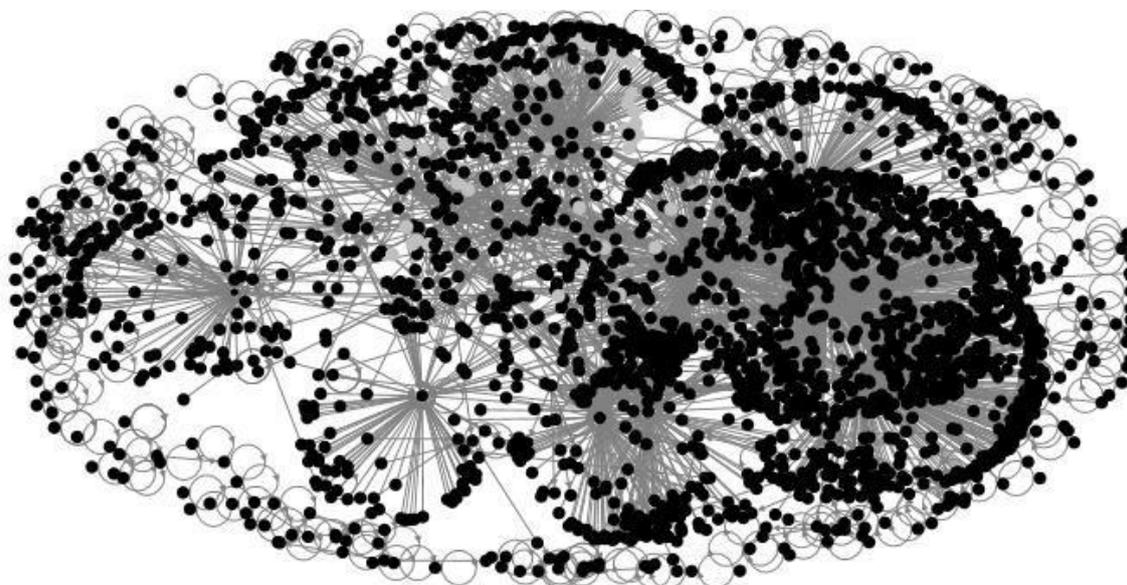
³⁰ Os dados apresentados nesta pesquisa foram coletados em julho de 2018 através do software NodeXLPro e foram analisados em janeiro de 2020. Os valores das métricas se referem a coleta (2018) e o número de seguidores se referem a análise (2020).

Dessas 20.609 conexões (*total edges*), 14.918 são únicas (*unique edges*), isso significa que alguns usuários postaram mais de um *tweet* estabelecendo a mesma conexão dentro dos dados coletados, da mesma maneira que alguns *tweets* estabeleceram mais de uma conexão ao mencionar dois ou mais atores, sendo assim tivemos 5.691 conexões duplicadas (*edges with duplicates*).

No conjunto de dados referentes à *hashtag* #mariellepresente foram identificados 1.078 componentes (grupos de nós conectados entre si), sendo que 620 possuem uma única conexão. O componente com maior número de nós apresenta 8.991 nós interligados por relações de menção ou *retweet*. A distância geométrica máxima entre os nós é de 18 (distância da rede) e a distância geodésica média é de 4,268097. A rede inteira é considerada grande pela distância entre os nós, são necessários 18 pulos para percorrer a rede toda. A densidade do grafo é de 0,000105877 (a medida vai de 0 a 1).

Iniciamos a análise pelo grau de conexão e mapeamos o indegree, “quantidade de menções e replies, que indicam respostas de outros usuários a si” (RECUERO, 2014a, p. 188), obtivemos o seguinte mapa:

Figura 21 – Mapa Indegree

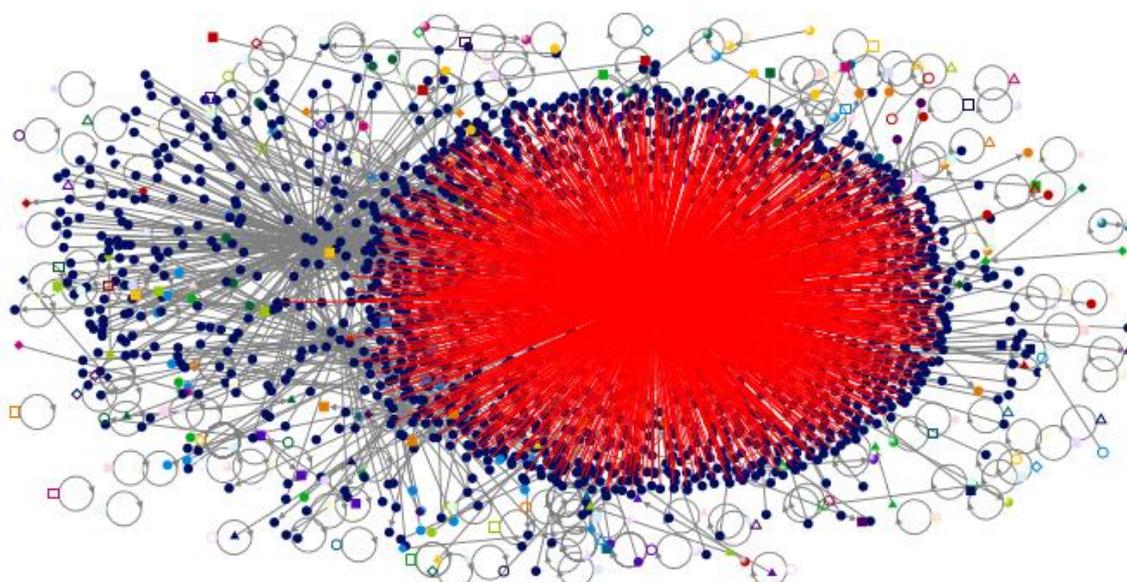


Fonte: NodeXL/elaboração da autora

Nesse grafo vemos os nós mais citados que os outros (quanto maior o desenho do nó expresso no grafo, maior o engajamento na conversação). Ao centro do grafo temos o nó @jeanwyllys_real que no período do movimento era deputado

federal filiado ao PSOL-RJ, mesmo partido de Marielle. Atualmente ele possui mais de 846 mil seguidores no *Twitter* e recebeu 2.343 menções, o que é considerado por Recuero (2014) como fator de influência no mapa pela popularidade e/ou reputação. O grafo a seguir (figura 22) representa as conexões do nó com o maior grau *indegree* da presente conversação. As linhas vermelhas (figura 22) simbolizam o grau de entrada de *tweets* em relação ao perfil @jeanwillys_real.

Figura 22 - Representação das conexões do perfil @jeanwillys_real



Fonte: NodeXL/elaboração da autora

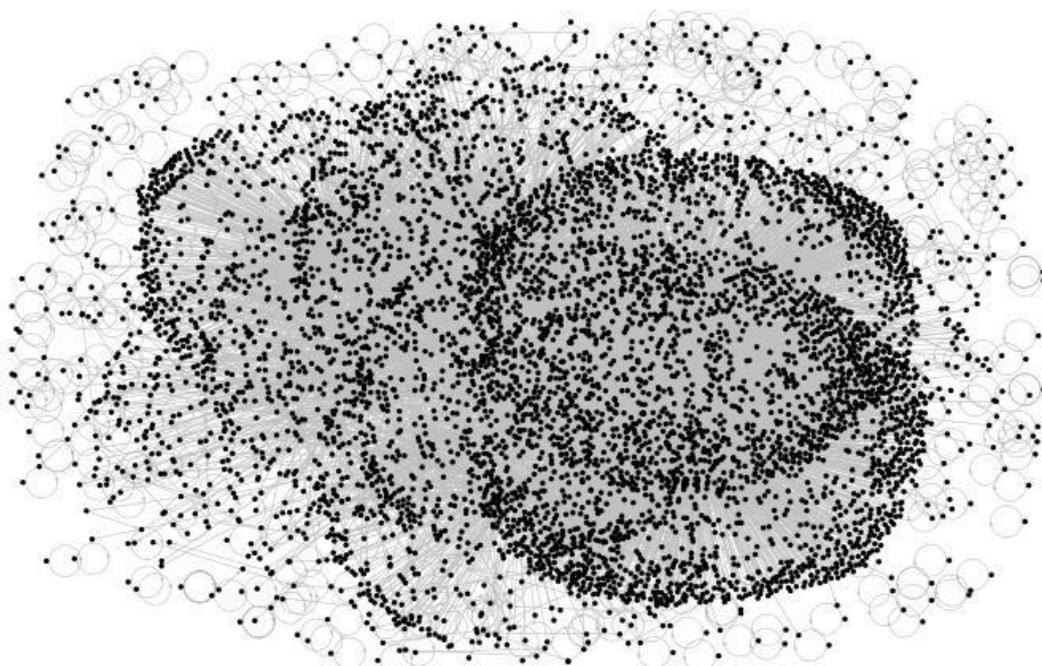
Ainda sobre o grau *indegree*, em segundo lugar temos o perfil @ivanvalente, também deputado federal pelo PSOL-RJ. Ele possui atualmente 174,3 mil seguidores e recebeu 1.762 menções. Em terceiro lugar temos o próprio perfil da Marielle @mariellefranco com 46,7 mil seguidores e 1.387 menções. Em quarto lugar temos @blogfeministas, perfil oficial do site Blogueiras Feministas, com mais de 54,4 mil seguidores e 1.060 menções. Seguidos de @oglobo, @globo_rio, @metropoles, @cartacapital e @guardian. Estes últimos se tratam de perfis oficiais de veículos de comunicação que expressaram sua indignação em relação ao assassinato de Franco.

Nesse grafo (figura 22) é possível constatar que o perfil de Jean Willys teve maior nível de centralidade *eigenvector* uma vez que essa medida é calculada através da sua influência entre os nós. Quanto maior o grau *indegree*, grau de

entrada, mais esse nó/ator foi citado/repostado por seus seguidores e seguidores de seus seguidores.

Já em relação ao *outdegree*, segundo fator de análise do grau de conexão, observamos o mapa com pontos menores:

Figura 23 - Mapa *Outdegree*



Fonte: NodeXL/elaboração da autora

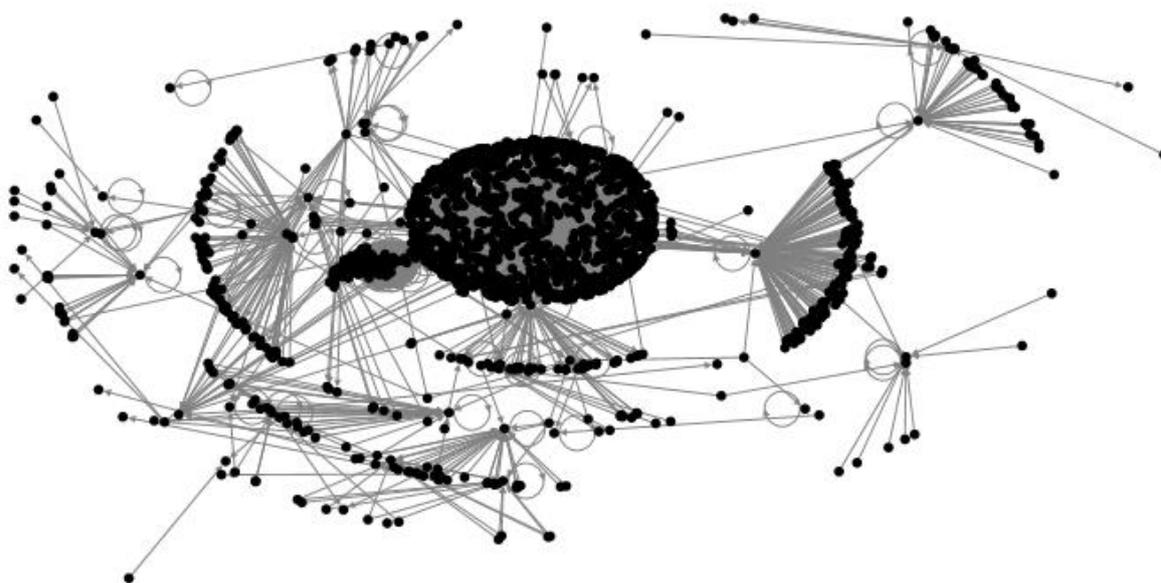
Os pontos no grafo representam o outdegree. Aqui, os tamanhos dos nós não são tão expressivos se comparados com o grafo anterior. Para Recuero (2014a), quanto maior o desenho do nó, maior sua representação no mapa. Os atores apresentados aqui nem sempre são os mesmos do *indegree*, como por exemplo @taisdeverdade e @camilapitanga. Esses perfis são de personalidades públicas, atrizes negras com reconhecimento nacional. Juntas elas possuem quase 3 milhões de seguidores no *Twitter*, fator que foi fundamental para promover o engajamento e a movimentação da rede. A maior parte dos outros atores envolvidos são perfis de pessoas comuns, com contas privadas.

Com essa característica voltamos ao net-ativismo que se trata de “movimentos anônimos, que recusam a hierarquização (...) A questão central que se coloca é: como podemos colaborar para resolver o problema?” (LEMOS e DI FELICE, 2014, p. 39). Esse tipo de ator-rede não possui tantas citações, mas eles fazem parte do dinamismo da rede, “cuja visibilidade decorre de outros nós, que os

citam enquanto desenvolvem posicionamentos, críticas e observações a respeito do contexto” (RECUERO, 2014a, p. 192). Ou seja, esses nós auxiliam na “manutenção e criação de contextos da conversação em rede” (2014a, p. 192).

Quanto ao grau de intermediação ou *betweness* chegamos ao seguinte mapa:

Figura 24 – Mapa *Betweness*



Fonte: NodeXL/elaboração da autora

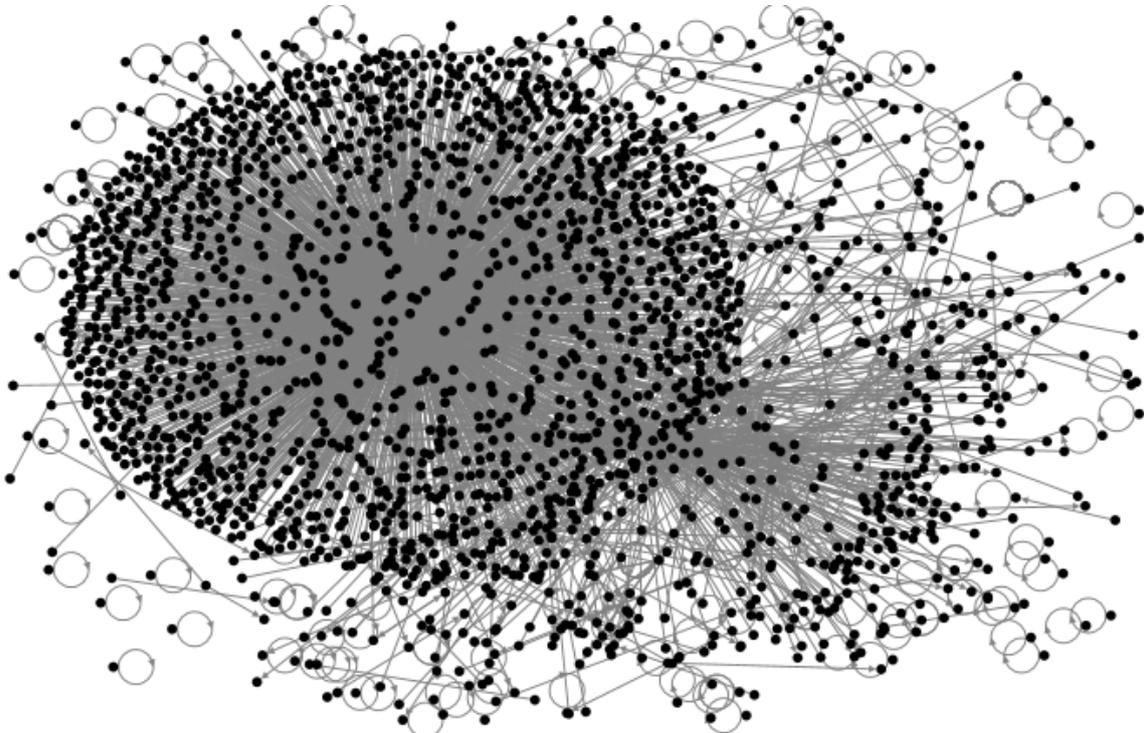
O grau *betweness* ou grau de intermediação indica os nós que mais conectam outros grupos diferentes do seu posicionamento na rede, mesmo que eles não sejam os participantes mais ativos da conversação. No grafo (figura 24) podemos ver que alguns nós isolados fazem o papel de intermediadores da conversação com determinados grupos.

Recuero (2014a) pontua que “sem esses atores e sua participação, que inclui diferentes grupos na conversação, boa parte da conversa tornar-se-ia inviável para os demais” (2014a, p. 185). Assim, esses nós são responsáveis pela mediação da comunicação entre os atores, “por exemplo, um nó com um grande valor de intermediação pode conectar grupos que estão mais distantes entre si, mas pode ter uma proximidade muito grande dos outros nós” (2014a, p. 193).

Di Felice (2017) nos lembra que em uma ecologia comunicativa da colaboração todos os atores do processo comunicativo contribuem para a construção do ambiente interativo, de maneira a substituir o conceito tradicional emissor – receptor para uma infinidade de interações entre usuários, redes, dados e dispositivos de conexão.

Por fim, chegamos a análise do grau de proximidade ou *closeness*:

Figura 25 – Mapa Closeness



Fonte: NodeXL/elaboração da autora

Recuero (2014a, p. 186) define essa métrica como instrumento de observação de nós que possuem menor participação, mas são imprescindíveis para a propagação da conversação. Aqui identificamos atores como @estadao, veículo de comunicação do estado de São Paulo; @brazildemocracy, perfil internacional de Nova Iorque, Estados Unidos, que defende as causas democráticas brasileiras; @lolaescreve, a primeira blogueira feminista brasileira; além de inúmeros perfis de pessoas anônimas. Esses nós atuam com grau de importância semelhante e simbolizam a proximidade desta conversação.

Além das quatro métricas apresentadas (grau de conexão: indegree e outdegree; grau de intermediação: betweenness; grau de proximidade: closeness e centralidade eigenvector), o software utilizado, NodeXL, permite a extração de outros elementos como as *hashtags* mais relacionadas com o assunto, as palavras mais utilizadas e as palavras mais utilizadas em pares.

Quadro 6 - Tops hashtags, top words e top words em pares

Top hashtags	Top words	Top words em pares
#mariellepresente	marielle	Quem, mandou
#marielle	quem	Matar, marielle
#quemmatoumarielle	matar	Mandou, marielle
#nãofoiassalto	crime	Sem, resposta
#mariellefranco		
#andersonpresente		

Fonte: elaboração da autora

As seis *hashtags* que mais apareceram na coleta dos dados mostram como esse recurso é contextual, ou seja, possui a capacidade de relacionar o *tweet* com o assunto do momento. Obviamente a hashtag mais utilizada foi a #mariellepresente, seguida de “quem matou Marielle?” e “Não foi assalto”. Essas duas hashtags ficaram entre os Trends Topics já poucas horas após a morte da vereadora, e expressam a indignação por parte dos internautas, que no atual momento (2020) se confirmou que Marielle realmente foi assassinada a mando de alguém que ainda não foi descoberto. As *top words* e *top words em pares* também são recursos que contextualizam o movimento e atua como indicadores de similaridade.

Para Matos (2009), os processos de articulação dos indivíduos em redes promovem não apenas o aprofundamento reflexivo de conversações informais, mas alimenta, principalmente, as práticas cívicas e participativas, contribuindo para o crescimento exponencial dos debates e trocas entre diferentes grupos sociais.

Esses dados nos mostram a potencialidade da conversação em rede na difusão das práticas comunicativas e informativas da contemporaneidade. Se trata de uma “complexidade maior, marcada por uma dimensão informativa que antecede as interações agregadoras e que estabelece uma particular dimensão conectiva capaz de alterar as próprias substâncias dos membros da rede” (DI FELICE, 2017, p. 196).

Os atores passaram a “criar ecologias interativas, dinâmicas e abertas que vêm a constituir o hábitat comunicativo que organiza o conjunto das arquiteturas e as próprias dinâmicas de interação em seu interior” (DI FELICE, 2017, p. 100). Portanto, a interação do processo comunicativo abandonou o modelo tradicional entre emissor e destinatário e se tornou autônoma e distribuída entre as infinitas arquiteturas informativas (blogs, sites, fóruns...), os dispositivos de conexão (notebook, smartphones, tablets...), os bancos de dados e as pessoas conectadas.

Precisamos pensar em uma dimensão comunicativa para além da simples troca de informações.

4.5 ARS: segundo nível de análise

Ainda segundo os autores Lemieux e Ouimet (2004), a segunda parte do nível de análise da ARS se trata do estudo do contexto. Para eles, a análise de redes sociais vai além da constatação de medidas e métricas, é preciso discutir o contexto da pesquisa através dos dados descritivos e quantitativos. Ou seja, essa etapa da análise “situa as métricas mais qualitativas e teóricas, que, conjuntamente com as métricas oferecidas pela teoria dos grafos, auxiliam a compreender a rede da qual se coletam os dados” (RECUERO, 2014b, p. 68-69).

Para Silva e Stabile (2016) a análise estrutural de redes sociais se aplica quando o objetivo do pesquisador está focado em pessoas e/ou grupos ou objetos que representam pessoas e/ou grupos. O foco desse tipo de metodologia está não um ator (nó) em específico, mas nas conexões que esse ator (ou atores) tem com os outros. Apesar de Scott (2004) enfatizar que a ARS é uma metodologia que não gera postulados absolutos sobre o funcionamento da sociedade, não há dúvidas que os algoritmos, métricas, visualizações, conexões e modos de ver as dinâmicas sociais geram conhecimento, para o campo da Comunicação, da Sociologia e da Política.

Recuero (2014b, p. 69) divide a segunda etapa de análise da ARS em três variáveis qualitativas a) Laços sociais - Permite a abordagem das redes a partir da conexão entre os atores sociais de forma particular. Essas conexões formam as estruturas sociais; b) Capital social - É um conceito que estuda os valores construídos na estrutura social. Aqui analisamos o grau de intermediação do atore e sua influência isolada sobre determinado grupo; e, c) Estrutura social - Identifica os padrões na estrutura social.

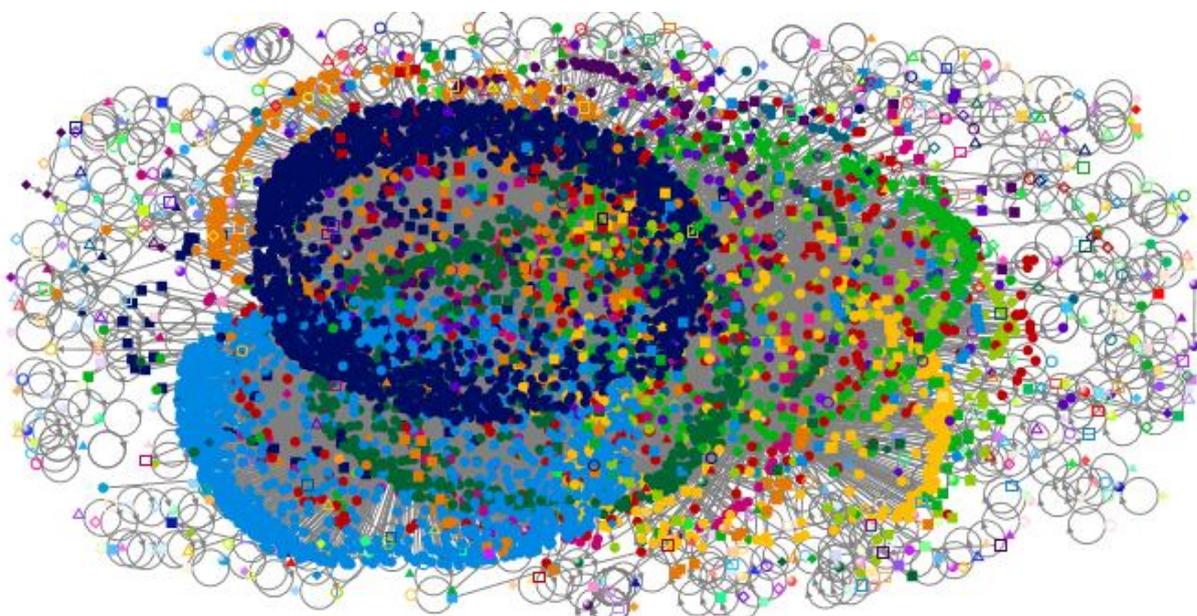
Recuero (2014b) apresenta uma discussão muito interessante sobre os vínculos entre laço social, relações sociais e interação social. Para ela, um laço que se trata de uma conexão entre dois atores, como por exemplo, os perfis @jeanwyllys_real e @mariellefranco, compõem uma relação social, que, por sua vez, compõem uma interação social. Outrora, a interação social é resultado de uma ação que tem reflexo comunicativo para o indivíduo e seus pares; e, a construção do

laço social não está exclusivamente ligado à interação. Nos laços de associação a interação parte do sentimento de pertencimento a determinado local, instituição ou grupo, ou seja, essas conexões são consideradas formais já que independem da vontade do indivíduo, bem como de investimento social.

Para melhor exemplificar essa segunda etapa de análise utilizamos como recurso o coeficiente de clusterização, que se refere a interconexão de uma rede. Clusters é um conjunto de nós mais densamente conectados que o restante da rede. Esse coeficiente atua como referência para medir quão densa é uma rede. Para Takana *et. al* (2015) “esta técnica possibilita a identificação de grupos com características homogêneas, que pode ser usada quando se tem pelo menos três variáveis numéricas” (TAKANA *et. al*, 2015, p. 36).

Nos dados coletados através do software *NodeXLPro* identificamos que o grau de clusterização da rede é 0,020, enquanto o grau de conexão médio é 3,148. O máximo *indegree* (nó com maior número de citações) é o @jeanwyllys com 2.343 menções. Quando mapeamos apenas o *cluster*, através dos nós com mais menções, observamos novamente que o grafo é bastante conectado.

Figura 26 – Mapa de Clusters



Fonte: NodeXL/elaboração da autora

No mapeamento dos clusters identificamos cinco mais relevantes (azul claro, azul escuro, verde, laranja e amarelo). Isso quer dizer que esta conversação possuiu cinco grupos que desempenharam os papéis de mantenedores da rede. Podemos perceber que no *Twitter* há uma manutenção dos laços sociais, para a ciência das

redes representa "com quem nos relacionamos" e "com que frequência". Segundo Recuero (2014b) as trocas que acontecem nas redes sociais geram o capital social, fenômeno que pode ser construído ou negociado pelos atores, permitindo o aprofundamento dos laços e a sedimentação dos grupos. Posto isto, entendemos que o capital social é a variável explanatória principal para se pensar no problema desta pesquisa.

Para Della Porta e Diani (2006), o capital social entre grupos favorece a descoberta de oportunidades para os indivíduos e a coletividade. Dessa forma, as redes fornecem condições para que a predisposição se transforme em ações, também influenciadas pelos laços estabelecidos e pelos canais de comunicação.

Matos (2009) compreende as TICs além de infraestrutura que materializa a esfera pública e permite a participação dos agentes sociais no processo de comunicação pública. Para a autora elas servem como uma nova rede de ampliação dos fluxos de informação, são "infovias construídas com base em uma série de recursos imateriais prévios, como confiança, reciprocidade e engajamento nas questões públicas, mantendo e renovando as condições de existência do capital social" (MATOS, 2009, p. 152).

Uphoff (2000) corrobora ao reconhecer cada vez mais que o capital social ajuda a entender quando, onde e porque a ação coletiva surge e se perpetua. Para o autor, o capital social é um aglomerado de diferentes tipos de "ativos sociais relacionados como o psicológico, cultural, cognitivo e institucional que aumentam o montante (ou a probabilidade) do comportamento cooperativo de benefício mútuo" (UPHOFF, 2000, p. 216).

Lin (2001), de acordo com seus estudos sobre conexões dos atores em rede, defende a existência de quatro fatores que explicam como os recursos disponíveis por meio das redes sociais condicionam os resultados das ações dos indivíduos: a) o fluxo é facilitado: os laços sociais colocados em posições estratégicas fornecem aos atores informações úteis sobre oportunidade e escolhas; b) esses laços influenciam os agentes que têm um papel importante nas decisões; c) os laços sociais podem ser concebidos como credenciais que garantam as possibilidades individuais de aceder recursos disponíveis em suas redes; e d) as relações sociais reforçam a identidade e o reconhecimento, ou seja, o reconhecimento público no que diz respeito ao direito de determinados recursos.

Destarte, a configuração dos atores em rede pode potencializar as ações de cada um favorecendo os objetivos coletivos e a solução de problemas, residindo, neste ponto, o reconhecimento de seu valor. Marteleto (2001) corrobora ao dizer que o estudo das redes demonstra uma realidade social contemporânea ainda pouco explorada, mas que expressa como os indivíduos, “dotados de recursos e capacidades propositivas, organizam suas ações nos próprios espaços políticos em função de socializações e mobilizações suscitadas pelo próprio desenvolvimento da rede (MARTELETO, 2001, p. 72).

Por conseguinte, percebemos que para a construção de uma ecologia de participação aberta como a do net-ativismo é preciso ir além da simples incorporação da internet nos processos comunicativos ou na difusão de mensagens.

A abordagem teórico-metodológica relacional do capital social visa compreender os dados que envolvem contato, vínculos e conexões, ligados aos agentes entre si. A teoria respalda a análise do padrão de relacionamentos sociais, as ligações fortes e fracas da rede social e o grau de centralidade de atores sociais envolvidos na rede (XIMENES, 2008, p. 393).

O movimento social é definido por Scherer-Warren (2008) como uma rede de caráter político que constrói uma identidade coletiva em um contínuo processo de formação política, resultante das interações múltiplas entre atores sociais e um projeto social, ou um movimento de ação net-ativista, como foi o Marielle Franco. A autora ainda argumenta sobre a estruturação das redes e a distribuição de poder. Para Scherer-Warren (2006) na constituição das redes há nós mais fortes que detêm maior poder de liderança, de influência, de direcionamento nas ações, do que os outros nós existentes na rede.

Como vimos no primeiro nível de análise baseado na ARS, os nós com os maiores índices de participação na disseminação dos *tweets* foram perfis do *Twitter* com grande engajamento e seguidores, como @jeanwillys_real e @ivanvalente, ambos eram deputados federais pelo PSOL-RJ e defendiam as lutas da Marielle. E também o aparecimento de grupos de comunicação como @globo_rio, @metropoles, @cartacapital e @guardian. Essa característica é importante de ser comentada pois, mostra como os grandes jornais passaram a expôr seus posicionamentos diante de situações conflituosas.

Diante dos resultados discutidos aqui e da complexidade das ações coletivas propostas pelos movimentos net-ativistas, como o movimento #mariellepresente, consideramos que a comunicação dialógica entre “humanos, circuitos informativos, interfaces, dispositivos de conexões, banco de dados, social network, imprensa, mídias etc” (DI FELICE, 2013b, p. 64) expressa um novo tipo de ato conectivo, que representa a dinâmica dos fluxos informacionais e do poder heteronômico das conexões.

A detecção dos laços de ligação dos atores sociais, ou, “quem se relaciona com quem” e “com que frequência”, possibilita a compreensão das “dependências dos atores sociais entre si, e a análise da interdependência das pessoas na rede social” (XIMENES, 2008, 394), fator esse que facilitou a concepção do todo relacional no processo de conquistas coletivas, e, inclusive, do movimento #MariellePresente.

Na ARS o mais importante a ser considerado são as formas que dão equilíbrio as diferentes tendências e como permitem (ou não) a autonomia dos atores sociais, e, principalmente a chegada de uma pauta social ou movimento em grupos que possuem menores índices de liderança, posicionamento e empoderamento nas redes. Nossa condição habitativa foi fortemente remodelada com o advento da conexão *wi-fi*, as *social networks* e a internet das coisas, tecnologias de conectividade que estão diretamente relacionadas com a alteração na dimensão informativa atual.

Assim, compreendemos as redes digitais como espaços democráticos com potencial de modificação social através dos processos interacionais. A conversação em rede está intrinsecamente ligada ao fator estrutural, de caráter técnico e, ao fator cognitivo, que são os laços sociais e a capital social. Se o net-ativismo é resultado da interação entre diversos actantes e da ecologia da sociabilidade e da democracia, é possível dizer que para compreender o movimento net-ativista #mariellepresente criado no Twitter enquanto provedor de novos modos de interações entre atores, tecnologias, territórios e redes, podemos considerar o capital social das redes digitais como principal esclarecedor desse fenômeno? Acreditamos que a abordagem-metodológica explanada aqui pôde indicar algumas pistas sobre a imensidão da complexidade comunicativa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa buscou responder à pergunta "como compreender o movimento #MariellePresente criado no *Twitter* enquanto provedor de novos modos de interações entre sujeitos, tecnologias, territórios e redes?" com o amparo da aplicação da abordagem teórico-metodológica Análise de Redes Sociais (ARS). Esta pesquisa foi importante porque pretendeu compreender as transformações das interações humanas, por meio do processo comunicacional complexo que ultrapassa os limites do ciberespaço, bem como analisar as maneiras pelas quais a evolução dos meios tecnológicos pode influenciar a formação e propagação dos manifestos net-ativistas, mais especificamente, o movimento Marielle Franco.

Os passos iniciais para a compreensão da uma rede perpassou pela discussão do que se trata; quais os elementos básicos que a compõe: nós ou atores, vínculos ou relações, e, os fluxos; os tipos de rede: centralizada, descentralizada ou distribuída. Para isso foi primordial a abordagem de elementos centrais apresentados pela Ciência das Redes.

O advento da globalização e das tecnologias da informação e comunicação (TICs) possibilitou uma nova forma de comunicação na sociedade. Essas mudanças tiveram forte influência na construção das relações sociais, das relações de poder, bem como no modo de comunicação entre as pessoas. Este cenário levou alguns autores a pensar em uma revolução da comunicação, revolução esta que tenciona as teorias tradicionalistas e altera os modelos de análises, já que se centra na evolução tecnológica.

Consideramos que a possibilidade de um novo conceito para a comunicação gira em torno da complexidade das ações coletivas propostas pelos movimentos net-ativistas. Nossa condição habitativa foi fortemente remodelada com o advento da conexão *wi-fi*, o *social networks* e a internet das coisas, tecnologias de conectividade que estão diretamente relacionadas com a alteração na dimensão informativa atual. Nosso objetivo não foi apresentar um posicionamento como verdadeiro ou falso, mas como uma tentativa de reflexão.

No âmbito das hipóteses, verificamos quais são os resultados específicos dos movimentos em termos sociais tangíveis. E qual é seu impacto sobre o sistema político e a formulação de políticas públicas, se é que há algum impacto. Também ampliamos o debate acerca do significado e das perspectivas dos movimentos

sociais em rede; expandimos e aprofundamos a observação; tanto quanto possível, na esperança de que estudiosos, ativistas e pesquisadores em ação venham a investigar, em tempo real, as práticas que, por todo o mundo, estão moldando as sociedades do século XXI.

A questão do sujeito nas mobilizações sociais é de extrema relevância para a discussão do presente trabalho. Quem eram os manifestantes que saíram as ruas em prol do movimento #mariellepresente? Para Touraine (1997) ser sujeito é quando o ator em seu meio social expressa sua participação através da voz, atuação, posicionamento e tem a capacidade de modificar o ambiente social em que está inserido. Novaes (2014) complementa ao dizer que o sujeito ocupante das ruas em manifestações sociais, como as que ocorreram nas ruas brasileiras em março de 2018, é singularizado. As diferentes singularidades teceram uma nova voz que foi ouvida por toda o país, “o sujeito tornou-se o produtor da informação que percorre a rede acompanhada de julgamentos que instigam o ativismo social porque elevam os níveis de consciência geral” (Novaes, 2014, p.2).

Quanto a abordagem metodológica, compreendemos que a ARS seria o percurso com maiores contribuições para o trabalho porque apresenta três grandes pontos: (a) foco empírico: a abordagem coloca no centro da pesquisa os dados empíricos, apresenta mecanismos de sistematização de coleta e análise de dados, além de auxiliar "a mapear e observar as estruturas construídas através das interações de centenas ou milhares de atores, oferecendo ferramentas que auxiliam tanto pequenos casos quanto casos onde há uma grande quantidade de dados (RECUERO, 2014b, p. 75); (b) abordagem interdisciplinar: A ARS serve tanto para as ciências sociais e humanas como para as ciências exatas, bem como permitir “o diálogo com várias perspectivas científicas, fundamentando uma pesquisa interdisciplinar real que é tão necessária no estudo das redes sociais online” (2014b, p. 76); e, (c) foco nos padrões e na estrutura: auxilia “a perceber e estabelecer melhor as interrelações entre os conceitos teóricos trabalhados (tais como capital social, comunidades virtuais e etc.) com os dados empíricos coletados dos públicos em rede” (2014b, p. 76).

O caso #MariellePresente é um exemplo de movimento de reivindicação que nasceu na web e chegou aos espaços físicos. Os resultados que obtivemos mostraram que a conversação em rede reúne diferentes actantes com papéis

diferentes. Alguns participam mais, outros menos. Alguns possuem milhares de seguidores no *Twitter* e outros não chegam a uma centena. Mas todos atuam em sinergia, com grande importância para o acontecimento. Todavia, o movimento não tem como obrigação chegar a um resultado concreto para ser considerado como ação net-ativista. Sua condição está firmada na imprevisibilidade e incerteza. As próprias interações determinam os caminhos a percorrer.

Levamos em consideração o papel das redes sociais da Internet (*Facebook, Twitter, Youtube, etc*) como esferas públicas. As arquiteturas informativas servem como espaço de participação autônoma, espontânea e fora das agências de monopolização institucionais como os partidos políticos e sindicatos. Da Primavera Árabe às Jornadas de Junho, a estrutura organizacional desses movimentos foi influenciada não pelo simples acesso à Internet, mas pela forma aberta, reticular e informal que só é possível através do modelo de rede distribuído. A conexão e troca contínua de informações ampliou até mesmo as possibilidades de se fazer jornalismo online durante as manifestações ou atos de protestos.

A indignação citada por Manuel Castells é o fio que movimenta os atores sociais e os une às tecnologias da comunicação e informação. Nas profundezas do desespero surge um sonho: reinventar a democracia de acordo com os princípios que são amplamente negligenciados no dia a dia, como o caso Marielle Franco que representou e ainda representa a morte das mulheres negras, faveladas, de baixa renda, que lutam pela causa LGBT, pelas crianças e adolescentes negros marginalizados que morrem todos os dias assassinados pela polícia.

Com o desenvolvimento da presente pesquisa podemos compreender a força do capital social na ecologia colaborativa do net-ativismo. Pesquisar o ativismo online possui suas dificuldades, pois trabalha com ações e discursos que se retroalimentam, gerando uma imensidão de dados e desdobramentos bastante difíceis de filtrar e mapear. Os softwares, como o *NodeXLPro*, auxiliam na realização das pesquisas e análises de redes, apesar de possuir inúmeros limites metodológicos. Estamos cientes das limitações dos resultados alcançados e que eles representam apenas uma parcela do que realmente são os movimentos em rede.

Com a expansão e popularização das conexões digitais, a sociedade tem criados outros hábitos, novos costumes e desenvolvido outras formas de pensar e

agir. Através do novo imaginário coletivo as pessoas passaram a expressar suas opiniões políticas e sociais com a ajuda das TICs. Este imaginário transmuta-se para a inteligência coletiva e é convertido em novas ações e hábitos. O maior impacto da presente pesquisa foi perceber como as ferramentas tecnológicas colocaram (e colocam) a sociedade como protagonista de mudanças sociais e como indivíduos na busca pela afirmação da cidadania.

Quanto as perspectivas futuras da pesquisa pretendemos trilhar novos caminhos nos próximos anos dentro do programa de doutorado. O objetivo é ampliar a busca pela compreensão das redes conectivas como portadoras de uma nova arquitetura informativa e nova forma de comunicação (transorgânica e ecológica). A possibilidade de expansão dos dados coletados é eminente e faz parte da condição habitativa complexa e aberta das próprias redes.

REFERÊNCIAS

- BABO, I. Redes e ativismo. In: DI FELICE, M.; PEREIRA, E.; ROZA, E. (orgs). **Net-ativismo: redes digitais e novas práticas de participação**. Campinas: Papyrus, 2017. p. 77-88.
- BARÁBASI, A. **Linked. A nova ciência dos networks**. São Paulo: Leopardo, 2009. Disponível em <https://pt.scribd.com/doc/256031949/LINKED-A-nova-ciencia-dos-networks> Acesso em 27 de jan. de 2019.
- BARAN, P. **On Distributed Communications Networks**, The RAND Corporation, Santa Monica, California, Sep 1962. Disponível em <https://www.rand.org/content/dam/rand/pubs/papers/2005/P2626.pdf> Acesso em 27 de jan. 2019.
- BBC BRASIL. **O que são e como agem as milícias acusadas de matar Marielle Franco**. 15 de dezembro de 2018. Disponível em <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-46559926> Acesso em 27. Dez. 2019.
- BOBBIO, Norberto. **Teoria Geral do Direito**. Tradução Denise Agostinetti; 3ª ed. - São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- BOURDIEU, P. **The forms of capital**. In: RICHARDSON, J. G. (Ed.). Handbook of theory and Research for Sociology of Education. Westport: Greenwood Press, 1983.
- BOYD, D. M.; ELLISON, N. B. **Social network sites: definition, history, and scholarship**. Journal of Computer-Mediated Communication, -Mediated Communication Indiana, v. 13, n. 1, Oct. 2007. Disponível em <http://jcmc.indiana.edu/vol13/issue1/boyd.ellison.html> Acesso em: 17 fev. 2019.
- CARTA CAPITAL. **Assassinos de Marielle Franco planejaram o crime durante três meses**. 12 de março de 2019. Disponível em <https://www.cartacapital.com.br/politica/pms-sao-presos-suspeitos-da-morte-de-marielle-franco/> Acesso em 02. Abril. 2019.
- CARVALHO, J. M. **Cidadania no Brasil**. O longo Caminho. 3ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.
- CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- _____. **A galáxia da internet: reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- _____. **O poder da comunicação**. 2. Ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017a.
- _____. **Redes de indignação e esperança**. Rio de Janeiro: Zahar, 2017b.
- COLEMAN, J. S. **Social Capital and the Creation of Human Capital**. American Journal of Sociology, n. 94, p.S95-S120, 1988.
- CONGRESSO EM FOCO. **Polícia prendeu 2.608 nos protestos de junho**. 02 de junho de 2014. Disponível em <https://congressoemfoco.uol.com.br/especial/noticias/policia-prendeu-2-608-nos-protestos-de-junho/> Acesso em 07. Jan. 2020.
- CORREIO BRAZILIENSE. **Morte de Marielle causa revolta entre os famosos e fica em 1º no Twitter**. 15 de março de 2018. Disponível em https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica/2018/03/15/interna_politica,666348/marielle-chega-ao-1-lugar-nos-trending-topics-do-twitter-mundial.shtml Acesso de 10. Jan. 2020.
- COTTA, C.; PEREIRA, J.; FONSECA, C. Redes de movimentos sociais: a atuação em rede do movimento feminista na América Latina. In: **Revista Tecnologia e Sociedade**, Curitiba,

n. 20, jul./dez. p. 188-200, 2014. Disponível em <https://periodicos.utfr.edu.br/rt/article/viewFile/2650/1752> Acesso em 10. Jan. 2020.

DI FELICE, M. Net-ativismo e ecologia da ação em contextos reticulares. In: **Contemporânea**: Revista de Comunicação e Cultura (on-line). Salvador, v. 11, n. 02, p. 267-283, 2013a. Disponível em <http://www.portalseer.ufba.br/index.php/contemporaneaposcom/article/viewFile/8235/6497> Acesso em 03. Jul. 2018.

_____. Ser redes: o formismo digital dos movimentos net-ativistas. In: **Matrizes**. Ano 7 – nº 2 jul./dez. 2013b - São Paulo - Brasil – p. 49-71. Disponível em <file:///D:/Downloads/69406-Article%20Text-91866-1-10-20131220.pdf>. Acesso em 01. Ago. 2018.

_____. **Net-ativismo**: da ação social para o ato conectivo. 1. ed. São Paulo: Paulus, 2017.

DELLA PORTA, D.; DIANI, M. **Social movements**: An Introduction. Malden, MA: Blackwell Publishing, 2006.

ESTEVEENS, J. **Este país não é para novos**: realidades demográficas e reconfigurações políticas na primavera árabe. Working Paper n.º50. Universidade Nova de Lisboa. Abril de 2013, p. 1-18. Disponível em http://www.ipri.pt/images/publicacoes/working_paper/pdf/WP50_JE_300413.pdf Acesso em 30. Fev. 2019.

FREEMAN, L. **The Development of Social Network Analysis**: A Study in the Sociology of Science. Vancouver, Empirical Press, 218 p, 2004.

GABARDO, A. **Análise de redes sociais** - uma visão computacional. São Paulo: Novatec Editora, 2015.

GODOY, A. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. In: **Revista de Administração de Empresas**. EAESP/FGV, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63, 1995. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/rae/v35n3/a04v35n3>. Acesso em 08. jan. 2018.

GOMES, H. **Teoria de redes sociais aplicada ao problema de classificação online com mudança de conceito**. (Dissertação em Informática). Universidade Católica do Paraná, 2012. Disponível em https://www.ppgia.pucpr.br/pt/arquivos/mestrado/dissertacoes/2012/heitor_murilo_vf.pdf Acesso em 02. abril. 2019.

GOMIDE, M; SCHULTZ, G. **Análise de redes sociais e práticas avaliativas**: desafios à vista. Physis Revista de Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, 25 [3]: 819-842, 2015. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/physis/v25n3/0103-7331-physis-25-03-00819.pdf> Acesso em 12. Jan. 2018.

GOFFMAN, E. **A Representação do Eu na Vida Cotidiana**. Petrópolis: Ed. Vozes, 1975.

GRANOVETTER, M. **The Strenght of Weak Ties**. The American Journal of Sociology, vol. 78, n. 6, p.1360-1380, maio de 1973.

GROSSETTI, M. **Dynamiques des réseaux et des cercles**. Encastrements et découplages. Revue d'économie industrielle, v. 2, p. 327-355, 2003.

_____. **Sociologie de l'imprevisible**. Dynamiques de l'activité des formes sociales. Paris: PUF Collection, 2004. 225p.

GUIMARÃES, M. Os movimentos sociais e a luta pelo direito à cidade no Brasil contemporâneo. IN: **Serv. Soc. Soc.**, São Paulo, n. 124, p. 721-745, out./dez. 2015. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/sssoc/n124/0101-6628-sssoc-124-0721.pdf> Acesso em 15. Fev. 2020.

G1/RJ. **Manifestantes protestam pelo país contra a morte de Marielle Franco.** 15 de março de 2018. Disponível em <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/manifestantes-protestam-pelo-pais-contr-a-morte-de-marielle-franco.ghtml> Acesso em 10. Jan. 2020.

G1/SP. **Manifestantes se reúnem em SP para pedir impeachment de Dilma.** Disponível em <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2016/03/manifestantes-chegam-av-paulista-para-pedir-impeachment-da-dilma.html> Acesso em 10. Jan. 2020.

HABERMAS, J. Uma conversa sobre questões da teoria política. In: **Novos Estudos CEBRAP**, nº 47, mar. São Paulo: Ed. Brasileira de Ciências Ltda, 1997.

IBGE. **Uso de Internet, televisão e celular no Brasil.** Disponível em <https://educa.ibge.gov.br/criancas/brasil/2697-ie-ibge-educa/jovens/materias-especiais/20787-uso-de-internet-televisao-e-celular-no-brasil.html> Acesso em 10. Jan. 2020.

KERCKHOVE, D. **A pele da cultura.** 1. ed. São Paulo: Anablume, 2009.

LEMIEUX, V.; OUIMET M. **Análise Estrutural das Redes Sociais.** Lisboa, Instituto Piaget, 132 p. 2004.

LEMOS, A. **Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea.** Porto Alegre: Sulina. 2013.

LEMOS, R.; DI FELICE, M. **A Vida em Rede.** Campinas: Papirus 7 Mares, 2014.

LÉVY, P. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática** (2ª ed.- Costa, C. I. Trad.). Rio de Janeiro: Ed. 34, 2010.

_____. **Cibercultura.** 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2000.

LIMA, J.; MOURA, K. **Mineração de dados em redes sociais usando o Nodexl.** 2016. Disponível em <https://docplayer.com.br/8863498-Mineracao-de-dados-em-redes-sociais-usando-o-nodexl-data-mining-in-social-networks-using-nodexl-resumo.html> Acesso em 7. Jan. 2020.

LIN, N. Social Capital. **A Theory of Social Structure and Action.** Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

MAGALHÃES, M. **Net-ativismo e ações colaborativas em redes sociais digitais: um estudo sobre as formas de net-ativismo exercidas nas redes sociais portuguesas.** Tese de doutoramento - Universidade de Lisboa/FCSH. Lisboa, 2018. Disponível em https://run.unl.pt/bitstream/10362/28840/1/Tese%20de%20doutoramento_Marina%20Magalhães%20de%20Moraes.pdf Acesso em 20.out. 2018.

MANCE, E. **Teorias de Rede - Introdução Conceitual e Elementos Organizativos.** Instituto de Filosofia de Libertação Solidaris Brasil. 2017. Disponível em http://euclidesmance.net/docs/teorias_de_rede.pdf. Acesso em 27 de jan. de 2019.

MAINIERI, T.; ROMANI, D. Comunicação, internet e contra-hegemonia: o interesse público na sociedade midiaticizada. In: MORAES, A; SIGNATES, L.. (Org.). **Cidadania Comunicacional: teoria, epistemologia e pesquisa.** Goiânia: Gráfica UFG, 2016.

MARSHALL, T.H. **Cidadania, classe social e status.** Rio de Janeiro: Zahar, 1967.

MARTELETO, R. **Análise de redes sociais - aplicação nos estudos de transferência da informação.** Ci. Inf., Brasília, v. 30, n. 1, p. 71-81, jan./abr. 2001. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/ci/v30n1/a09v30n1.pdf>. Acesso em 07. mar. 2019.

_____. **Redes sociais, mediação e apropriação de informação: situando campo, objetos e conceitos na pesquisa em ciência da informação.** Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação. Brasília, v.3, n.1, p.27-46, jan/dez. 2010.

MATOS, H. **Capital social e comunicação**: interfaces e articulações. São Paulo: Sumus, 2009.

MCLUHAN, M. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. 4. ed. São Paulo: Cultrix, 1964.

MILANESE, M. G. **A Tecnologia da informação e as redes de relacionamento**: Estudo de Caso na XYZ Engenharia, 2009(143 p.). Trabalho de Conclusão de Estágio (Graduação em Administração) do Curso de Administração, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

MORAES, A.; SIGNATES, L. (Org.). **Cidadania Comunicacional**: teoria, epistemologia e pesquisa. Goiânia: Gráfica UFG, 2016.

NAGEL HULLEN, A. Cidadania e direitos sociais no Brasil: um longo percurso para o acesso aos direitos fundamentais. IN: **Rev. secr. Trib.** perm. revis. Año 6, Nº 11; Abril 2018; pp. 213-227. Disponível em http://scielo.iics.una.py/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2304-78872018001100213 Acesso em 15. Fev. 2020.

NEGROPONTE, N. **A Vida digital**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. 231 p.

NOVAES, M. **Movimentos Sociais Baseados em Rede ou o Que Diz a Voz do Povo**. Disponível em <http://espacoacademico.wordpress.com/2013/06/25/a-respeito-das-manifestacoes-ocorridas-no-brasil-movimentos-sociais-baseados-em-rede-ou-o-que-diz-a-voz-do-povo/>. Acesso em 13. Abril. 2020.

O GLOBO RIO. **Marielle franco, negra, moradora da Maré, a quinta vereadora mais votada do Rio**. 14 de março de 2018. Disponível em <https://oglobo.globo.com/rio/marielle-franco-negra-moradora-da-mare-a-quinta-vereadora-mais-votada-do-rio-22491120> Acesso em 02. Abril. 2019.

O GLOBO RIO. **Operação prende suspeitos de envolvimento no assassinato de Marielle Franco**. 22 de janeiro de 2019. Disponível em <https://oglobo.globo.com/rio/operacao-prende-suspeitos-de-envolvimento-no-assassinato-de-marielle-franco-23389700> Acesso em 02. Abril. 2019.

PORTES, A. **Capital social**: origens e aplicações na Sociologia contemporânea. Sociologia, Problemas e Práticas, n. 33, 2000.

PUTNAM, R. D. **Bowling alone**. New York: Simon & Schuster, 2002.

RECUERO, R. **A conversação em rede**: comunicação mediada por computadores e redes sociais na internet. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2014a.

_____. **Contribuições da Análise de Redes Sociais para o estudo das redes sociais na Internet**: o caso da hashtag #Tamojuntodilma e #CalaabocaDilma. revista Fronteiras – estudos midiáticos 16(2): 60-77 maio/agosto, 2014b. Disponível em file:///C:/Users/Elisa/Desktop/4860-24944-1-PB.pdf. Acesso em 15. Mar. 2019.

_____. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009. Disponível em <http://www.ichca.ufal.br/graduacao/biblioteconomia/v1/wp-content/uploads/redessociaisnainternetrecuero.pdf> Acesso em 20. Ago. 2018.

ROCK CONTENT. **Quais são as redes sociais mais usadas no Brasil em 2019?** 20 de setembro de 2019. Disponível em <https://rockcontent.com/blog/redes-sociais-mais-usadas-no-brasil/> Acesso em 10 de Jan. 2020.

ROZA, E.; MELO, R. A experiência net-ativista das vadias no Brasil. In: DI FELICE, M.; PEREIRA, E.; ROZA, E. (orgs). **Net-ativismo**: redes digitais e novas práticas de participação. Campinas: Papyrus, 2017. p. 151-168.

ROZA, E. **Net-ativismo**: comunicação e mobilização em contextos reticulares. Dissertação (Dissertação em comunicação) - Universidade de São Paulo. São Paulo, 2012. Disponível em <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27152/tde-20052013-151543/publico/ErickAndreRozafinal.pdf>. Acesso em 27 de jan. de 2019.

SANTAELLA, L. **Navegar no ciberespaço**: o perfil cognitivo do leitor imersivo. São Paulo: Paulus, 2004.

SCHERER-WARREN, I. Das Mobilizações as redes de movimentos sociais. In: **Revista Sociedade e Estado**, UNB, V.21, n.1, 2006, p. 109-130.

_____. Redes de movimentos sociais na América Latina: caminhos para uma política emancipatória? In: **Cadernos CRH (online)**, 2008 vol. 21, n.54.

SCOTT, J. 2004. **Social Network Analysis**: A handbook. 2ª ed., Londres, Sage, 208 p.

SILVA, C.; SARAGOÇA, J. Análise de redes sociais e Sociologia da acção. Pressupostos teórico-metodológicos. In: **Revista Angolana de Sociologia**. 2013, p. 91-106. Disponível em <https://pt.scribd.com/document/347066646/Analise-de-Redes-Sociais-e-Sociologia-Da-Accao-Pressupostos-Teorico-metodologicos> Acesso em 02. abril. 2019.

SILVA, Tarcízio; STABILE, Max. (Org.) **Monitoramento e pesquisa em mídias sociais**: metodologias, aplicações e inovações. São Paulo: Uva Limão, 2016.

SILVEIRA, Sérgio Amadeu Silveira. Novas dimensões da política: protocolos e códigos na esfera pública interconectada. In: **Revista de Sociologia e Política**, v. 17, n. 34, p. 103-113, Curitiba, outubro, 2009.

SOUSA, J. P. **Uma história breve do jornalismo no Ocidente**, 2008. Biblioteca On-Line de Ciências da Comunicação. Disponível em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-uma-historia-breve-do-jornalismo-no-ocidente.pdf> Acesso em 02. Abril. 2019.

SUPER INTERESSANTE. **Quem foi Marielle Franco, a vereadora executada no Rio**. 15 de março de 2018. Disponível em <https://super.abril.com.br/sociedade/quem-foi-marielle-franco-a-vereadora-executada-no-rio/> Acesso em 02. Abril. 2019.

TANAKA, O. *et al.* Uso da análise de clusters como ferramenta de apoio à gestão no SUS. In: **Saúde e Sociedade**. vol.24 no.1 São Paulo jan./mar. p.34-45, 2015. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/sausoc/v24n1/0104-1290-sausoc-24-1-0034.pdf> Acesso em 10. Jan. 2020.

TOURAINÉ, A. **Iguais e Diferentes**. Podemos Viver Juntos? Lisboa, Portugal: Instituto Piaget, 1997.

UPHOFF, N. Understanding social capital: learning from the analysis and experience of participation. In: DASGUPTA, P.; SERAGELDIN, I. Social capital. **A multifaceted perspective**. Washington: The International Bank for Reconstruction and Development/The World Bank, 2000.

VALLA, V. V. Sobre participação popular: uma questão de perspectiva. In: Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, 14(Sup. 2):7-18, 1998. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/csp/v14s2/1322.pdf> Acesso em 10. Jan. 2020.

VILLELA, M. **Ativismo Digital**: Um estudo sobre blogs ativistas. Dissertação de Mestrado. Instituto de Ciência Política da Universidade de Brasília. Brasília, 2012. Disponível em

https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/11658/1/2012_MarinaCruzVieiraVillela.pdf Acesso em 15. Fev. 2020.

XIMENES, T. **Capital social, redes sociais e inovações produtivas**. Ambient. soc. vol.11 no.2 Campinas, p. 389-404. 2008. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-753X2008000200012&lng=pt&tlng=pt Acesso em 10. Fev. 2020.

WELLMAN, B. **Physical place and cyberplace: the rise of personalized networking**. International Journal of Urban and Regional Research, v. 25, n. 22, p. 227-252, Feb., 2001. Disponível em <http://groups.chass.utoronto.ca/netlab/wp-content/uploads/2012/05/Physical-Place-and-Cyber-Place-The-Rise-of-Personalized-Networking.pdf>. Acesso em: 23. mar. 2019.